



EOIN COLFER

ARTEMIS FOWL

UMA AVENTURA NO ÁRTICO

THE AMERICAN ARMY
AND AIR FORCE
JUNIOR ROTARY
PROGRAM
SUPPORTS



EÓIN COLFER

ARTEMIS FOWL

UMA AVENTURA NO ÁRTICO

Tradução de ALVES CALADO

Título original inglês:

ARTEMIS FOWL - THE ARCTIC INCIDENT

Eoin Colfer, 2002

Ilustração de capa: Tony Fleetwood

SUMÁRIO

Artemis Fowl: uma avaliação psicológica

Prólogo

Capítulo 1 Laços familiares

Capítulo 2 O resgate de Chix

Capítulo 3 Entrando no subterrâneo

Capítulo 4 Fowl é justo

Capítulo 5 A filhinha do papai

Capítulo 6 Oportunidade fotográfica

Capítulo 7 Ligando os pontos

Capítulo 8 Para a Rússia com tudo em cima

Capítulo 9 Não existe Porto Seguro

Capítulo 10 Encrenca e brigas

Capítulo 11 Fogo de palha

Capítulo 12 Os rapazes voltaram

Capítulo 13 Entrando na fenda

Capítulo 14 Dia dos pais

Um epílogo ou dois

ARTEMIS FOWL: UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

EXTRAÍDO DE OS ANOS DE ADOLESCÊNCIA

Aos treze anos o objeto de nosso estudo, Artemis Fowl, mostrava sinais de um intelecto muito superior ao de qualquer ser humano desde Wolfgang Amadeus Mozart. Artemis tinha derrotado o campeão europeu de xadrez Evan Kashoggi num torneio pela Internet, patenteado mais de vinte e sete invenções e vencido o concurso de arquitetura para projetar o novo teatro de ópera de Dublin. Também havia escrito um programa de computador que desviou milhões de dólares de contas em bancos suíços para suas próprias contas, falsificou mais de uma dúzia de quadros impressionistas e conseguiu arrancar uma quantia substancial de ouro do povo das fadas.

A questão é: Por quê? O que levou Artemis a se envolver em empreendimentos criminosos? A resposta está com seu pai.

Artemis Fowl I era chefe de um império criminoso que ia das docas de Dublin aos becos de Tóquio, mas tinha ambições de se estabelecer como empresário legítimo. Comprou um navio cargueiro, encheu-o com 250.000 latas de refrigerante e

rumou para Murmansk, no norte da Rússia, onde havia montado um negócio que se provaria lucrativo nas décadas seguintes.

Infelizmente a Mafiya russa decidiu que não queria um magnata irlandês pegando uma fatia dos seus negócios, e afundou o *Estrela Fowl* na baía de Kola. Artemis Fowl I foi declarado desaparecido, supostamente morto.

Agora Artemis Júnior era o cabeça de um império com verbas limitadas. Para restaurar a fortuna da família, embarcou numa carreira criminosa que lhe garantiria mais de quinze milhões de libras em apenas dois anos.

Essa vasta fortuna foi gasta principalmente financiando expedições de resgate na Rússia. Artemis se recusava a acreditar que seu pai estava morto, mas cada dia que passava fazia isso parecer mais provável.

Artemis evitava outros adolescentes e se ressentia de ser mandado à escola, preferindo passar o tempo tramando o próximo crime.

Assim, ainda que o envolvimento com o levante dos goblins durante o décimo quarto ano de sua vida viesse a ser traumático, aterrorizante e perigoso, foi provavelmente a melhor coisa que poderia ter acontecido. Pelo menos ele passou algum tempo ao ar livre e conheceu gente nova.

É uma pena que a maioria delas estivesse tentando matá-lo.

Relatório compilado por: Doutor J. Argônio, psicólogo comportamental, para os arquivos da Academia da LEE

PRÓLOGO

MURMANSK, NORTE DA RÚSSIA, HÁ DOIS ANOS

OS DOIS RUSSOS SE ENCOLHIAM em volta de um barril cheio de fogo, numa tentativa inútil de afastar o gelo do Ártico. A baía de Kola não era um local onde você gostaria de estar depois de setembro, especialmente em Murmansk. Em Murmansk, até os ursos polares usavam cachecol. Nenhum lugar era mais frio, a não ser, talvez, Norilsk.

Os homens eram capangas da Mafiya, e estavam mais acostumados a passar as noites dentro de BMWs roubados. O maior dos dois, Mikhael Vassikin, olhou para o Rolex falso sob a manga de seu casaco de pele.

— Esse negócio pode acabar congelando — falou, olhando o contador de mergulho. — E aí o que eu vou fazer com ele?

— Pare de reclamar — disse aquele que se chamava Kamar. — Para começar, é culpa sua a gente estar preso aqui do lado de fora.

Vassikin fez uma pausa.

— O quê?

— Nossas ordens foram simples: afundem o *Estrela Vermelha*. Você só precisava explodir a área de carga. Era um navio bem grande, Deus sabe. É só explodir a área de carga e lá se vai ele. Mas não, o grande Vassikin acerta a proa. Nem mandou um foguete a mais para terminar o serviço. E agora a gente tem de procurar sobreviventes.

— Ele afundou, não afundou? Kamar deu de ombros.

— E daí? Ele afundou devagar, com tempo suficiente para os passageiros se agarrarem a alguma coisa. Vassikin, o famoso atirador de elite! Minha avó era capaz de atirar melhor.

Lyubkhin, o homem da Mafiya no cais, se aproximou antes que a discussão pudesse virar uma briga.

— Como vão as coisas? — perguntou o yakut, o siberiano que parecia um urso.

Vassikin cuspiu por cima do muro do cais.

— O que você acha? Encontrou alguma coisa?

— Peixe morto e caixotes quebrados — disse o yakut, oferecendo aos dois capangas uma caneca fumegante. — Nada vivo. Já faz oito horas. Eu tenho homens bons dando buscas daqui até o Cabo Verde.

Kamar bebeu um gole grande, depois cuspiu enojado.

— Que coisa é essa? Piche? Lyubkhin gargalhou.

— Refrigerante quente. Do *Estrela Fowl*. Estão chegando à costa, caixotes e mais caixotes. Esta noite nós estamos realmente na baía de Kola.

— Cuidado — disse Vassikin, derramando o líquido na neve. — Este tempo está azedando meu humor. Então chega de piadas sem graça. Já basta eu ter de ficar escutando o Kamar.

— Não vai demorar muito mais — murmurou o parceiro. — Só mais uma varredura e nós vamos parar com as buscas. Nada poderia sobreviver oito horas nessas águas.

Vassikin estendeu sua caneca vazia.

— Você não tem nada mais forte? Um gole de vodka para afastar o frio? Eu sei que você sempre tem uma garrafinha escondida por aí.

Lyubkhin enfiou a mão no bolso, mas parou quando o *walkie-talkie* no seu cinto começou a emitir estática. Três zumbidos curtos.

— Três toques. É o sinal.

— Sinal de quê?

Lyubkhin saiu correndo pelo cais, gritando por cima dos ombros.

— Três toques no rádio. Significa que a unidade K9 achou alguém.

O sobrevivente não era russo. Isso era óbvio pelas roupas. Tudo, desde o terno elegante até o sobretudo de couro, tinha sido comprado obviamente na Europa Ocidental, talvez até na América. Eram peças muito bem cortadas, e feitas com material da maior qualidade.

Ainda que as roupas do sujeito estivessem relativamente intactas, o corpo não tinha se saído tão bem. Os pés descalços e as mãos estavam pintalgados pelo congelamento. Uma perna pendia estranhamente frouxa abaixo do joelho, e o rosto era uma horrível máscara de queimaduras.

A equipe de busca tinha-o carregado desde uma ravina de geleira que ficava três quilômetros ao sul do porto, numa maca improvisada com lona. Os homens se amontoavam em volta do prêmio, batendo os pés para afastar o frio que penetrava nas botas. Vassikin abriu caminho a cotoveladas, ajoelhando-se para olhar mais de perto.

— Ele vai perder a perna, com certeza — observou. — E uns dois dedos. E o rosto também não está lá grande coisa.

— Obrigado, doutor Mikhael — comentou Kamar secamente. — Alguma identificação?

Vassikin fez uma busca rápida, estilo ladrão. Carteira e relógio.

— Nada. Isso é estranho. É de imaginar que um cara rico como esse teria algum objeto pessoal, não é?

Kamar assentiu.

— É, é de imaginar. — Em seguida se virou para o círculo de homens. — Dez segundos, e depois vai haver encrenca. Fiquem com o dinheiro, todo o resto eu quero que devolvam.

Os marinheiros pensaram. O sujeito não era grande. Mas era da Mafiya, o sindicato do crime organizado russo.

Uma carteira voou por cima do grupo, indo parar numa dobra da lona. Momentos depois juntou-se a ela um cronógrafo Cartier. Ouro com diamantes incrustados. Valia cinco anos de salário médio na Rússia.

— Sábria decisão — disse Kamar, pegando o tesouro.

— E então? — perguntou Vassikin. — Nós ficamos com ele?

Kamar pegou um cartão Visa platinado dentro da carteira de pelica, verificando o nome.

— Ah, vamos ficar com ele — respondeu, ativando seu celular. — Vamos ficar com ele, e ponham alguns cobertores em cima. Do jeito que nossa sorte anda, ele vai acabar pegando pneumonia. E acredite, nós não queremos que nada aconteça com esse sujeito. Ele é nosso ingresso para a boa vida.

Kamar estava ficando empolgado. Isso era completamente incomum.

Vassikin ficou de pé.

— Para quem você está ligando? Quem é esse cara? Kamar escolheu um número no menu de discagem automática.

— Estou ligando para Britva. Para quem você acha que eu ia ligar?

Vassikin ficou pálido. Ligar para o chefe era perigoso. Britva era conhecido por atirar em quem dava más notícias.

— A notícia é boa ou ruim? Você vai dar uma notícia boa? Kamar entregou o Visa ao parceiro.

— Leia isso.

Vassikin estudou o cartão durante vários instantes.

— Eu não sei *ler Anglisky*. O que ele diz? Qual é o nome? Kamar lhe disse. Um sorriso lento se espalhou no rosto de Mikhael.

— Dê o telefonema — disse ele.

CAPÍTULO 1: LAÇOS FAMILIARES



A PERDA DO MARIDO teve um efeito profundo em Angeline Fowl. Ela havia se recolhido ao quarto, recusando-se a sair. Buscou refúgio dentro da mente, preferindo sonhos do passado à vida real. É improvável que tivesse se recuperado se o filho, Artemis II, não tivesse feito um trato com Holly Short: a sanidade de sua mãe em troca de metade do resgate em ouro que ele havia roubado da polícia do povo das fadas. A mãe se recuperou totalmente, Artemis Júnior concentrou os esforços em localizar o pai, investindo uma grande parcela da fortuna da família em excursões à Rússia, em empresas de investigação locais e de busca da Internet.

O jovem Artemis tinha recebido uma cota dupla da malícia dos Fowl. Mas, com a recuperação da mãe, uma dama decente e linda, ficou cada vez mais difícil para ele realizar suas tramas engenhosas. Tramas que eram cada vez mais necessárias para bancar a busca de seu pai.

Angeline, perturbada com a obsessão do filho e com medo dos efeitos dos últimos dois anos na mente de Artemis, marcou uma consulta com o psicólogo da escola para seu filho de treze anos.

Você precisa ficar com pena dele. Isto é, do psicólogo...

**ESCOLA ST BARTLEBY'S PARA JOVENS CAVALHEIROS,
CONDADO DE WICKLOW, ÍRLANDA, DIA ATUAL**

O doutor Po se recostou na poltrona acolchoada, com o olhar passando rapidamente sobre as páginas à sua frente.

— Bom, Sr. Fowl, vamos conversar, não vamos? Artemis deu um suspiro profundo, alisando o cabelo escuro para trás da testa larga e pálida. Quando é que as pessoas iam aprender que uma mente como a sua não poderia ser dissecada? Ele próprio tinha lido mais livros de psicologia do que o psicólogo. Tinha até escrito um artigo para *o Jornal do Psicólogo* sob o pseudônimo de doutor F. Roy Dean Schlippe.

— Certamente, doutor. Vamos falar de sua cadeira. É vitoriana?

Po esfregou com carinho o braço de couro da poltrona.

— Sim, correto. É herança de família. Meu avô a adquiriu num leilão na Sotheby's. Parece que já fez parte da mobília do palácio. Era a predileta da rainha.

Um sorriso tenso esticou os lábios de Artemis talvez em um centímetro.

— Verdade, doutor? Geralmente não permitem falsificações no palácio.

O aperto de Po esticou o couro gasto.

— Falsificação? Eu garanto, Sr. Fowl, que este móvel é totalmente autêntico.

Artemis se inclinou para examinar mais de perto.

— É bem-feita, devo admitir. Mas olhe aqui. — O olhar de Po seguiu o dedo do garoto. — Essas tachas. Está vendo o padrão entrecruzado na cabeça? Foram feitas a máquina. No mínimo em 1920. Seu avô foi enganado. Mas o que importa? Uma poltrona é uma poltrona. Um objeto sem importância, não é, doutor?

Po rabiscou furiosamente, escondendo a frustração.

— Sim, Artemis, muito inteligente. Como diz a sua ficha. Fazendo os seus joguinhos. Agora podemos voltar a você?

Artemis Fowl II ajeitou o vinco de sua calça.

— Há um problema aqui, doutor.

— Verdade? E qual será?

— O problema é que eu conheço as respostas dos livros para cada pergunta que o senhor resolver fazer.

O doutor Po rabiscou no bloco durante um minuto inteiro.

— Nós realmente temos um problema, Artemis. Mas não é esse — falou por fim.

Artemis quase sorriu. Sem dúvida o psicólogo iria lhe apresentar outra teoria previsível. Que distúrbio ele teria hoje? Talvez personalidade múltipla, ou quem sabe seria um mentiroso patológico?

— O problema é que você não respeita nenhuma pessoa o suficiente para tratá-la como igual.

Artemis foi apanhado de surpresa pela observação. Este doutor era mais inteligente do que os outros.

— Isso é ridículo. Eu tenho várias pessoas na mais alta estima.

Po não ergueu o olhar de seu bloco de anotações.

— Verdade? Quem, por exemplo? Artemis pensou um momento.

— Albert Einstein. Suas teorias geralmente eram corretas. E Arquimedes, o matemático grego.

— E que tal alguém que você conheça de verdade? Artemis pensou com empenho. Não veio ninguém.

— O quê? Não tem exemplos? Artemis deu de ombros.

— Parece que o senhor tem todas as respostas, doutor Po. Por que não me diz?

Po abriu uma janela em seu laptop.

— Extraordinário. Cada vez que eu leio isso...

— Minha biografia, imagino.

— Sim, ela explica um bocado de coisas.

— Tipo? — perguntou Artemis, interessado mesmo contra a vontade.

O doutor Po imprimiu uma página.

— Primeiro há o seu colega, Butler. Um guarda-costas, pelo que sei. Não é um companheiro adequado para um garoto impressionável. E há a sua mãe. Uma mulher maravilhosa, na minha opinião, mas absolutamente sem controle sobre seu comportamento. Finalmente há o seu pai. Segundo isto, ele não foi grande coisa como modelo de comportamento, mesmo quando estava vivo.

A observação incomodou, mas Artemis não deixaria o psicólogo perceber o quanto.

— O seu dossiê está equivocado, doutor —disse ele. —

Meu pai está vivo. Talvez desaparecido, mas vivo.

Po verificou a folha.

— É? Eu tinha a impressão de que ele estava desaparecido há quase dois anos. Bom, os tribunais o declararam legalmente morto.

A voz de Artemis saiu sem qualquer emoção, ainda que seu coração estivesse martelando.

— Não me importa o que os tribunais digam, ou o que a Cruz Vermelha diga. Ele está vivo, e eu vou encontrá-lo.

Po rabiscou outra anotação.

— Mas mesmo que o seu pai voltasse, e daí? Você vai seguir os passos dele? Será que já não seguiu?

— Meu pai não era criminoso — observou Artemis mal-humorado. — Ele estava passando todos os nossos bens para empresas legítimas. O empreendimento em Murmanskera completamente legal.

— Você está evitando a pergunta, Artemis.

Mas Artemis já estava cheio daquela linha de interrogatório. Era hora de um joguinho.

— Por quê, doutor? — disse ele, chocado. — Esta é uma área sensível. Pelo que o senhor saiba, eu posso estar sofrendo de depressão.

— Acho que pode — disse Po, pressentindo uma revelação. — É esse o caso?

Artemis baixou o rosto sobre as mãos.

— É minha mãe, doutor.

— Sua mãe? — instigou Po, tentando controlar a empolgação na voz. Artemis já havia aposentado meia dúzia de psicólogos da St Bartleby s este ano. Para dizer a verdade, Po estava prestes a fazer suas malas. Mas agora...

— Minha mãe, ela...

Po se inclinou para a frente em sua poltrona vitoriana falsa.

— Sua mãe, sim?

— Ela me força a fazer essa terapia ridícula, quando os supostos psicólogos da escola são pouco melhores do que gente bem-intencionada, mas equivocada, que conseguiu tirar um diploma.

Po suspirou.

— Muito bem, Artemis. Como quiser, mas você nunca vai encontrar paz se continuar fugindo de seus problemas.

Artemis foi poupado de mais análises pela vibração de seu celular. Era uma linha segura e codificada. Só uma pessoa tinha o número. O garoto tirou-o do bolso, abrindo o minús-

culo comunicador.

— Sim?

A voz de Butler veio pelo fone.

— Artemis. Sou eu.

— É óbvio. Eu estou no meio de uma coisa aqui.

— Nós recebemos uma mensagem.

— Sim. De onde?

— Não sei exatamente. Mas tem a ver com o *Estrela Fowl*. Um choque elétrico atravessou a coluna de Artemis.

— Onde você está?

— No portão principal.

— Muito bem. Eu estou indo. O doutor Po tirou os óculos.

— Esta sessão não terminou, meu jovem. Nós fizemos algum progresso hoje, mesmo que você não admita. Se sair agora, eu serei forçado a informar ao reitor.

Artemis nem escutou o aviso. Já estava em outro lugar. Um familiar zumbido elétrico se espalhava em sua pele. Era o início de alguma coisa. Ele podia sentir.

CAPÍTULO 2: ⦿ RESGATE DE CHÏX

ELEMENTOS DE BAÏXO, MARGEM ⦿CIDENTAL, CIDADE DO PORTO



A **IMAGEM TRADICIONAL** de um leprechaum é um diabrete pequeno e de roupa verde. Claro, esta é a imagem humana. O povo das fadas tem seus próprios estereótipos. Geralmente eles imaginam que os policiais do esquadrão de Reconhecimento da Liga de Elite da Polícia são gnomos truculentos ou elfos corpulentos recrutados diretamente dos times de esmagobol da faculdade.

A capitã Holly Short não se ajusta a nenhuma dessas descrições. De fato ela provavelmente seria a última pessoa que você escolheria como membro do esquadrão LEPrecon. Se você tivesse de adivinhar a profissão dela, a pose felina e os músculos rijos sugeririam uma ginasta ou talvez uma escavadora profissional. Mas olhe de perto, para além do rosto bonito, para os olhos, e você verá uma determinação tão feroz que poderia

acender uma vela a dez passos de distância, e uma inteligência rápida que a tornava um dos policiais mais respeitados do Recon.

Claro, tecnicamente Holly não estava mais ligada ao Recon, o Esquadrão de Reconhecimento. Desde o caso Artemis Fowl, quando ela foi capturada e houve a cobrança de resgate por sua cabeça, sua posição como primeira policial feminina do Recon tinha sofrido uma revisão. O único motivo para não estar em casa molhando as samambaias agora mesmo era que o comandante Raiz tinha ameaçado devolver o próprio distintivo se Holly fosse suspensa. Raiz sabia, mesmo que o Departamento de Assuntos Internos não estivesse convencido, que o seqüestro não tinha sido culpa de Holly, e que só seu raciocínio rápido tinha impedido a perda de vidas.

Mas os membros do Conselho não estavam particularmente interessados na perda de vidas humanas. Estavam mais preocupados com a perda do ouro das fadas. E, segundo eles, Holly tinha lhes custado um belo naco das verbas de resgate do Recon. Holly estava totalmente preparada para voar acima do chão e apertar o pescoço de Artemis até ele devolver o ouro, mas não era assim que a coisa funcionava: o Livro, a bíblia das fadas, dizia que assim que um humano conseguisse separar um

membro do povo das fadas de seu ouro, o ouro era dele para sempre.

Portanto, em vez de confiscar seu distintivo, o Departamento de Assuntos Internos insistiu em que Holly fizesse serviço pesado, em algum lugar onde não pudesse causar mal. A escolha óbvia era trabalhar em tocaias. Holly foi emprestada ao Departamento de Alfândega e Tarifas, enfiada num casulo camaleão e sugada para a face de rocha que dava num elevador de pressão. Um beco sem saída na carreira profissional.

Dito isso, o contrabando era uma preocupação séria para a Liga de Elite da Polícia. Não o contrabando em si, que geralmente se compunha de lixo inofensivo: óculos escuros de grife, DVDs, máquinas de capuccino e coisas do tipo. Era o método de adquirir essas mercadorias

A quadrilha B'wa Kell, composta por goblins, tinha tomado conta do mercado de contrabando, e estava se tornando cada vez mais ousada nas excursões acima do chão. Até mesmo corria o boato de que os goblins tinham construído seu próprio veículo de carga para tornar as expedições economicamente mais viáveis.

O principal problema era que os goblins eram criaturas meio burras. Não seria de espantar que um deles se esquecesse

de usar escudo, e fotos de goblins estariam saltando dos satélites para estações de notícias do mundo inteiro. Então os Elementos Baixos, a última zona livre de Homens da Lama no planeta, seriam descobertos. Quando isso acontecesse, sendo a natureza humana o que era, a poluição, a mineração predatória e a exploração viriam certamente em seguida.

Isso significava que todas as pobres almas que entrassem nas listas negras do Departamento tinham de passar meses seguidos no serviço de vigilância, e é por isso que Holly estava ancorada na face rochosa de um poço de lançamento pouco usado.

O E37 era um elevador de pressão que saía no centro da cidade de Paris, França. A capital européia estava sob bandeira vermelha, como área de alto risco, de modo que raramente os vistos de viagens eram aprovados. Só para serviços da LEP. Nenhum civil estivera no poço há décadas, mas mesmo assim o local precisava de vigilância vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O que significava seis policiais em turnos de oito horas. Holly estava com Chix Verbil como colega de casulo. Como a maioria dos duendes, Chix se achava o presente de pele verde que Deus mandara para as garotas, e passava mais tempo tentando impressionar Holly do que fazendo seu serviço.

— Está bonita hoje, capitã — foi a primeira frase de Chix naquela noite específica. — Fez alguma coisa com o cabelo?

Holly ajeitou o foco da tela, imaginando o que poderia ser feito com um corte à escovinha castanho-avermelhado.

— Concentre-se, soldado. Nós podemos estar enfiados até o pescoço num tiroteio a qualquer segundo.

— Duvido, capitã. Este lugar é calmo como um túmulo. Eu adoro tarefas assim. Bem tranqüilas. Só circulando.

Holly examinou o local abaixo. Verbil estava certo. O subúrbio que já foi próspero tinha se tornado uma cidade fantasma quando o poço de lançamento foi fechado ao público. Só um troll ocasional procurando comida passava pelo casulo dos dois. Quando os trolls começavam a procurar território numa área, dava para saber que ela estava deserta.

— Só você e eu, capitã. E a noite ainda é uma criança.

— Corta essa, Verbil. Fique com a mente no trabalho. Ou será que o posto de soldado não é suficientemente baixo para você?

— Sim, Holly. Desculpe: sim, senhor.

Duendes. Eram todos iguais. É só dar um par de asas a um cara do povo das fadas e ele vai se achar irresistível.

Holly mordeu o lábio. Já haviam gasto ouro suficiente dos contribuintes nessa tocaia. Os chefões deveriam cancelar, mas não fariam isso. O trabalho de vigilância era ideal para manter policiais incômodos longe dos olhos do público.

Apesar disso, Holly estava decidida a fazer o serviço do melhor modo possível. O tribunal de Assuntos Internos não teria munição extra para acertá-la, se dependesse dela.

Holly baixou a lista de verificação diária na tela de plasma do casulo. Os mostradores dos ganchos pneumáticos estavam no verde. Havia combustível suficiente para manter o casulo pairando ali durante quatro semanas longas e tediosas.

O próximo da lista era o sistema de imagem térmica.

— Chix, quero que você faça um sobrevôo. Vamos fazer uma varredura térmica.

Verbil riu. Os duendes adoravam voar.

— Certo, capitã — disse ele, prendendo uma barra de varredura térmica no peito.

Holly abriu um buraco no casulo e Verbil saiu voando, subindo rapidamente para as sombras. A barra em seu peito banhava a área abaixo com raios sensíveis ao calor. Holly digitou o programa de varredura térmica no computador. A tela ficou cheia de imagens turvas em vários tons de verde. Qualquer

criatura viva apareceria, mesmo por trás de uma camada de rocha sólida. Mas não havia nada, só alguns sapos xingadores e a ponta do rabo de um troll saindo da tela.

A voz de Verbil estalou no alto-falante.

— Ei, capitã. Devo levá-la para uma visão mais de perto? Esse era o problema com câmeras de varredura portáteis.

Quanto mais longe você fosse, mais fracos os raios ficavam.

— Certo, Chix. Mais uma varredura. Tenha cuidado.

— Não se preocupe, Holly. Chix vai ficar inteirinho para você. Holly respirou, pronta para uma resposta ameaçadora, mas a frase morreu em sua garganta. Ali na tela. Alguma coisa estava se mexendo.

— Chix. Está captando isso?

— Positivo, capitã. Estou captando, mas não sei o que é. Holly ampliou uma área da tela. Dois seres se moviam no segundo nível. Os seres eram cinzentos.

— Chix. Mantenha posição. Continue a varredura. Cinzentos? Como coisas cinzentas poderiam estar se movendo?

Cinza era morto. Sem calor, frio como a sepultura. Mesmo assim...

— Fique de guarda, soldado Verbil. Talvez tenhamos

alguma criatura hostil.

Holly abriu um canal para a Delegacia Central Plaza. Potrus, o mago da tecnologia da LEP, sem dúvida estaria recebendo a imagem deles na cabine de operações.

— Potrus. Está olhando?

— Estou, Holly— respondeu o centauro. —Acabei de pôr você na tela principal.

— O que acha daquelas formas? Cinzas e se mexendo? Nunca vi nada assim.

— Nem eu. — Seguiu-se um breve silêncio, pontuado pelos estalos de um teclado. — Duas explicações possíveis. Uma: defeito de equipamento. Poderiam ser imagens fantasmas de outro sistema. Como interferência num rádio.

— E a outra explicação?

— É tão ridícula que eu nem gostaria de mencionar.

— É. Bem, Potrus, faça um favor, mencione.

— Bom, por mais ridículo que pareça, alguém pode ter arranjado um modo de enganar meu sistema.

Holly empalideceu. Se Potrus ao menos estava admitindo a possibilidade, a coisa era quase definitivamente verdadeira. Ela desligou a comunicação com o centauro, voltando a atenção para o soldado Chix.

— Chix! Saia daí. Volte! Volte!

O duende estava muito ocupado tentando impressionar sua capitã para que percebesse a seriedade da situação.

— Relaxe, Holly. Eu sou um duende. Ninguém consegue acertar um duende.

Foi então que um projétil irrompeu pela janela de um poço de lançamento, abrindo um buraco do tamanho de um punho na parede.

Holly enfiou uma neutrino 2000 no coldre, ao mesmo tempo em que mandava informações pelo comunicador do capacete.

— Código 14, repito, Código 14. Um dos nossos foi abatido. Um dos nossos foi abatido. Estamos sob fogo. E37. Mandar um feitiçeiro médico e apoio.

Holly pulou pela escotilha, descendo de rapé até o piso do túnel. Encolheu-se atrás de uma estátua de Fronde, o primeiro rei elfo. Chix estava caído num monte de entulho do outro lado da avenida. Não parecia bem. A lateral de seu capacete tinha dado uma pancada nos restos de um muro baixo, deixando o sistema de comunicação completamente inutilizado.

Ela precisava alcançá-lo imediatamente, caso contrário ele estaria frito. Os duendes só têm poderes de cura limitados.

Eles podiam fazer uma verruga sumir usando magia, mas ferimentos grandes estavam além de seu alcance.

— Estou repassando ao comandante—disse a voz de Potrus em seu ouvido. — Fique firme.

O tom grave da voz do comandante Raiz rugiu pelas ondas do rádio. Ele não parecia no melhor dos humores. O que não era surpresa.

— Capitã Short. Quero que mantenha posição até que a chegada do pessoal de apoio.

— Negativo, comandante. Chix foi alvejado. Eu preciso chegar até ele.

— Holly. O capitão Kelp está a minutos de distância. Mantenha sua posição. Repito. Mantenha sua posição.

Por trás do visor do capacete Holly trincou os dentes, frustrada. Estava a um passo de ser expulsa da LEP, e agora isso. Resgatar Chix seria desobedecer a uma ordem direta.

Raiz sentiu sua indecisão.

— Holly, escute. O que quer que eles estejam atirando contra você, atravessou direto a asa de Verbil. Seu colete da LEP não vai adiantar. Então fique fria e espere o capitão Kelp.

Capitão Kelp. Possivelmente o policial mais entusiasmado da LEP, famoso por escolher o nome de Encrenca em

sua cerimônia de formatura. Mesmo assim não havia outro policial que Holly preferisse ter às costas na hora de atravessar uma porta.

— Desculpe, senhor, não posso esperar. Chix foi acertado na asa. O senhor sabe o que isso significa.

Atirar na asa de um duende não é como atirar num pássaro. As asas eram o maior órgão dos duendes e continham sete grandes artérias. Um buraco daqueles devia ter rompido pelo menos três.

O comandante Raiz suspirou. Pelo alto-falante aquilo pareceu um jorro de estática.

— Certo, Holly. Mas fique abaixada. Não quero perder ninguém do meu pessoal hoje.

Holly tirou sua Neutrino 2000 do coldre, pondo o ajuste no três. Não iria se arriscar com os atiradores. Presumindo que fossem goblins da quadrilha B'wa Kell, nesse ajuste o primeiro tiro iria deixá-los inconscientes durante no mínimo oito horas.

Encolheu as pernas e em seguida disparou correndo de trás da estátua. Imediatamente uma saraivada de tiros arrancou nacos da estrutura.

Holly correu até seu colega caído, com os projéteis

zumbindo em volta da cabeça como abelhas supersônicas. Geralmente, numa situação assim, a última coisa que você faz é mover a vítima, mas com o tiroteio contra eles não havia escolha. Holly pegou o soldado pelas dragos nas, puxando-o para trás de um veículo de entregas enferrujado.

Chix estava ali há um bom tempo. Deu um sorriso frágil.

— Você veio me pegar, capitã. Eu sabia que você viria. Holly tentou afastar a preocupação da voz.

— Claro que eu vim, Chix. Nunca deixo um homem para trás.

— Eu sabia que você não resistiria a mim. — Ele respirou. — Sabia. — Em seguida fechou os olhos. Havia um bocado de danos. Talvez demais.

Holly se concentrou no ferimento. Cure, pensou, e a magia cresceu dentro dela como um milhão de alfinetes e agulhas. Espalhou-se pelos braços e desceu até os dedos. Ela pôs a mão no ferimento de Verbil. Fagulhas azuis saltaram de seus dedos para o buraco. As fagulhas brincaram em volta do ferimento, reparando o tecido queimado e replicando o sangue derramado. A respiração do duende se acalmou, e o saudável tom verde começou a voltar às suas bochechas.

Holly suspirou. Chix ficaria bem. Ele provavelmente não voaria mais em missões com aquela asa, mas sobreviveria. Holly deixou o soldado inconsciente de lado, com cuidado para não pressionar a asa ferida. Agora vejamos as misteriosas formas cinza. Holly aumentou o ajuste da arma para quatro e correu sem hesitar em direção à entrada do poço.

No primeiro dia que você passa na Academia da LEP, um gnomo grande e peludo, com o peito do tamanho de um troll, aperta cada um dos cadetes contra uma parede e alerta para eles *nunca* entrarem num prédio inseguro durante um tiroteio. Diz isso do modo mais insistente. Repete todos os dias até que a orientação esteja gravada no cérebro de cada cadete. Mesmo assim, era exatamente isso que a capitã Holly Short, da Unidade LEPrecon, foi fazer.

Ela explodiu as portas duplas do terminal, mergulhando até chegar ao abrigo de um balcão de recepção. Há menos de quatrocentos anos esse prédio era uma colméia de atividade, com filas de turistas pedindo vistos para a superfície. Paris havia sido um destino turístico muito popular. Mas inevitavelmente, ao que parecia, os humanos tinham reivindicado para si a capital européia. O único lugar onde o povo das fadas se sentia seguro era na Disneylândia de Paris, onde ninguém olhava duas vezes

para criaturas diminutas, mesmo que fossem verdes.

Holly ativou um filtro sensor de movimento em seu capacete e examinou o prédio através do painel de segurança de quartzo. Se alguma coisa se movesse, o computador do capacete marcaria imediatamente com uma aura laranja. Olhou para cima, bem a tempo de ver duas figuras andando em passos elásticos ao longo de uma galeria de observação em direção à área de lançamento. Eram goblins, sem dúvida, movendo-se de quatro para obter velocidade extra, puxando um carrinho flutuante. Usavam algum tipo de roupa de material metálico reflexivo, com capacetes, obviamente para enganar os sensores térmicos. Muito esperto. Esperto demais para goblins.

Holly corria paralelamente aos goblins, um andar abaixo. Ao seu redor, anúncios antiqüíssimos balançavam frouxos nos suportes. *EXCURSÃO DO SOLSTÍCIO, DUAS SEMANAS. VINTE GRAMAS DE OURO. CRIANÇAS COM MENOS DE DEZ ANOS VIAJAM DE GRAÇA.*

Pulou por cima da roleta, passou correndo pela área de segurança e pelo *free-shop*. Os goblins estavam descendo agora, botas e luvas batendo numa escada rolante imóvel. Um deles perdeu o capacete na pressa. Era grande para um goblin, mais de um metro. Seus olhos sem pálpebras reviraram em pânico, e

a língua bifurcada subiu rapidamente para umedecer as pupilas.

A capitã Short disparou algumas rajadas enquanto corria. Um tiro acertou a nádega do goblin mais próximo. Holly gemeu. Longe de um centro nervoso. Mas não precisava ser. Havia uma desvantagem naquelas vestimentas metálicas. Elas conduziam as cargas de neutrino. A carga se espalhou pelo material da roupa como ondas ferozes num lago. O goblin pulou uns bons dois metros para cima, depois caiu inconsciente ao pé da escada rolante. O carrinho flutuante girou sem controle, batendo numa esteira de bagagem. Centenas de pequenos objetos cilíndricos se derramaram de um caixote quebrado.

O goblin número dois disparou uma dúzia de tiros na direção de Holly. Errou, em parte porque seus braços estavam tremendo de nervosismo. Mas também porque atirar com a arma na altura dos quadris só funcionava nos filmes. Holly tentou captar uma imagem da arma com a câmera do capacete, para o computador fazer uma comparação, mas a vibração era muito forte.

A caçada continuou pelos dutos e chegou à área de embarque. Holly ficou surpresa ao ouvir o zumbido dos computadores da doca. Não deveria haver energia ali. O pessoal da Engenharia da LEP devia ter desmantelado os geradores. Por

que seria necessária energia aqui?

Já sabia a resposta. A energia seria necessária para operar o monotrilho e o Controle de Missão. Suas suspeitas foram confirmadas quando entrou no hangar. Os goblins tinham construído um transportador!

Era inacreditável. Os goblins mal tinham eletricidade suficiente no cérebro para alimentar uma lâmpada de dez watts. Como poderiam construir um transportador? Mas ali estava, pousado na doca como o pior pesadelo de um vendedor de veículos usados. Não havia um pedaço dele que tivesse menos de uma década, e o casco era uma colcha de retalhos composta de partes soldadas e rebites.

Holly engoliu o espanto, concentrando-se na perseguição. O goblin tinha parado para pegar um jogo de asas na área de carga. Ela poderia ter atirado na hora, mas era arriscado demais. Não ficaria surpresa se a bateria nuclear do transportador não fosse protegida por nada além de uma única folha de chumbo.

O goblin se aproveitou disso para pular no túnel de acesso. O monotrilho ia por toda a extensão das rochas chamuscadas até o poço gigantesco. Esse poço era uma das muitas aberturas naturais que havia no manto e na crosta da terra. As

correntes de magma do centro derretido do planeta subiam por esses poços em direção à superfície, a intervalos irregulares. Se não fosse por essas liberações de pressão, a terra já haveria se despedaçado há eras. A LEP aproveitava essa força natural para idas expressas à superfície. Em ocasiões de emergência, os oficiais da Recon viajavam nas explosões de magma dentro de ovos de titânio. Para uma viagem mais tranqüila, os transportadores evitavam as explosões, subindo pelos poços em correntes de ar quente até os vários terminais ao redor do mundo.

Holly diminuiu o passo. O goblin não tinha aonde ir. A não ser que fosse voar no próprio poço, e ninguém era tão maluco. Qualquer coisa que fosse apanhada numa explosão de magma era frita até o nível subatômico.

A entrada do poço estava adiante. Enorme e cercada de rocha chamuscada.

Holly ligou o alto-falante do capacete.

— Já chega — gritou acima do uivo do vento no túnel.
— Desista. Você não vai entrar no poço sem ter ciência.

Ciência era o jargão da LEP para informações técnicas. Neste caso, ciência seria a previsão das horas de explosão. Com precisão de até um décimo de segundo. Geralmente.

O goblin levantou um fuzil estranho, dessa vez apon-

tando cuidadosamente. O pino de disparo baixou, mas o que quer que aquela arma disparasse, não havia mais carga.

— Esse é o problema com armas não nucleares, você fica sem carga — zombou Holly, seguindo a antiqüíssima tradição de cantar vantagem durante um tiroteio, ainda que seus olhos estivessem ameaçando se dobrar.

Em resposta, o goblin apontou o fuzil na direção de Holly. Foi um tiro terrível, errando por mais de cinco metros. Mas serviu ao seu objetivo como distração. O bandido usou o momento para acionar as asas. Eram modelos antigos: motor rotatório e com silenciador quebrado. O rugido do motor encheu o túnel.

Houve outro rugido, por trás das asas. Um rugido que Holly conhecia bem de mil horas de vôo nos transportadores. Havia uma explosão vindo.

A mente de Holly disparou. Se de algum modo os goblins tinham conseguido ligar o terminal a uma fonte de energia, todos os equipamentos de segurança deviam estar ativados. Inclusive...

A capitã Short girou, mas as portas antiexplosão já estavam se fechando. As barreiras à prova de fogo eram automaticamente disparadas por um termosensor no poço. Quando

uma explosão ia passando abaixo, portas de aço com dois metros de espessura isolavam o túnel de acesso do resto do terminal. Eles estavam presos aqui, com uma coluna de magma a caminho. Não que o magma fosse matá-los — não se derramava muito durante as explosões. Mas o ar superaquecido iria deixá-los mais secos do que folhas de outono.

O goblin estava parado na beira do túnel, sem perceber a erupção iminente. Holly percebeu que não era uma questão de o fugitivo ser louco o bastante para voar para dentro do poço. Ele era simplesmente estúpido.

Com um aceno e uma piscadela marota, o goblin pulou no poço, subindo e desaparecendo rapidamente. Não o bastante. Um jato de lava com sete metros de espessura disparou para ele como uma cobra dando o bote, consumindo-o por completo.

Holly não perdeu tempo lamentando. Tinha seus próprios problemas. Os macacões da LEP possuíam bobinas térmicas para dispersar o excesso de calor, mas isso não bastaria. Dentro de segundos uma parede de calor seco chegaria ali e aumentaria a temperatura o suficiente para rachar as paredes.

Holly ergueu os olhos. Uma fileira de antigos tanques de resfriamento reforçados ainda estava aparafusada ao teto do túnel. Ela pôs a arma na potência máxima e começou a disparar

contra a barriga dos tanques. Não era hora de sutilezas.

Os tanques amassaram e se partiram, arrotando um ar rançoso e alguns fios de fluido de resfriamento. Inútil. Eles deviam ter se esvaído no correr dos séculos, e os goblins nunca se incomodaram em substituí-los. Mas restava um, intocado. Um preto e longo, deslocado em meio aos modelos no padrão verde da LEP. Holly se posicionou diretamente abaixo e disparou.

Doze mil litros de água enriquecida com fluido de resfriamento bateram na sua cabeça no instante exato em que uma onda de calor vinha do poço. Era uma sensação curiosa ser congelada e queimada quase que simultaneamente. Holly sentiu bolhas estourando nos ombros e sendo imediatamente achata-das pela pressão do calor. Foi jogada de joelhos, com os pulmões famintos de ar. Mas não podia respirar. Agora não, e não podia levantar a mão para acionar o tanque de ar do capacete.

Depois de uma eternidade, o rugido terminou, e Holly abriu os olhos para ver um túnel cheio de vapor. Ativou o desembaçador do capacete e se levantou. A água escorria de sua roupa antiaderente. Ela liberou os lacres do capacete, aspirando profundamente o ar do túnel. Ainda quente, mas respirável. Atrás dela as portas antiexplosão se abriram e o capitão Encrenca Kelp apareceu, junto com uma equipe de reação rápida da LEP.

— Bela manobra, capitã.

Holly não respondeu, absorvida demais pela arma abandonada pelo goblin vaporizado. Aquele era o campeão dos fuzis, com quase meio metro de comprimento, com uma mira telescópica estelar presa sobre o cano.

O primeiro pensamento de Holly foi que alguém da B'wa Kell estaria fabricando suas próprias armas. Mas agora percebeu que a verdade era muito mais perigosa. A capitã Short arrancou o fuzil da rocha semiderretida. Reconheceu-o de seu livro de *História da Polícia*. Uma velha arma *laser* NarizMacio. As NarizMacio tinham sido declaradas ilegais há muito tempo. Mas isso não era o pior. Em vez de uma fonte de energia do povo das fadas, a arma era alimentada por uma pilha alcalina AA, de fabricação humana.

— Encrenca — gritou ela. — Dê uma olhada nisto.

— D'Arvit — disse Kelp baixinho, levando as mãos imediatamente aos controles do rádio de seu capacete. — Dê-me um canal prioritário com o comandante Raiz. Nós temos um contrabando *Classe A*. É, *Classe A*. Preciso de uma equipe inteira de técnicos. E o Potrus também. Quero que todo este quadrante seja fechado...

Encrenca continuou esbravejando ordens, mas aos ou-

vidos de Holly elas diminuíram até um zumbido distante. Humanos e goblins trabalhando juntos para reativar armas ilegais. E se as armas estavam aqui, quanto tempo demoraria até que o Povo da Lama também viesse?

A ajuda chegou num instante. Dentro de trinta minutos havia tantas luzes halógenas zumbindo no E37 que parecia uma estréia mundial da Feira Mundial Golem.

Potrus estava de joelhos examinando o goblin inconsciente junto à escada rolante. O centauro era o principal motivo para os humanos ainda não terem descoberto os abrigos subterrâneos do Povo. Ele era um gênio tecnológico, pioneiro em todos os principais desenvolvimentos. Desde a previsão de explosões de magma até a tecnologia de apagamento mental, cada descoberta tornava-o menos respeitoso e mais irritante. Mas corria o boato de que Potrus tinha uma queda por uma certa policial da Recon. Na verdade, pela única policial feminina da Recon.

— Bom trabalho, Holly — disse ele, esfregando a roupa reflexiva do goblin. — Você acaba de ter um tiroteio com um sanduíche enrolado em papel alumínio.

— É isso aí, Potrus, afaste a atenção do fato de que os B'wa Kell enganaram os seus sensores.

Potrus se fixou num dos capacetes.

— Não os B'wa Kell. De jeito nenhum. São idiotas demais. Os goblins simplesmente não têm capacidade cerebral para isso. Essas coisas são de fabricação humana.

Holly fungou.

— E como você sabe? Reconhece a costura?

— Não — respondeu Potrus, jogando o capacete para Holly. Holly leu a etiqueta. “Feito na Alemanha”.

— Acho que é uma roupa contra incêndios. O material isola o calor. Isto é sério, Holly. Nós não estamos pegando duas roupas de grife e uma caixa de barras de chocolate. Algum humano está fazendo contrabando sério com os B'wa Kell.

Potrus saiu do caminho para deixar que a equipe técnica tivesse acesso ao prisioneiro. Os técnicos marcariam o goblin inconsciente com um sonífero subcutâneo. O sonífero continha microcápsulas de um sedativo e um minúsculo detonador. Assim que fosse localizado, um criminoso podia ser derrubado pelo computador se a LEP percebesse que ele estava envolvido numa situação ilegal.

— Você sabe quem provavelmente está por trás disso, não sabe? — perguntou Holly.

Potrus revirou os olhos.

— Ah, deixe-me adivinhar. O arquiinimigo da capitã Holly. O Sr. Artemis Fowl.

— Bom, quem mais poderia ser?

— Escolha. O Povo tem feito contato com Homens da Lama há anos.

— É isso? — retrucou Holly. — E quantos deles não sofreram apagamento mental?

Potrus fingiu pensar nisso, ajeitando o chapéu de folha de alumínio enfiado na cabeça para desviar qualquer sinal de sondagem cerebral que pudesse ser concentrado na sua direção.

— Três — murmurou por fim.

— O quê?

— Três, certo?

— Exato. Fowl e seus gorilas de estimação. Artemis está por trás disso. Guarde o que eu digo.

— Você adoraria estar no caso, não é? Finalmente teria a chance de ter tudo de volta. Você se lembra do que aconteceu na última vez em que a LEP foi contra Artemis Fowl?

— Lembro. Mas aquela foi a última vez. Potrus deu um risinho.

— Devo lembrar que ele já deve estar com treze anos. A mão de Holly baixou para seu cassete elétrico.

— Não importa a idade dele. Uma cacetada com isso e ele vai dormir como um bebê.

Potrus balançou a cabeça na direção da entrada.

— Se eu fosse você, guardaria minhas reservas. Vai precisar delas.

Holly acompanhou o olhar dele. O comandante Julius Raiz estava examinando a zona sob segurança. Quanto mais via, mais vermelho seu rosto ficava, daí o apelido: Raiz de Beterra-ba.

— Comandante — começou Holly. — O senhor precisa ver isto.

O olhar de Raiz silenciou-a.

— O que você estava pensando?

— Perdão, senhor?

— Não venha com essa. Eu estava na Central de Operações o tempo todo. Estava olhando o vídeo transmitido pelo seu capacete.

— Ah.

— *Ah* não diz bem o que foi, capitã! — O cabelo grisalho e curto de Raiz estremecia com a emoção. — Essa deveria ser uma missão de vigilância. Havia vários esquadrões de apoio, sentados nos traseiros bem treinados e só esperando que você

chamasse. Mas não, a capitã Short decide atacar os B'wa Kell sozinha.

— Eu tinha um homem ferido, senhor. Não havia opção.

— O que Verbil estava fazendo lá, para começar? Pela primeira vez o olhar de Holly baixou.

— Eu o mandei fazer uma varredura térmica, senhor. Só estava seguindo os regulamentos.

Raiz assentiu.

— Eu acabei de falar com o feiticeiro paramédico. Verbil vai ficar bem, claro, mas os dias de vôo dele acabaram. Haverá um tribunal, claro.

— Sim, senhor. Entendido.

— É só uma formalidade, tenho certeza, mas você conhece o Conselho.

Holly conhecia o Conselho bem demais. Seria o primeiro policial da LEP a ser alvo de duas investigações simultâneas.

— Então, que negócio é esse que eu ouvi, de um Classe A? Todo contrabando era classificado. Classe A era o código para tecnologia humana perigosa. Fontes de energia, por exemplo.

— Por aqui, senhor.

Holly guiou-os até o fundo da área de manutenção, para a área de lançamento em si. Uma cúpula de perspex com acesso restrito tinha sido erguida na área de lançamento. Holly seguiu pelos degraus imobilizados.

— Veja bem. Isto é sério.

Raiz examinou a evidência. Na área de lançamento estavam caixotes cheios de pilhas AA. Holly pegou um pacote.

— Pilhas — disse ela. — Uma fonte de energia comum para os humanos. Grosseiras, ineficientes e um desastre ambiental. Doze caixotes aqui. Quem sabe quantos já estão nos túneis?

Raiz não se impressionou.

— Perdoe-me por não estar pulando feito louco. Então alguns goblins querem jogar videogame humano. E daí?

Potrus tinha visto o fuzil laser NarizMacio.

— Ah, não — disse ele, verificando a arma.

— Exatamente — concordou Holly.

O comandante não gostou de ser deixado de fora da conversa.

— Ah, não? Espero que você esteja sendo melodramático.

— Não, chefe — respondeu o centauro, sombrio pela primeira vez. — Isso é mortalmente grave. Os B'wa Kell estão usando pilhas humanas para alimentar as antigas armas laser NarizMacio. Eles só conseguem uns seis tiros por bateria. Mas se você der a cada goblin um punhado de células de energia, isso vai significar um bocado de tiros.

— Lasers NarizMacio? Elas foram consideradas ilegais há décadas. Não foram todas recicladas?

Potrus assentiu.

— Supostamente. Minha divisão supervisionou o derretimento. Não que tenhamos considerado isso uma prioridade. Elas eram originalmente alimentadas por uma única célula solar, com vida de menos de uma década. Obviamente alguém conseguiu roubar algumas do armário de reciclagem.

— Muitas, pela cara de todas essas pilhas. É a última coisa de que eu preciso. Goblins com NarizMacio.

A teoria por trás da técnica NarizMacio envolvia a colocação de um inibidor que permitia ao laser viajar a velocidades menores, de modo que penetrava no alvo. Desenvolvido inicialmente para mineração, ele foi rapidamente adaptado por algum cobiçoso fabricante de armas.

As armas com tecnologia NarizMacio foram rapida-

mente consideradas ilegais, pelo motivo óbvio de que foram projetadas para matar, e não incapacitar. De vez em quando alguma caía nas mãos de um membro de alguma gangue. Mas isto aqui não parecia um comércio em pequena escala, tipo mercado negro. Parecia que alguém estava planejando alguma coisa grande.

— Sabe o que é preocupante nisso tudo? — perguntou Potrus.

— Não — disse Raiz, com uma calma enganadora. — Diga o que é preocupante.

Potrus girou a arma.

— O modo como esta arma foi adaptada para usar uma bateria humana. Muito inteligente. De jeito nenhum um goblin iria deduzir isso sozinho.

— Mas por que adaptar as NarizMacio? — perguntou o comandante. — Por que não usar simplesmente as velhas células solares?

— Aquelas células solares são muito raras. Valem o peso em ouro. Os antiquários usam para alimentar todo tipo de traquitanas. E seria impossível montar uma fábrica de células de energia de qualquer tipo sem que meus sensores captassem as emissões. É muito mais simples roubar dos humanos.

Raiz acendeu um de seus característicos charutos feitos de fungos.

— Diga que é só isso. Diga que não há mais nada.

O olhar de Holly moveu-se rapidamente para a parte de trás do hangar. Raiz captou o gesto e se espremeu entre os caixotes até o transportador precário que estava na doca. O comandante subiu no veículo.

— E que diabo é isso, Potrus?

O centauro passou a mão pelo casco da nave.

— É espantoso. Incrível. Eles montaram o transportador a partir de lixo. Fico surpreso em saber que esse negócio sai do chão.

O comandante mordeu com força o charuto de fungo.

— Quando terminar de admirar os goblins, Potrus, talvez possa explicar como os B'wa Kell conseguiram pôr a mão nisso. Eu achava que toda tecnologia de lançamento ultrapassada deveria ser destruída.

— É o que eu pensava. Eu próprio aposentei algumas coisas destas. Esse impulsor de estibordo era do El, até a capitã Short explodi-lo no ano passado. Lembro de ter assinado a ordem de destruição.

Raiz se demorou um segundo lançando para Holly um

olhar enviesado.

— Então nós temos peças de transportadores escapando dos fornos de reciclagem, além de lasers NarizMacio. Descubra como este transportador chegou aqui. Desmonte-o, peça a peça. Quero cada pedaço de fio examinado em busca de digitais e de DNA. Ponha todos os números de série no computador central. Veja se há algum denominador comum.

Potrus assentiu.

— Boa idéia. Vou colocar alguém nisso.

— Não, Potrus. Quero você. Isto é prioridade. Dê um descanso à sua teoria de conspiração durante uns dias, e descubra quem dos nossos que está vendendo esse lixo.

— Mas, Julius — protestou Potrus. — Isso é serviço braçal. Raiz deu um passo mais perto.

— Um: não me chame de Julius, civil. E dois: eu diria que mais parece trabalho de jumento.

Potrus notou a veia pulsando na têmpora do comandante.

— Entendido — falou, tirando um minicomputador do cinto. — *E#* vou cuidar disso.

— Exatamente. Agora, capitã Short, o que o nosso prisioneiro B'wa Kell está dizendo?

Holly deu de ombros.

— Não muita coisa, ainda está inconsciente. Vai ficar tossindo fuligem durante um mês quando acordar. De qualquer modo, o senhor sabe como a B'wa Kell funciona. Os soldados não sabem de nada. Esse cara não passa de um peão. É uma pena que o Livro nos proíba de usar o *mesmer* contra outras criaturas do povo das fadas.

— Hmm — disse Raiz, com o rosto brilhando, vermelho como o traseiro de um babuíno. — E é uma pena ainda maior que a Convenção Atlante tenha tornado ilegais as drogas da verdade. Caso contrário nós poderíamos encher esse prisoeiro de soro até ele cantar como um Homem da Lama bêbado. — O comandante respirou fundo várias vezes, acalmando-se antes que seu coração estourasse. — Neste momento precisamos descobrir de onde estas pilhas vieram, e se há mais nos Elementos de Baixo.

Holly respirou fundo.

— Eu tenho uma teoria, senhor.

— Não diga — grunhiu Raiz. — Artemis Fowl, não é?

— Quem mais poderia ser? Eu sabia que ele iria voltar. Sabia.

— Você conhece as regras, Holly. Ele nos venceu no

ano passado. O jogo acabou. É o que o Livro diz.

— Sim, senhor, mas este é um jogo diferente. Novo jogo, novas regras. Se Fowl está fornecendo células de energia para os B'wa Kell, o mínimo que podemos fazer é verificar.

Raiz pensou. Se Fowl estivesse por trás disso, as coisas poderiam ficar muito complicadas, e muito depressa.

— Não gosto da idéia de interrogar Fowl na área dele. Mas não podemos trazê-lo cá para baixo. A pressão abaixo do solo iria matá-lo.

Holly discordou.

— Não se o mantivermos num ambiente seguro. A cidade é equalizada. Os transportadores também.

— Certo, vá — disse o comandante por fim. — Traga-o para um pequeno bate-papo. E traga o grande também.

— Butler?

— Sim, Butler. — Raiz fez uma pausa. — Mas lembre-se, nós vamos fazer algumas varreduras, Holly, e é só. Não quero você usando isso como oportunidade para se vingar.

— Não, senhor. É estritamente profissional.

— Tenho sua palavra?

— Sim, senhor. Eu garanto.

Raiz apagou o charuto com o calcanhar.

— Não quero mais ninguém se machucando hoje, nem mesmo Artemis Fowl.

— Entendido.

— Bem — acrescentou o comandante —, a não ser que seja absolutamente necessário.

CAPÍTULO 3: ENTRANDO NO SUBTERRÂNEO

ESCOLA ST BARTLEBY'S PARA JOVENS CAVALHEIROS



BUTLER ESTAVA A SERVIÇO de Artemis Fowl desde o momento em que o garoto nasceu. Tinha passado a primeira noite da vida de seu protegido montando guarda na maternidade do hospital Irmãs da Misericórdia. Durante mais de uma década Butler fora professor, mentor e protetor do jovem herdeiro. Os dois nunca haviam se separado por mais de uma semana, até agora. Isso não deveria incomodá-lo, ele sabia. Um guarda-costas nunca deveria se ligar emocionalmente ao encarregado, isso afeta o julgamento. Mas em seus momentos particulares Butler não conseguia deixar de pensar no herdeiro Fowl como o filho ou o irmão mais novo que ele nunca tivera.

Butler estacionou o Bentley Arnage Red Label na avenida do colégio. No mínimo, o serviçal eurasiático havia aumentado de tamanho desde a metade do semestre. Com Artemis no

colégio interno, ele passava muito mais tempo malhando na academia. Para dizer a verdade, Butler estava cheio de ficar levantando peso, mas as autoridades do colégio se recusavam absolutamente a deixá-lo ter uma cama no quarto de Artemis. E quando o jardineiro descobriu o esconderijo do guarda-costas perto do sétimo buraco do campo de golfe, Butler foi banido do colégio totalmente.

Artemis passou pelo portão, com os comentários do doutor Po ainda nos pensamentos.

— Problemas, senhor? — disse Butler, notando a expressão azeda do patrão.

Artemis entrou no interior de couro vinho do Bentley, escolhendo no bar uma água sem gás.

— Não, Butler. Só outro idiota falando psicobobagens. Butler manteve a voz baixa.

— Eu devo dar uma palavrinha com ele?

— Ele não importa agora. Que notícia você tem do *Estrela Fowl*?

— Nós recebemos um e-mail na mansão hoje. É um MPG. Artemis fez um muxoxo. Não podia acessar vídeos em MPG de seu celular.

Butler tirou um computador portátil do porta-luvas.

— Achei que você estaria ansioso para ver o arquivo, por isso baixei neste aqui.

Ele passou o computador por cima do ombro. Artemis ativou a máquina compacta, abrindo a tela plana colorida. A princípio achou que a bateria da câmera estava gasta, depois percebeu que estava olhando um campo nevado. Branco sobre branco, com apenas algumas sombras fracas indicando reentrâncias e volumes.

Artemis sentiu a inquietação se revirando nas entranhas. Engraçado como uma imagem tão inocente poderia ter um mau presságio tão grande.

A câmera girou para cima, revelando um opaco céu do crepúsculo. Então surgiu um objeto preto e curvado à distância. Um som rítmico de neve esmagada vinha pelos pequenos alto-falantes enquanto o homem da câmera ia andando. O objeto ficou mais claro. Era um homem sentado — não, *amarrado*, numa cadeira. O gelo fez barulho no copo de Artemis. Suas mãos estavam tremendo.

O homem vestia trapos do que já fora um belo terno. Cicatrizes marcavam o rosto do prisioneiro como raios, e parecia faltar uma perna. Era difícil dizer. Agora a respiração de Artemis estava entrecortada, como de um corredor de maratona.

Havia um cartaz pendurado no pescoço do homem. Papelão e barbante. No cartaz estava rabiscado em letras pretas e grossas: *Zdravstvutye syn*. A câmera deu um zoom até a mensagem e ficou vários segundos assim. Depois a imagem sumiu.

— É só isso? Butler assentiu.

— Só o homem e o cartaz. Só isso.

— *Zdravstvutye syn* — murmurou Artemis, com o sotaque impecável. Desde o desaparecimento do pai ele estivera aprendendo a língua.

— Devo traduzir para você?—perguntou Butler, que também falava russo. Ele tinha aprendido durante os cinco anos que passou com uma unidade de espionagem no final dos anos 80. Mas seu sotaque não era tão sofisticado quanto o do jovem patrão.

— Não, eu sei o que significa. *Zdravstvutye syn*: Olá, filho. Butler guiou o Bentley até a rodovia de duas pistas. Nenhum dos dois falou durante vários minutos. Por fim, Butler teve de perguntar:

— Você acha que é ele, Artemis? Aquele homem poderia ser o seu pai?

Artemis voltou o MPG, congelando no rosto do homem misterioso. Encostou o dedo na tela, lançando distorções

de arco-íris pelo cristal líquido.

— Acho que sim, Butler. Mas a qualidade da imagem é muito ruim. Não dá para ter certeza.

Butler entendia as emoções que assolavam seu jovem protegido. Ele também tinha perdido alguém a bordo do *Estrela Fowl*. Seu tio, o major, fora designado para cuidar do pai de Artemis naquela viagem fatídica. Infelizmente o corpo do major tinha aparecido no necrotério de Tchersky.

Artemis recuperou a compostura.

— Devo investigar isto, Butler.

— Você sabe o que vem em seguida, claro.

— Sei. Um pedido de resgate. Isto é meramente para provocar, para atrair minha atenção. Preciso transformar parte do ouro do Povo em dinheiro. Contate Lars em Zurique, imediatamente.

Butler acelerou para a pista de alta velocidade.

— Mestre Artemis, eu tenho alguma experiência com esse tipo de coisa.

Artemis não interrompeu. A carreira de Butler antes do nascimento de seu encarregado atual tinha sido no mínimo variada.

— O padrão dos seqüestradores é eliminar todas as

testemunhas. Depois eles tentam geralmente eliminar uns aos outros para evitar dividir o resgate.

— E você quer dizer...

— Quero dizer que pagar o resgate não garante a segurança do seu pai. Se de fato o homem *é* o seu pai. É bem possível que os seqüestradores peguem o dinheiro e matem todos nós.

Artemis examinou a tela.

— Você está certo, claro. Terei de pensar num plano. Buder engoliu em seco. Lembrava-se do último plano. Quase tinha feito com que todos eles morressem, e poderia ter mergulhado o planeta numa guerra entre espécies. Butler era um homem que não se amedrontava com facilidade, mas a fagulha nos olhos de Artemis Fowl bastou para que um tremor descesse por sua coluna.

TERMINAL DE LANÇAMENTO E1: TARA, ÍRLANDA

A capitã Holly Short tinha decidido trabalhar em turno duplo e seguiu diretamente para a superfície. Parou apenas para comer uma barra de nutrientes e uma bebida energética antes de

subir no primeiro transportador para o terminal de Tara.

Um dos policiais de Tara não queria tornar sua viagem mais fácil. O chefe de segurança estava chateado porque a capitã Short não somente tinha interrompido todo o trânsito para pegar um casulo prioritário do El, mas em seguida requisitara todo um transportador para a viagem de volta.

— Por que você não verifica seu sistema de novo? — perguntou Holly, com os dentes trincados. — Tenho certeza de que a autorização da Delegacia Central Plaza já chegou.

O gnomo truculento consultou seu computador portátil.

— Não, senhora. Não recebi nada.

— Olha, moço...

— Comandante Terry.

— *Comandante Terry*. Eu estou numa missão importante. Segurança nacional. Preciso manter o salão de desembarque livre durante as próximas duas horas.

Terry fingiu com estardalhaço que estava quase desmaiando.

— Nas próximas duas horas! Está maluca, garota? Eu tenho três transportes vindo de Atlântida. O que vou dizer a eles? Que a excursão foi interrompida por causa de algum qüi-

proquê secreto da LEP? Nós estamos na alta temporada. Não posso simplesmente fechar tudo. De jeito nenhum. Não tem como.

Holly deu de ombros.

— Ótimo. Só deixe todos os seus turistas virem os dois humanos que eu vou trazer aqui para baixo. Vai haver um tumulto. Eu garanto.

— Dois humanos? — disse o chefe da segurança. — Dentro do terminal? Pirou de vez?

Holly estava perdendo a paciência e o tempo.

— Está vendo isto? — perguntou, apontando para a insígnia em seu capacete. — Eu sou da LEP. Capitã. Nenhum gnomo segurança particular vai ficar no caminho das minhas ordens.

Terry se esticou até sua altura máxima, que era de cerca de setenta centímetros.

— É, eu ouvi. A capitã maluca. Você causou uma tremenda confusão aqui no ano passado, não foi? O imposto dos meus lingotes vai estar pagando por aquela besteira durante um bom tempo.

— Só pergunte à Central, seu idiota burocrático.

— Pode me chamar do que quiser, moça. Nós temos

nossas regras aqui, e sem confirmação de baixo, não há nada que eu possa fazer para mudá-las. Especialmente para uma garota mimada que tem problema de auto-afirmação.

— Bom, então se comunique com a Centrai Plaza! Terry fungou.

— As explosões de magma estão começando a aumentar agora mesmo. É difícil conseguir uma linha. Talvez eu tente de novo, depois da minha ronda. Vá se sentar no salão de embarque.

A mão de Holly foi em direção ao seu cassete elétrico.

— Você sabe o que está fazendo, não sabe?

— O quê? — grasnou o gnomo.

— Está obstruindo uma operação da LEP.

— Não estou obstruindo nada...

— E por isso eu tenho o poder de remover essa obstrução usando qualquer força que considerar necessária.

— Não me ameace, moça.

Holly pegou o cassete, girando-o habilmente.

— Não estou ameaçando. Só estou informando sobre o procedimento policial. Se continuar me obstruindo, eu vou remover a obstrução, neste caso, você, e prosseguir com o próximo na linha de comando.

Terryl não se convenceu.

— Você não ousaria. Holly riu.

— Eu sou a capitã maluca. Lembra?

O gnomo pensou. Era improvável que a policial o acertasse com o cassete, mas, afinal de contas, quem sabia o que se passava na cabeça dos elfos fêmeas?

— Está bem — disse ele, imprimindo uma folha no computador. — Este é um visto de vinte e quatro horas. Mas se não voltar nesse tempo, vou fazer com que seja presa ao retornar. Depois eu é que farei ameaças.

Holly pegou o papel.

— Tanto faz. Agora, lembre-se de deixar o salão de desembarque liberado para quando eu voltar.

ÍRLANDA, CAMINHO DA ESCOLA ST. BARTLEBY'S PARA A MANSÃO FOWL

Artemis estava arrancando idéias de Butler. Era uma técnica que usava com frequência quando tentava pensar num plano. Afinal de contas, se havia um especialista em operações secretas, era o seu guarda-costas.

— Nós podemos rastrear o MPG?

— Não, Artemis. Eu tentei. Eles puseram um vírus temporal junto com o e-mail. Eu mal consegui baixar o filme para o disco antes que o original se desintegrasse.

— E quanto ao MPG em si? Poderíamos conseguir uma localização geográfica a partir das estrelas?

Butler sorriu. O jovem mestre Artemis estava começando a pensar como um soldado.

— Não tivemos sorte. Eu mandei uma imagem para um amigo meu da NASA. Ele nem se incomodou em colocar no computador. Não tem definição suficiente.

Artemis ficou quieto um minuto.

— Em quanto tempo podemos chegar à Rússia? Butler tamborilou com os dedos no volante.

— Depende.

— De quê?

— De como iremos, legal ou ilegalmente.

— O que é mais rápido?

Butler gargalhou. Uma coisa que não se ouvia com frequência.

— Em geral ilegalmente é mais rápido. De qualquer modo vai ser bem lento. Nós não podemos ir por ar, isso é

certo. A Mafiya deve ter soldados em todas as pistas de pouso.

— Nós temos certeza de que é a Mafiya? Butler olhou pelo retrovisor.

— Acho que sim. Todos os seqüestros passam pela Mafiya. Mesmo que um criminoso comum tenha conseguido seqüestrar seu pai, ele teria de entregá-lo assim que a Mafiya ficasse sabendo.

Artemis assentiu.

— É o que eu pensava. Então teremos de viajar por mar, e isso vai levar pelo menos uma semana. Poderíamos arranjar alguma ajuda com o transporte. Alguma coisa que a Mafiya não espere. Como está nossa situação em termos de documentos de identificação?

— Sem problema. Eu achei que nós poderíamos bancar os nativos. Levantaríamos menos suspeitas. Tenho passaportes e vistos.

— *Da.* Qual é o nosso disfarce?

— Que tal Stefan Bashkir e seu tio Constantin?

— Perfeito. O prodígio do xadrez e seu acompanhante.
— Eles haviam usado esse disfarce muitas vezes, em missões de busca anteriores. Uma vez um oficial de fronteira, ele próprio um grande mestre do xadrez, tinha duvidado da história deles

até Artemis vencê-lo em seis lances. Desde então a técnica passara a ser conhecida como Estratégia Bashkir.

— Quando podemos partir?

— Quase imediatamente. A Sra. Fowl e Juliet estão passando esta semana em Nice. Isso nos dá oito dias. Podemos mandar uma carta para a escola, inventar alguma desculpa.

— Ouso dizer que St Bartlebys vai ficar satisfeita em se livrar de mim durante um tempo.

— Nós podemos ir direto da mansão Fowl para o aeroporto, o Lear jet está abastecido. Pelo menos podemos voar até a Escandinávia e de lá pegar um barco. Só preciso pegar umas coisas na mansão primeiro.

Artemis podia imaginar exatamente que tipo de *coisas* seu empregado queria pegar. Coisas pontiagudas e coisas explosivas.

— Bom. Quanto mais cedo, melhor. Temos de achar essas pessoas antes que elas saibam que estamos procurando. Podemos monitorar os e-mails enquanto viajamos.

Butler pegou a saída da estrada em direção à mansão Fowl.

— Você sabe, Artemis — disse ele, olhando pelo retrovisor. — Nós estamos indo contra a Mafiya russa. Eu já en-

frente esse pessoal antes. Eles não negociam. Isso pode ficar sangrento. Se encararmos esses gângsteres, vai ter gente se machucando. Mais provavelmente nós.

Artemis assentiu distraído, olhando seu próprio reflexo na janela. Precisava de um plano. Alguma coisa audaciosa e brilhante. Alguma coisa que nunca tivesse sido tentada antes. Nesse sentido, Artemis não estava muito preocupado. Seu cérebro nunca o havia deixado na mão.

ESTAÇÃO DE LANÇAMENTO DE TARA

A estação de lançamento em Tara era uma instalação impressionante. Oitocentos e cinquenta metros cúbicos de terminal escondidos sob um morrinho no meio da fazenda McGraney.

Durante séculos os McGraney tinham respeitado as fronteiras do forte das fadas, e durante séculos eles haviam desfrutado de uma sorte excepcional. As doenças misteriosamente se curavam durante a noite. Tesouros de arte inestimáveis eram desenterrados com uma regularidade incrível, e a doença da vaca louca parecia evitar totalmente seus rebanhos.

Tendo resolvido o problema do visto, Holly finalmente foi até a porta de segurança e passou pela camuflagem holográfica. Tinha conseguido um Koboi DuploDex para a viagem. O equipamento funcionava com uma bateria solar alimentada por satélite, e empregava um desenho de asas revolucionário. Havia dois jogos, um ajustado para planar e outro menor, para manobras. Holly estava doida para experimentar o DuploDex, mas só alguns exemplares haviam saído dos Laboratórios Koboi. Potrus estava relutante em deixá-los ser usados porque não fora ele o projetista. Inveja profissional. Holly tinha se aproveitado da ausência do centauro no laboratório para pegar um na prateleira.

Subiu quinze metros acima do chão, permitindo que o ar não filtrado enchesse os pulmões. Mesmo cheio de poluição, ainda era mais doce do que o ar reciclado de dentro dos túneis. Durante vários minutos ela desfrutou a experiência, antes de voltar a concentração para a missão: como seqüestrar Artemis Fowl.

Não de sua casa, a mansão Fowl, isso era certo. Legalmente ela se colocaria numa situação muito incômoda se entrasse numa casa sem permissão. Ainda que, tecnicamente, Fowl a tivesse convidado quando a seqüestrou no ano anterior.

Não haveria muitos advogados dispostos a defendê-la baseados nesse argumento. De qualquer modo, a mansão era praticamente uma fortaleza, e já conseguira rechaçar toda uma equipe da LEPresgate. Por que ela iria se sair melhor?

Também havia a complicação de que Artemis poderia muito bem estar esperando-a, especialmente se ele *estivesse* negociando com os B'wa Kell. A idéia de entrar numa armadilha não atraía Holly. Ela já estivera presa uma vez na mansão Fowl. Sem dúvida sua cela continuava equipada.

Holly ativou o pacote de navegação por computador, trazendo a mansão Fowl para o visor do capacete. Uma suave luz avermelhada começou a piscar dentro da planta em 3 D da casa. A construção fora posta sob bandeira vermelha pela LEP. Holly gemeu. Agora receberia um vídeo de alerta, só para o caso de haver um policial do Recon sob o mundo que não tivesse ouvido falar de Artemis Fowl.

O rosto da cabo Lili Fronde apareceu na tela. Claro que eles escolheram Lili para essa tarefa. O rosto de mocinha da LEP. O machismo estava vivo e bem na Central Plaza. Corria o boato de que os pontos na ficha de Fronde tinham sido aumentados por causa de sua descendência do rei elfo.

— Você escolheu a mansão Fowl — disse a imagem de

Fronde, estremecendo as pálpebras. — Esta é uma construção sob bandeira vermelha. O acesso não-autorizado é estritamente proibido. Nem mesmo tente voar por cima. Artemis Fowl é considerado uma ameaça ativa ao Povo.

Uma foto de Fowl apareceu ao lado de Fronde, com uma careta de desprezo enfatizada digitalmente.

— Seu cúmplice, conhecido apenas como Butler, não deve ser abordado sob nenhuma circunstância. Geralmente anda armado e é sempre perigoso.

A cabeçorra de Butler apareceu ao lado das outras duas imagens. Armado e perigoso eram palavras que não lhe faziam justiça. Ele era o único humano na história que lutou contra um troll e venceu.

Holly mandou as coordenadas para o computador de vôo, e deixou que as asas fizessem as manobras para ela. O campo passava a toda velocidade abaixo. Desde sua última visita, a contaminação pelos Homens da Lama parecia ter aumentado. Praticamente não havia um hectare de terra sem dezenas de casas encravadas, e mal havia um quilômetro de rio sem que uma das fábricas deles derramasse veneno nas águas.

Finalmente o sol havia mergulhado abaixo do horizonte, e Holly levantou os filtros do capacete. Agora o tempo estava a

seu favor. Tinha a noite inteira para pensar num plano. Descobriu que sentia falta dos comentários sarcásticos de Potrus no ouvido. Por mais incômodas que fossem as observações do centauro, geralmente eram corretas, e tinham salvado sua pele em mais de uma ocasião.

Tentou estabelecer um contato, mas as explosões ainda estavam intensas e não havia recepção. Nada além de estática.

A mansão Fowl surgiu à distância, dominando completamente a paisagem em volta. Holly examinou a construção com sua barra térmica e encontrou apenas insetos e pequenos roedores. Aranhas e camundongos. Ninguém em casa. Isso lhe servia bem. Pousou na cabeça de uma gárgula de pedra particularmente medonha e se acomodou para esperar.

MANSÃO FOWL

O castelo Fowl original tinha sido construído por Lord Hugh Fowl no século XV, cercado por campos mais baixos de todos os lados. Uma tática aprendida com os normandos: nunca deixe seus inimigos chegarem sem ser vistos. Com o passar dos séculos, o castelo fora amplamente remodelado até se tornar

uma mansão confortável, mas a atenção para com a segurança permanecia. A mansão era rodeada por muros de um metro de espessura e possuía os equipamentos de segurança mais modernos.

Buder saiu da estrada, abrindo os portões da propriedade com um controle remoto. Olhou para trás, para o rosto pensativo do patrão. Algumas vezes pensava que, apesar de todos os seus contatos, informantes e empregados, Artemis Fowl era o garoto mais solitário que ele já vira.

— Nós poderíamos levar umas duas daquelas armas das fadas — disse ele.

Butler tinha aliviado o LEPresgate-Um de suas armas durante o cerco do ano anterior. Artemis assentiu.

— Boa idéia, mas retire as baterias nucleares e ponha as armas numa bolsa junto com uns jogos e livros velhos. Nós podemos fingir que são brinquedos, se formos capturados.

— Sim, senhor. Pensou bem.

O Bentley Red Label veio pela entrada de veículos, ativando as luzes de segurança do terreno. Havia várias lâmpadas acesas na casa principal. Elas eram acionadas aleatoriamente, alternando temporizadores.

Butler tirou o cinto de segurança e desceu agilmente do

Bentley.

— Precisa de alguma coisa especial, Artemis? Artemis assentiu.

— Pegue um pouco de caviar na cozinha. Você não acreditaria na gosma que eles servem na Bartlebys por dez mil libras o semestre.

Butler sorriu de novo. Um adolescente pedindo caviar. Ele nunca se acostumaria com isso.

O sorriso desapareceu de seus lábios na metade do caminho até a portaria remodelada. Um tremor lhe passou pelo coração. Conhecia bem aquele sentimento. Sua mãe costumava dizer que alguém havia acabado de andar sobre sua sepultura. Um sexto sentido. Instinto nas entranhas. Havia perigo em algum lugar. Invisível, mas presente.

Holly viu os faróis rasgando o céu a mais de um quilômetro e meio de distância. O Optix não adiantava de onde ela estava. Mesmo quando o pára-brisa do carro ficou visível, o vidro era escuro e as sombras lá dentro eram profundas. Ela sentiu os batimentos cardíacos aumentarem à visão do automóvel de Fowl.

O carro veio serpenteando pela avenida, pisca-piscando entre as fileiras de salgueiros e nogueiras. Holly se encolheu ins-

tintivamente, mesmo estando totalmente escudada dos olhos humanos. Mas não se podia ter certeza com relação ao empregado de Artemis Fowl. No ano passado Artemis tinha canibalizado um capacete do povo das fadas, construindo um visor que permitia a Butler identificar e neutralizar todo um esquadrão de comandos do LEPresgate. Não era provável que ele estivesse usando a tal lente nesse momento, mas como Encrenca Kelp e seus rapazes tinham aprendido, não valia a pena subestimar Artemis ou seu empregado.

Holly ajustou a Neutrino para ficar ligeiramente acima do nível de atordoamento. Algumas células do cérebro de Butler poderiam ser fritadas, mas ela não perderia o sono por causa disso.

O carro virou na entrada de veículos, fazendo barulho sobre o cascalho. Butler saiu. Holly sentiu os dentes de trás rangendo. Uma vez ela havia salvado a vida dele, curando-o depois de um embate mortal com um troll. Não tinha certeza se faria isso de novo.

Prendendo o fôlego, a capitã Holly Short do LEPrecon ajustou o DuploDex para baixar lentamente. Desceu sem fazer barulho, passando pelos andares, e apontou sua arma para o peito de Butler. Aquele era um alvo que nem um anão ofuscado

pelo sol poderia errar.

O humano não poderia ter detectado sua presença. Não era possível. Mas alguma coisa o fez parar. Ele interrompeu a caminhada e farejou o ar. O Homem da Lama era como um cachorro. Não, não um cachorro, um lobo. Um lobo com uma pistola enorme.

Holly concentrou a lente de seu capacete na arma, mandando uma foto para o banco de dados do capacete. Instantes depois uma imagem giratória da arma, em alta resolução, apareceu no canto do visor.

— Sig Sauer — disse uma gravação da voz de Potrus. — Nove milímetros. Treze balas no pente. Grandes. Se uma delas acertar você, pode explodir sua cabeça; coisa que nem magia pode consertar. Afora isso você deve estar bem, desde que tenha se lembrado de usar o macacão de microfibra obrigatório acima do chão segundo o regulamento, recentemente patenteados por mim. Mas, sendo uma metida a besta da Recon, provavelmente não lembrou.

Holly fez um muxoxo. Potrus era muito mais irritante quando estava certo. Ela pulara no primeiro casulo disponível sem nem se incomodar em pôr um macacão para a superfície.

Agora seus olhos estavam no mesmo nível dos de Bu-

tlar, mas ela continuava um metro acima do chão. Soltou os lances do visor, encolhendo-se diante do sibilo pneumático.

Butler ouviu o gás que escapava, girando a Sig Sauer em direção à fonte.

— Fada — disse ele. — Eu sei que você está aí. Desligue o escudo ou eu começo a atirar.

Essa não era exatamente a vantagem tática que Holly tinha em mente. Seu visor estava levantado, e o dedo do empregado queria apertar o gatilho da pistola. Ela respirou fundo e baixou o escudo.

— Olá, Butler — disse por fim. Butler engatilhou a Sig Sauer.

— Olá, capitã. Desça devagar, e não tente nenhum dos seus...

— *Baixe a sua arma* — disse Holly, com a voz modulada pelo *mesmer* hipnótico.

Butler lutou contra, com o cano da arma tremendo desordenadamente.

— *Baixe a arma, Butler. Não me faça fritar o seu cérebro.* Uma veia pulsou na pálpebra de Butler.

Incomum, pensou Holly. Nunca vi isso antes.

— *Não lute comigo, Homem da Lama. Desista.*

Butler abriu a boca para falar. Para alertar Artemis. Ela forçou mais, fazendo a magia cascatear em volta da cabeça do humano.

— *Eu mandei baixar!*

Uma gota de suor escorreu pela bochecha do guarda-costas.

— *BAIXE!*

E Buder baixou a arma, gradualmente e contra a vontade. Holly sorriu.

— *Bom, Homem da Lama. Agora de volta ao carro e aja como se nada estivesse errado.*

As pernas do empregado obedeceram, ignorando os sinais do cérebro.

Holly acionou o escudo. Ia gostar daquilo.

Artemis estava redigindo um e-mail em seu laptop.

Caro doutor Guiney. Devido ao seu interrogatório insensível com o meu pequeno Arty, eu o tirei da escola para uma série de sessões de terapia com profissionais de verdade na Clínica Mont Gaspard na Suíça. Estou pensando em alguma ação legal. Não tente me contatar, já que isso só me irritaria ainda mais, e quando estou irritada geralmente convoco meus advogados.

Sinceramente,

Angeline Fowl

Artemis mandou a mensagem, dando-se ao luxo de um risinho. Seria bom ver a expressão do diretor Guiney ao ler a carta eletrônica. Infelizmente a câmera em miniatura que ele havia colocado na sala do diretor só podia se acessada em um raio de um quilômetro.

Butler abriu a porta do motorista e, depois de um momento, sentou-se.

Artemis dobrou o telefone e pôs dentro de sua carteira.

— Capitã Short, presumo. Por que não pára de vibrar e se acomoda no espectro visível?

Holly passou a ser vista. Havia uma arma brilhante em sua mão. Adivinha para onde estava apontada.

— Puxa, Holly, isso é necessário? Holly fungou.

— Bom, vejamos. Seqüestro, danos corporais, extorsão, conspiração para cometer assassinato. Eu diria que é necessário.

— Por favor, capitã Short — disse Artemis com um sorriso. — Eu era jovem e egoísta. Acredite ou não, tenho algumas dúvidas sobre aquele empreendimento em particular.

— Dúvidas que não são suficientes para devolver o ouro?

— Não — admitiu Artemis. — Ainda não.

— Como você sabia que eu estava aqui? Artemis juntou os dedos das duas mãos.

— Houve várias pistas. Uma, Butler não fez a verificação de bombas que sempre faz sob o carro. Duas, ele voltou sem as coisas que ia pegar. Três, a porta ficou aberta durante vários segundos, coisa que nenhum bom agente de segurança permitiria. E quatro, eu detectei uma leve névoa quando você entrou no veículo. Na verdade foi elementar.

Holly fez um muxoxo.

— É um Garoto da Lama observador, não é?

— Eu tento. Agora, capitã Short, se pudesse ter a gentileza de me dizer por que está aqui...

— Como se você não soubesse. Artemis pensou um momento.

— Interessante. Imagino que algo tenha acontecido. Obviamente algo pelo qual eu estou sendo considerado responsável. — Ele levantou milimetricamente uma sobrancelha. Para Artemis Fowl, uma intensa expressão de emoção. — Há humanos negociando com o Povo.

— Muito impressionante — disse Holly. — Ou seria, se nós dois não soubéssemos que você está por trás disso. E se não pudermos arrancar a verdade de você, tenho certeza de que

seus arquivos de computador irão se mostrar mais reveladores. Artemis fechou a tampa do laptop.

— Capitã. Percebo que não resta nenhum amor entre nós, mas não tenho tempo para isso agora. É imperativo que vocês me dêem alguns dias para resolver meus negócios.

— De jeito nenhum, Fowl. Há algumas pessoas lá embaixo que gostariam de dar uma palavrinha com você.

Artemis deu de ombros.

— Acho que, depois do que fizemos, não posso esperar nenhuma consideração.

— Isso mesmo. Não pode.

— Bem, então — sussurrou Artemis. — Acho que não tenho escolha.

Holly sorriu.

— Isso mesmo, Fowl, não tem.

— Então vamos? — O tom de voz de Artemis era ameno, mas seu cérebro faiscava de pensamentos. Talvez não fosse má idéia cooperar com o povo das fadas. Afinal de contas eles tinham algumas habilidades.

— Por que não? — Holly se virou para Butler. — *Vá para o sul. Use estradas secundárias.*

— Tara, presumo. Eu já me perguntei muitas vezes e-

xatamente onde era a entrada da El.

— Continue imaginando, Garoto da Lama — murmurou Holly. — *Agora durma.* Toda essa dedução está me cansando.

CAPÍTULO 4: FOWL É JUSTO

**CELA DE DETENÇÃO 4, DELEGACIA CENTRAL PLAZA,
CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO**



ARTEMIS ACORDOU NA SALA de interrogatórios da LEP. Poderia estar em qualquer sala de entrevista policial do mundo. A mesma mobília des-

confortável, a mesma velha rotina. Raiz atacou imediatamente:

— Certo, Fowl, comece a falar.

Artemis demorou um momento se orientando. Holly e Raiz o encaravam do outro lado de uma mesa baixa, de tampo plástico. Uma lâmpada forte brilhava direto em seu rosto.

— Ora, comandante. É só isso? Eu esperava mais.

— Ah, há mais. Só que não para criminosos como você.

Artemis notou que suas mãos estavam algemadas na cadeira.

— Vocês não continuam chateados por causa do que aconteceu no ano passado, estão? Afinal de contas, eu venci. Deveria ser assim, segundo o Livro de vocês.

Raiz se inclinou para a frente até que a ponta de seu charuto estava a centímetros do nariz de Artemis.

— Este é um caso totalmente diferente, Garoto da Lama. Então não venha bancar o inocente.

Artemis não se perturbou.

— Qual é você ? O policial bonzinho ou o policial mau? Raiz deu uma gargalhada gostosa, com a ponta do charuto fazendo desenhos no ar.

— Policial bonzinho e policial mau! Odeio lhe dizer, Dorothy, mas você não está mais no Kansas.

O comandante adorava citar *O Mágico de Oz*. Três de seus primos fizeram parte do filme.

Uma figura emergiu das sombras. Tinha cauda, quatro pernas, dois braços e segurava o que parecia um par de destupidores de pia comuns.

— Certo, Garoto da Lama — disse a figura. — Só relaxe e isso talvez não doa muito.

Potrus prendeu os copos de sucção nos olhos de Artemis e o garoto imediatamente ficou inconsciente.

— O sedativo está nos lacres de borracha — explicou o centauro. — Entra pelos poros. Eles nunca percebem que vai acontecer. Diga que eu não sou o indivíduo mais inteligente do universo.

— Ah, não sei — disse Raiz com inocência. — Aquela

duende, a Koboi, é uma fêmea bem esperta.

Potrus bateu um dos cascos irritado.

— Koboi? Koboi? Aquelas asas dela são ridículas. Se você me perguntar, nós estamos usando tecnologia Koboi demais ultimamente. Não é bom deixar uma empresa ter todos os negócios da LEP.

— A não ser que ela seja sua, claro.

— Estou falando sério, Julius. Eu conheço Opala Koboi desde o meu tempo da universidade. Ela não é estável. Há chips Koboi em todas as novas Neutrinos. Se aquele laboratório falir, tudo que nos restará são os canhões de DNA na Central Plaza e algumas caixas de pistolas elétricas de atordoamento.

Raiz fungou.

— Koboi simplesmente melhorou todas as armas e os veículos da polícia. Triplicou a potência, diminuiu à metade a emissão de calor. Melhor do que as últimas estatísticas do seu laboratório, Potrus.

Potrus estendeu um cabo de fibras óticas até o computador.

— É, bom, talvez, se o Conselho me der um orçamento decente...

— Pare de reclamar, Potrus. Eu vi o orçamento desta

máquina. É melhor que ela faça mais do que desentupir canos.

Potrus balançou o rabo, tremendamente ofendido.

— Isto é um Retimagem, estou pensando em passar para a iniciativa privada com esse neném.

— E *o quê*, exatamente, ele faz?

Potrus ativou uma tela de plasma na parede da cela.

— Está vendo os círculos escuros? São as retinas do humano. Cada imagem deixa uma leve marca, como um negativo fotográfico. Nós podemos colocar qualquer imagem que quisermos no computador e ver se combina com alguma coisa.

Raiz não chegou a cair de joelhos, pasmo.

— Não é ótimo?!

— Bom, sim, na verdade é. Observe.

Potrus baixou a imagem de um goblin, fazendo uma comparação entre ela e o banco de dados do Retimagem.

— Para cada ponto que combine nós obtemos um acerto. Cerca de duzentos acertos é normal. Forma geral da cabeça, feições, e assim por diante. Qualquer coisa significativamente acima disso é sinal de que ele já viu um goblin antes.

Apareceu o número 186 na tela.

— Negativo com relação ao goblin. Vamos tentar um NarizMacio.

De novo a contagem foi abaixo de duzentos.

— Outro negativo. Sinto muito, capitão, mas o mestre Fowl aqui é inocente. Ele nunca sequer viu um goblin, quanto mais negociar com os B'wa Kell.

— Eles poderiam ter feito um apagamento mental nele. Potrus retirou os desentupidores dos olhos de Artemis.

— Essa é a beleza deste neném. O apagamento mental não funciona. O Retimagem opera a partir de evidências físicas. Seria preciso limpar as retinas.

— Alguma coisa no computador do humano?

— Muitas — respondeu Potrus. — Mas nada incriminador. Nenhuma menção a goblins ou a pilhas.

Raiz coçou seu queixo quadrado.

— E o grandão? Ele pode ter sido o intermediário.

— Já o examinei com o Retimagem. Nada. Encare: a LEP pegou os Homens da Lama errados. Vamos apagá-los e mandá-los para casa.

Holly assentiu. O comandante não.

— Espere um minuto. Eu estou pensando.

— No quê? — perguntou Holly. — Quanto mais cedo tirarmos o nariz de Artemis Fowl dos nossos negócios, melhor.

— Talvez não. Como ele já está aqui... O queixo de

Holly caiu.

— Comandante. O senhor não conhece Fowl como eu. Dê-lhe meia chance e ele será um problema maior do que os goblins.

— Talvez ele possa nos ajudar com o problema dos Homens da Lama.

— Devo objetar, comandante. Esses humanos não são confiáveis.

O rosto de Raiz teria luzido no escuro.

— Você acha que eu gosto disso, capitã? Acha que eu adoro a idéia de me arrastar até esse Garoto da Lama? Não. Eu preferiria engolir vermes fedorentos vivos do que pedir ajuda a Artemis Fowl. Mas alguém está fornecendo energia para as armas dos B'wa Kell, e eu tenho de descobrir quem é. Então continue com o programa, Holly. Há mais em jogo aqui do que a sua pequena vingança.

Holly mordeu a língua. Não podia se opor ao comandante, não depois de tudo que ele tinha feito por ela, mas pedir ajuda a Artemis Fowl era uma atitude errada, independentemente da situação. Ela não duvidava, nem por um minuto, de que o humano teria uma solução para o problema deles. Mas a que preço?

Raiz respirou fundo.

— Certo, Potrus, traga-o de volta. E dê-lhe um tradutor.

Falar a língua dos Homens da Lama me dá dor de cabeça.

Artemis massageou a pele inchada debaixo dos olhos.

— Sedativo nos tampões? — perguntou ele, olhando para Potrus. — Microagulhas?

O centauro ficou impressionado.

— Você é bem esperto para um Garoto da Lama. Artemis tocou o nódulo em forma de crescente, fixo acima de sua orelha.

— Tradutor?

Potrus assentiu para o comandante.

— Falar outras línguas dá dor de cabeça em algumas pessoas. Artemis ajustou a gravata do uniforme da escola.

— Sei. Bom, em que posso ajudar?

— O que o faz pensar que nós precisamos de sua ajuda, humano? — rosnou Raiz em volta da guimba do charuto.

O garoto deu um risinho de desprezo.

— Eu tenho a sensação, comandante, de que se o senhor não precisasse de nada de mim, eu estaria recuperando a consciência na minha cama, sem nenhuma lembrança de nosso encontro.

Potrus escondeu o riso por trás da mão peluda.

— Você tem sorte em não estar acordando numa cela — disse Holly.

— Ainda amarga, capitã Short? Não podemos lavar as mágoas?

O olhar furioso de Holly era toda a resposta de que ele precisava.

Artemis suspirou.

— Muito bem. Devo adivinhar. Há humanos fazendo transações com os Elementos de Baixo. E vocês precisam que Butler rastreie esses traficantes. Cheguei perto?

O representantes do povo das fadas ficaram quietos um momento. Ouvir Fowl dizendo aquilo trouxe a realidade de volta para eles.

— Bem perto — admitiu Raiz. — Certo, Potrus, coloque o Garoto da Lama em dia.

O consultor carregou um arquivo do servidor central da LEP. Uma série de trechos de reportagens do *Noticiário da Rede* apareceu na tela de plasma. O repórter era um elfo de meia-idade com um topete do tamanho de uma onda em Honolulu.

— Centro da Cidade do Porto — anunciou o repórter. — Outra apreensão de contrabando feita pela LEP. Discos la-

ser de Hollywood num valor estimado de quinhentos gramas de ouro. Os suspeitos são da quadrilha B'wa Kell.

— A coisa fica pior — disse Raiz carrancudo. Artemis sorriu.

— Existe algo pior?

O repórter apareceu de novo. Dessa vez chamadas saíam das janelas de um armazém atrás dele. Seu topete parecia meio quebradiço.

— Esta noite os B'wa Kell reivindicaram a Margem Leste incendiando um armazém usado pelos Laboratórios Koboi.

Aparentemente a duende *com toque de ouro* se recusou a pagar a proteção que eles cobram.

As chamadas foram substituídas por outro trecho de noticiário, dessa vez mostrando uma multidão furiosa.

— Controvérsia hoje diante da Delegacia Central Plaza, com o público protestando contra o fracasso da LEP em lidar com o problema dos goblins. Muitas empresas antigas foram postas fora dos negócios pela quadrilha dos B'wa Kell. O alvo principal tem sido os Laboratórios Koboi, que sofreram sabotagem seis vezes apenas no mês passado.

Potrus congelou a imagem. O público não parecia feliz.

— O que você precisa entender, Fowl, é que os goblins são burros. Não estou insultando-os, é cientificamente provado. Os cérebros não são maiores do que os dos ratos.

Artemis assentiu.

— Então quem os está organizando? Raiz apagou o charuto.

— Não sabemos. Mas está ficando pior. Os B'wa Kell passaram das pequenas contravenções para uma guerra total contra a polícia. Ontem à noite nós interceptamos uma carga de pilhas elétricas trazidas da superfície. Essas pilhas estão sendo usadas para energizar armas laser NarizMacio, que são ilegais.

— E a capitã Short achou que eu poderia ser o Homem da Lama que estava do outro lado do negócio.

— Você pode me culpar? — murmurou Holly. Artemis ignorou o comentário.

— Como vocês sabem que os goblins não estão simplesmente roubando os atacadistas? Afinal de contas, pilhas não costumam ficar sob vigilância.

Potrus deu um risinho.

— Não, não creio que você entenda como os goblins são estúpidos. Deixe-me dar um exemplo. Um dos generais dos B'wa Kell, e este é o chefe deles, foi apanhado tentando passar

fichas de crédito falsificadas assinando seu próprio nome. Não, quem quer que esteja por trás disso precisaria de um contato humano para garantir que os negócios não fossem por água abaixo.

— Então vocês querem que eu descubra quem é esse contato humano — disse Artemis. — E, mais importante, o quanto ele sabe.

Enquanto Artemis falava, sua mente estava disparando. Ele poderia usar toda essa situação em vantagem própria. Os poderes do Povo seriam ases valiosos numa negociação com a Mafiya. As sementes de um plano começaram a brotar em seu cérebro.

Raiz assentiu com relutância.

— É isso. Eu não posso me arriscar pondo agentes da LEPrecon acima da superfície. Quem sabe que tecnologias os goblins negociaram? Eu poderia estar levando meus homens para uma armadilha. Como humanos, vocês dois poderiam passar despercebidos.

— Butler passar despercebido? — perguntou Artemis, rindo. — Duvido.

— Pelo menos ele não tem quatro pernas e uma cauda — observou Potrus.

— Concordo. E sem dúvida, se há algum homem que possa rastrear seu traficante, é Butler. Mas...

Lavamos nós, pensou Holly. Artemis Fowl não faz nada em troca de nada.

— Mas? — insistiu Raiz.

— Mas se querem minha ajuda, eu vou exigir algo em troca.

— O quê, exatamente? — perguntou Raiz, cauteloso.

— Eu preciso de transporte para a Rússia. Para o círculo Ártico, para ser exato. E preciso de ajuda numa tentativa de resgate.

Raiz franziu a testa.

— O norte da Rússia não é um lugar bom para nós. Nós não podemos usar escudos lá, por causa da radiação.

— Estas são as minhas condições — disse Artemis. — O homem que eu pretendo resgatar é o meu pai. Talvez até já seja tarde demais. De modo que não tenho tempo para negociar.

O Garoto da Lama parecia sincero. Até o coração de Holly se abrandou um momento. Mas com Artemis Fowl nunca se sabe, tudo isso poderia fazer parte de outra trama. Raiz tomou uma decisão executiva.

— Feito — disse ele, estendendo a mão.

Os dois apertaram as mãos. Humano e criatura das fadas. Um momento histórico.

— Bom — disse Raiz. — Agora, Potrus, acorde o grandão e faça uma rápida verificação de sistema naquele transportador goblin.

— E eu? — perguntou Holly. — Estou de volta ao serviço de vigilância?

Se Raiz não fosse comandante, provavelmente teria rido.

— Ah, não, capitã. Você é a melhor piloto de transportador que temos. Você vai a Paris.

CAPÍTULO 5: A FÍLHINHA DO PAPAÍ

LABORATÓRIOS KOBÔI, MARGEM LESTE,
CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO



OS LABORATÓRIOS KOBÔI ficavam encravados na rocha da margem leste da Cidade do Porto. A construção tinha oito andares e era rodeada por um quilômetro de granito em cinco lados, com acesso apenas pela frente. A administração tinha aumentado a segurança, e quem poderia culpá-la? Afinal de contas, os B'wa Kell tinham usado a Koboi especificamente como alvo para incêndios criminosos. O Conselho tinha chegado ao ponto de dar à empresa permissão para usar armas especiais — se a Koboi falisse, toda a rede de defesa da Cidade do Porto cairia com ela.

Qualquer goblin da B'wa Kell que tentasse invadir os Laboratórios Koboi seria recebido por canhões atordoantes codificados por DNA, que examinava o intruso antes de acertá-lo.

Não havia pontos cegos na construção, nenhum lugar

onde se esconder. O sistema era à prova de erros.

Mas os goblins não precisavam se preocupar com isso. Na verdade as defesas dos laboratórios se destinavam a manter longe qualquer policial da LEP que pudesse aparecer no momento errado. Era a própria Opala Koboi que financiava a quadrilha dos goblins. Os ataques contra Koboi eram na verdade uma cortina de fumaça para afastar qualquer suspeita de seus negócios pessoais: a duende minúscula era a mente por trás do tráfico de pilhas e da atividade cada vez maior dos B'wa Kell. Bem, uma das mentes. Mas o que um indivíduo de riqueza quase ilimitada poderia querer associando-se a uma gangue de goblins de túnel?

Desde o dia de seu nascimento, nunca haviam esperado muito de Opala Koboi. Nascida numa família de duendes ricos no Morro do Principado, seus pais ficariam muito contentes se a jovem Opala não fizesse nada além de cursar uma escola particular, tirasse um diploma qualquer em artes e se casasse com o vice-presidente de alguma empresa importante.

De fato, para seu pai, Feral Koboi, uma filha dos sonhos seria moderadamente inteligente, bem bonita e, claro, obediente. Mas Opala não tinha os traços de personalidade que Feral desejaria. Aos dez meses já andava sem ajuda, com um

ano e meio possuía um vocabulário de mais de quinhentas palavras. Antes do segundo aniversário tinha desmantelado seu primeiro disco rígido.

Opala cresceu precoce, cabeça-dura e linda. Uma combinação perigosa. Feral perdeu a conta das vezes em que fez sua filha se sentar, aconselhando-a a deixar os negócios para os duendes do sexo masculino. Por fim Opala se recusou a vê-lo. Sua hostilidade descarada era preocupante.

Feral estava certo em se preocupar. A primeira atitude de Opala na faculdade foi trocar o curso de História da Arte em favor da Irmandade de Mestres de Engenharia, que era dominada pelo sexo masculino. Nem bem o diploma estava em sua mão, Opala montou um negócio em concorrência direta com o pai. As patentes vieram logo. Um silenciador de motores que também economizava energia, um sistema de diversão em 3D e, claro, sua especialidade, a série de asas Duplodex.

Assim que Opala destruiu a empresa do pai, passou a comprar as ações dela a preços baixíssimos, e depois incorporou seus negócios sob a bandeira dos Laboratórios Koboi. Cinco anos depois os Laboratórios Koboi tinham mais contratos de defesa do que qualquer outra companhia. Em dez anos Opala Koboi tinha registrado pessoalmente mais patentes do

que qualquer criatura das fadas. A não ser o centauro Potrus.

Mas isso não bastava. Opala Koboï queria o tipo de poder que nenhuma criatura dos subterrâneos possuía desde os tempos monárquicos. Felizmente conhecia alguém que poderia ajudá-la nessa ambição específica. Um desiludido oficial da LEP, colega da época de faculdade. Um certo Urze Porrete...

Urze tinha bons motivos para desprezar a LEP; afinal de contas, eles tinham permitido que sua humilhação pública diante de Julius Raiz ficasse sem punição. Não somente isso, mas ele perdera a divisa de comandante depois do desastroso envolvimento no Caso Artemis Fowl...

Para Opala tinha sido simples colocar uma cápsula da verdade na bebida de Porrete num dos restaurantes mais chiques da Cidade do Porto. Para sua satisfação, descobriu que o deliciosamente deturpado Porrete já estava formulando um plano para derrubar a LEP. E por acaso era um plano bastante engenhoso. Ele só precisava de um sócio. Um sócio com grandes reservas de ouro e instalações seguras à disposição. Opala ficou feliz em fornecer as duas coisas.

Opala estava enrolada que nem um gato em sua poltrona flutuante, espiando o que acontecia na Delegacia Central Plaza quando Porrete entrou na sala. Ela havia instalado mais

câmeras na rede da LEP quando seus engenheiros estavam melhorando o sistema deles. As unidades operavam exatamente na mesma frequência das câmeras de vigilância da Central Plaza, mas retiravam energia do calor que vazava das fibras óticas da LEP. Completamente indetectáveis.

— E então? — perguntou Porrete, com a grosseria costumeira.

Koboi não se incomodou em se virar. Tinha de ser Urze. Só ele possuía o chip de acesso necessário implantado no nó de um dedo, que dava acesso à sala de Koboi.

— Nós perdemos o carregamento de células de energia. Uma vigilância de rotina da LEP. Azar.

— D'Arvit! — xingou Porrete. — Mesmo assim não importa. Nós temos muitas guardadas. E para a LEP elas são apenas pilhas, afinal de contas. Opala respirou fundo.

— Os goblins estavam armados...

— Não me diga.

— Com NarizMacio.

Porrete deu um soco numa bancada.

— Aqueles idiotas! Eu avisei para não usarem aquelas armas. Agora Julius vai saber que alguma coisa está acontecendo.

— Ele pode saber — disse Opala, acalmando-o. — Mas não pode nos impedir. Quando deduzirem, já será tarde demais.

Porrete não sorriu. Ele não sorria há mais de um ano. Ao invés disso sua carranca ficou ainda mais pronunciada.

— Bom. Meu tempo está acabando... Talvez nós mesmos devêssemos ter fabricado as pilhas.

— Não. Só construir uma fábrica iria nos atrasar dois anos, e não havia garantia de que Potrus não iria descobrir. Nós não tínhamos opção.

Koboi girou de frente para seu sócio.

— Você está com uma cara terrível. Andou usando aquele unguento que eu lhe dei?

Porrete coçou a cabeça de leve. Ela estava cheia de lombos terríveis.

— Não funciona. Há cortisona nele. Eu sou alérgico.

A doença de Porrete era incomum, talvez única. No ano anterior ele fora sedado pelo comandante Raiz durante o cerco à mansão Fowl. Infelizmente o tranqüilizante tinha reagido mal com alguma substância proibida, destinada a acelerar a mente, que o ex-comandante estivera experimentando. Porrete ficou com a testa que parecia piche derretido, além de um olho meio caído. Feio e sem o cargo — não era uma boa combinação.

— Você deveria lancetar esses tumores. Eu mal consigo olhar. Algumas vezes Opala Koboï se esquecia de com quem estava falando. Urze Porrete não era um laçao da empresa. Ele sacou calmamente uma pistola Red Boy feita sob encomenda e disparou dois tiros na barra da poltrona flutuante. O negócio saiu girando sobre o piso de borracha antiderrapante e parou, deixando Opala esparramada contra uma parede de discos rígidos. O ex-elfo da LEP segurou o queixo pontudo de Opala.

— É melhor se acostumar a me olhar, cara Opala. Porque logo este rosto vai estar em todas as telas sob este planeta, *e* em cima dele.

A minúscula duende fechou os punhos. Não estava acostumada à insubordinação, para não mencionar a violência de fato. Mas em momentos assim ela podia ver a loucura nos olhos de Porrete. As drogas tinham lhe custado mais do que a magia e a aparência, tinham lhe custado a mente.

E, de súbito, ele estava controlado de novo, ajudando-a gentilmente a se levantar, como se nada tivesse acontecido.

— Agora, minha cara, relatório de progresso. Os B'wa Kell estão ansiosos por sangue.

Opala alisou a frente de seu macacão.

— A capitã Short está escoltando o humano Artemis

Fowl para a E37.

— Fowl está aqui? — exclamou Porrete. — Claro! Eu deveria adivinhar que suspeitariam dele. Isso é perfeito! Nosso escravo humano, Luc Carrère, vai cuidar dele. Carrère foi mesmerizado. *Esse* poder eu ainda tenho.

Koboi passou uma camada de batom vermelho-sangue.

— Pode haver encrenca se Carrère for capturado.

— Não se preocupe — garantiu Porrete. — Monsieur Carrère foi mesmerizado tantas vezes que sua mente está mais vazia do que um disco apagado. Ele não poderia contar nada, mesmo que quisesse. Então, depois de ter feito o serviço sujo para nós, a polícia francesa vai trancafiá-lo numa linda cela acolchoada.

Opala deu um risinho. Para alguém que nunca sorria, Porrete tinha um delicioso senso de humor.

CAPÍTULO 6: OPORTUNIDADE FOTOGRAFICA

POÇO DE LANÇAMENTOS E37, PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO



OS ALIADOS IMPROVÁVEIS pegaram o transportador goblin no E37. Holly não estava muito satisfeita. Em primeiro lugar, tinha recebido a ordem de trabalhar com o inimigo público número um, Artemis Fowl. Em segundo, o transportador goblin parecia colado com cuspe e orações.

Holly prendeu um comunicador sobre a orelha pontuada.

— Ei, Potrus? Está aí?

— Aqui mesmo, capitã.

— Lembre-me de novo quando eu estiver pilotando essa batedeira velha.

Os pilotos da LEPrecon chamavam os transportadores suspeitos de *batedeiras* por causa da tendência alarmante de ba-

terem nas paredes do poço.

— O motivo para você estar pilotando essa velha bate-deira, capitã, é que os goblins construíram este transportador dentro da estação, e as três rampas de acesso original foram removidas há anos. Demoraria dias para colocar um veículo novo aí. Portanto acho que temos de nos virar com a nave goblin.

Holly prendeu os cintos de segurança do banco do piloto, que se moldava ao corpo. As alavancas de controle quase pareceram pular para as suas mãos. Por uma fração de segundo o bom humor natural da capitã Short voltou. Ela era um ás dos pilotos, tinha sido a melhor da turma na Academia. Em sua avaliação final, o comandante aviador Vinyáya tinha escrito: *A cadete Short poderia pilotar um casulo transportador através do espaço entre os dentes de alguém.* Era um elogio que trazia com ele uma alfinetada. Em sua primeira tentativa num casulo, Holly havia perdido o controle e despencou com a aeronave a dois metros do nariz de Vinyáya.

Assim, durante cinco segundos, Holly ficou feliz. Depois se lembrou de quem eram os passageiros.

— Eu gostaria de saber, se é que você pode informar — disse Artemis, sentando-se na cadeira do co-piloto —, a que

distância o terminal russo fica de Murmansk.

— Civis fiquem atrás da linha amarela — rosnou Holly, ignorando a pergunta.

Artemis pressionou:

— Isso é importante para mim. Eu estou tentando planejar um resgate.

Holly deu um riso tenso.

— Há tanta ironia aqui que eu poderia escrever um poema. O seqüestrador pedindo ajuda para resolver um seqüestro.

Artemis esfregou as têmporas.

— Holly, eu sou um criminoso. É o que eu faço melhor. Quando seqüestrei você, estava pensando apenas no resgate. Você jamais deveria correr perigo.

— Ah, verdade? Afora as biobombas e os trolls.

— Verdade — admitiu Artemis. — Algumas vezes os planos não se traduzem muito bem do papel para a vida real. — Ele fez uma pausa, limpando uma sujeira inexistente das unhas manicuradas. — Eu amadureci, capitã. É o meu pai. Eu preciso de todas as informações possíveis antes de encarar a Mafiya.

Holly afrouxou. Não era fácil crescer sem pai. Ela sabia. Seu pai tinha falecido quando ela estava com apenas sessenta

anos. Há mais de vinte anos.

— Certo, Garoto da Lama, escute. Só vou dizer uma vez. Artemis se empertigou no assento. A cabeça de Butler apareceu na cabine. Ele podia farejar uma história de guerra.

— Nos últimos dois séculos, com os avanços na tecnologia humana, a LEP foi forçada a fechar mais de sessenta terminais. Nós saímos do norte da Rússia nos anos 60. Toda a península de Kola é um desastre nuclear. O Povo não tolera radiação, nós nunca desenvolvemos resistência a ela. Na verdade, não havia muito o que fechar. Só um terminal Nível Três e dois projetores de disfarce. O Povo não gosta muito do Ártico. É meio frio. Todo mundo ficou satisfeito em ir embora. Assim, para responder à sua pergunta: há um terminal semi-abandonado, com pouca ou nenhuma instalação acima do solo, localizado a uns vinte quilômetros ao norte de Murmansk...

A voz de Potrus jorrou do interfone, interrompendo o que estava perigosamente perto de uma conversa civil.

— Certo, capitã. Você tem caminho livre até o túnel. Ainda há uns restos de crostas da última explosão, então vá com calma.

Holly baixou o microfone para a boca.

— Positivo, Potrus. Esteja com os trajes anti-radiações prontos para quando eu voltar. Nós estamos com o tempo apertado.

Potrus deu um risinho

— Vá com calma no acelerador, Holly. Tecnicamente esta é a primeira vez de Artemis num transportador, já que ele e Butler estavam mesmerizados na descida. Nós não queremos que ele se apavore.

Holly acelerou um pouquinho mais do que era absolutamente necessário.

— Não — rosnou ela. — Nós não vamos querer que ele se apavore.

Artemis resolveu apertar os cintos de segurança. Acabou sendo uma boa idéia.

A capitã Short acelerou o transportador improvisado pelo trilho de aproximação magnetizado. As barbatanas se sacudiam, lançando ondas gêmeas de fagulhas cascadeando pelas escotilhas. Holly ajustou os giroscópios internos, caso contrário haveria Homens da Lama vomitando por toda a área de passageiros.

Os polegares de Holly pairaram acima dos botões turbo.

— Certo. Bem, vejamos o que esse balde pode fazer.

— Não tente estabelecer nenhum recorde, Holly — disse Potrus pelos alto-falantes. — Esse veículo não foi feito para desenvolver velocidade. Eu já vi anões que são mais aerodinâmicos.

Holly grunhiu. Afinal de contas, qual era o sentido de pilotar devagar? Absolutamente nenhum. E se por acaso você aterrorizasse uns Homens da Lama ao mesmo tempo, bem, era só um bônus a mais.

O túnel de serviço se abriu para o poço principal. Artemis ofegou. Era uma visão espantosa. Você poderia derrubar o monte Everest nesse poço e ele nem bateria nas laterais. Um brilho vermelho-escuro pulsava do âmago da terra como os fogos do inferno, e os estalos constantes da rocha se contraindo chegavam ao casco como se fossem golpes físicos.

Holly acionou os quatro motores de vôo, jogando o transportador no abismo. Suas preocupações se evaporaram como os fios de névoa que redemoinhavam em volta da cabine. Era uma questão de ousadia. Quanto mais baixo você fosse sem interromper o mergulho, mas durão você era. Nem a cara feroz do oficial de recuperação Bom Arbles podia impedir os pilotos da LEP de fazer um *mergulho no centro*. Holly tinha o recorde atu-

al. Tinha chegado a quinhentos metros do centro derretido da terra antes de baixar os flaps. Isso havia lhe custado duas semanas de suspensão, além de uma bela multa.

Mas hoje não. Nada de recordes numa batedeira. Com a força ondulando a pele de suas bochechas, Holly puxou as alavancas para trás, levando o nariz do veículo para a vertical. Não sentiu pouca satisfação ao ouvir os dois humanos suspirando de alívio.

— Certo, Potrus, estamos subindo. Qual é a situação na superfície?

Ela pôde ouvir Potrus batucando num teclado.

— Sinto muito, Holly, não estou conseguindo conectar nenhum equipamento de superfície. Há muita radiação da última explosão. Você está sozinha.

Holly olhou os dois humanos pálidos na cabine. Sozinha, pensou. Eu gostaria disso.

PARIS

Então, se Artemis não era o humano que estava ajudando Porrete em sua tentativa de armar os B'wa Kell, quem

seria? Algum ditador tirânico? Talvez um general descontente com acesso a um suprimento ilimitado de células de energia? Bem, não. Não exatamente.

Luc Carrère era o responsável por vender pilhas aos B'wa Kell. Não que você soubesse disso ao olhar para ele. De fato, nem ele mesmo sabia. Luc era um detetive particular de terceira, bem conhecido pela ineficiência. Nos círculos dos detetives particulares, diziam que Luc não seria capaz de encontrar uma bola de golfe num barril cheio de mozzarella.

Porrete decidiu usar Luc por três motivos. Um, os arquivos de Potrus mostravam que Carrère tinha reputação de trambiqueiro. Apesar da incapacidade como investigador, Luc levava jeito para pôr a mão em qualquer coisa que um cliente quisesse comprar. Dois, o sujeito era ambicioso e nunca fora capaz de resistir à atração do dinheiro fácil. E três, Luc era estúpido. E como até as crianças do povo das fadas sabem, as mentes fracas são mais fáceis de mesmerizar.

O fato de ter localizado Carrère no banco de dados de Potrus bastava para fazer com que Porrete sorrisse. Claro, Urze preferiria não ter qualquer elo humano na corrente. Mas uma corrente composta somente de goblins era uma corrente imbecil.

Estabelecer contato com qualquer Homem da Lama não era coisa que Porrete visse com tranqüilidade. Por mais que fosse corrompido, Urze tinha plena consciência do que aconteceria se os humanos ficassem sabendo de um novo mercado abaixo da superfície. Iriam invadir o centro da terra como um exército de formigas vermelhas comedoras de carne. Porrete não estava preparado para encarar os homens de frente. Ainda não. Não enquanto não tivesse o poder da LEP por trás.

Em vez disso, Porrete mandou a Carrère um pequeno pacote. Primeira classe, correspondência goblin disfarçada com escudos.

Luc Carrère tinha entrado arrastando os pés em seu escritório numa tarde de julho e encontrou um pequeno embrulho sobre a mesa. O pacote não passava de uma entrega da FedEx. Ou alguma coisa que se parecia muito com uma entrega da FedEx.

Luc cortou a fita. Dentro da caixa, aconchegado num ninho de notas de cem francos, estava um pequeno instrumento chato. Como um tocador de CDs portátil, mas feito de um estranho metal preto que parecia absorver a luz. Luc teria gritado para a recepção e instruído a secretária a não atender a nenhum telefonema. Se tivesse uma recepção. Se tivesse secretária. Em

vez disso o investigador começou a enfiar o dinheiro em sua camisa manchada de gordura como se as notas fossem desaparecer.

De repente o instrumento se abriu como uma concha, revelando uma microtela e alto-falantes. Um rosto sombreado apareceu na tela. Ainda que Luc não pudesse ver nada além de dois olhos com as bordas vermelhas, isso bastou para fazer suas costas se arrepiarem.

Mas, engraçado, quando o rosto começou a falar, as preocupações de Luc escorregaram para trás como pele velha de cobra. Como ele poderia ter se preocupado? Essa pessoa era obviamente amiga. Que voz linda! Como um coro de anjos.

— *Luc Carrère?*

Luc quase chorou. Era poesia.

— *Oui.* Sou eu.

— *Bonsoir. Está vendo o dinheiro, Luc? É todo seu.* — Cem quilômetros abaixo da superfície, Porrete quase sorriu. Era mais fácil do que ele esperava. Estivera preocupado com a hipótese de o restinho de poder que havia em seu cérebro não ser suficiente para mesmerizar o humano. Mas esse Homem da Lama específico parecia ter a força de vontade de um porco faminto diante de uma gamela cheia de nabos.

Luc segurou dois maços de notas.

— Este dinheiro. É meu? O que eu tenho de fazer?

— *Nada. O dinheiro é seu. Faça o que quiser.*

Bom, Luc Carrère sabia que não existia esse negócio de dinheiro de graça, mas aquela voz... Aquela voz era a verdade num microalto-falante.

— *Mas há mais. Muito mais.*

Luc parou o que estava fazendo, que era beijar uma nota de cem francos.

— Mais? Mais quanto?

Os olhos pareceram brilhar vermelhos.

— *Quanto você quiser, Luc. Mas para ganhar você tem de me fazer um favor.*

Luc estava fisgado.

— Claro. Que tipo de favor?

A voz que emanava do alto-falante era clara como água da fonte.

— *É simples, e nem é ilegal. Eu preciso de pilhas elétricas, Luc. Milhares de pilhas. Talvez milhões. Você acha que pode conseguir para mim?*

Luc pensou durante dois segundos. As notas pinicavam no seu queixo. De fato, ele tinha um contato no rio que regu-

larmente transportava cargas de equipamento para o Oriente Médio, inclusive pilhas. Luc tinha confiança de que alguns daqueles embarques poderiam ser desviados.

— Pilhas. *Oui, certainement*, eu poderia fazer isso.

E foi assim durante vários meses. Luc Carrère acionou seu contato para pegar cada pilha que ele pudesse conseguir. Era um negócio maravilhoso. Luc encaixotava as pilhas em seu apartamento e de manhã elas sumiam. No lugar havia uma nova pilha de notas. Claro, os francos eram falsos, feitos numa antiga impressora da Koboï, mas Luc não podia ver a diferença. Ninguém fora do Tesouro podia.

Ocasionalmente a voz na tela fazia um pedido especial. Algumas roupas de proteção contra fogo, por exemplo. Mas, epa, agora Luc fazia parte do jogo. Nada estava mais longe do que um telefonema. Em seis meses Luc Carrère passou de uma quitinete para um elegante apartamento em St Germain. De modo que, naturalmente, a Süreté e a Interpol estavam montando investigações separadas contra ele. Mas Luc não saberia disso. Só sabia que, pela primeira vez em sua vida corrupta, estava curtindo adoidado.

Num dia de manhã havia outro pacote em sua nova mesa com tampo de mármore. Maior desta vez. Mais grosso.

Mas Luc não estava preocupado. Provavelmente era mais dinheiro.

Abriu a tampa e descobriu uma caixa de alumínio e um outro comunicador. Os olhos estavam esperando por ele.

— *Bonjour, Luc. Ça va?*

— *Bien* — respondeu Luc, mesmerizado a partir da primeira sílaba.

— *Hoje tenho uma tarefa especial para você. Faça isso direito e nunca mais terá de se preocupar com dinheiro de novo. Sua ferramenta está na caixa.*

— O que é? — perguntou nervoso o investigador particular. O instrumento parecia uma arma, e mesmo Luc estando mesmerizado, Porrete não tinha magia para reprimir totalmente a natureza do parisiense. O investigador podia ser trambiqueiro, mas não era assassino.

— *É uma câmera especial, Luc, só isso. Se você apertar esse negócio que parece um gatilho, ela tira uma foto.*

— Ah — disse Luc Carrère, com olhos lacrimosos.

— *Alguns amigos meus vão visitar você. Eu só quero que você tire a foto deles. É só um jogo nosso.*

— Como eu vou conhecer os seus amigos? Um monte de gente me visita.

— *Eles vão perguntar pelas pilhas. Se perguntarem pelas pilhas, tire a foto deles.*

— Certo. Ótimo. — E era mesmo ótimo. Porque a voz nunca iria obrigá-lo a fazer alguma coisa errada. A voz era sua amiga.

ESTAÇÃO DE LANÇAMENTO E37

Holly guiou a batedeira no trecho final do poço. Um sensor de proximidade no nariz do transportador acionou as luzes da plataforma de pouso.

— Hmm — murmurou Holly.

Artemis forçou a vista através do pára-brisa de quartzo.

— Algum problema?

— Não. É só que essas luzes não deveriam estar funcionando. Não há uma fonte de energia no terminal desde o século passado.

— Nossos amigos goblins, imagino. Holly franziu a testa.

— Duvido. É preciso meia dúzia de goblins para acender um cubo de luz. Para fazer funcionar uma estação de

transportadores é preciso muito conhecimento. Conhecimento élfico.

— A trama fica mais complicada — disse Artemis. Se ele tivesse barba, a teria cocado. — Sinto cheiro de traidor. Bom, quem teria acesso a toda essa tecnologia e motivo para vendê-la?

Holly apontou o cone do transportador para os nódulos de pouso.

— Nós vamos descobrir logo. Só me consiga um traficante vivo, e meu *mesmer* logo irá fazê-lo abrir o bico.

O transportador atracou com um sibilo pneumático, enquanto a gola de borracha do nódulo formava um lacre estanque em volta do casco externo.

Butler estava fora de sua cadeira antes que a luz dos cintos de segurança se apagasse, pronto para a ação.

— Só não mate ninguém — alertou Holly. — Não é assim que a LEP gosta de agir. De qualquer modo, os Homens da Lama mortos não entregam os seus parceiros.

Ela fez aparecer uma planta-baixa na tela da parede. Mostrava a velha cidade de Paris.

— Certo — falou, apontando para uma ponte que atravessava o Sena. — Nós estamos aqui. Debaixo desta ponte, a

sessenta metros da Notre Dame. A doca é disfarçada como um dos pilares da ponte. Fiquem junto à porta até eu dar sinal verde. Aqui nós precisamos ter cuidado. A última coisa de que precisamos é de algum parisiense vendo vocês saindo de uma parede de tijolos.

— Você não vai nos acompanhar? — perguntou Artemis.

— Ordens — disse Holly, com um muxoxo. — Isto pode ser uma armadilha. Quem sabe que tipo de coisa está apontada para a porta do terminal? Para sorte de vocês, vocês são dispensáveis. Turistas irlandeses de férias, ninguém vai estranhar.

— Que sorte a nossa. Que pistas nós temos? Holly pôs um disco no console.

— Potrus colocou o Retimagem dele no prisioneiro goblin. Parece que ele viu este humano.

A capitã pôs uma foto na tela.

— Potrus conseguiu identificar pelos seus arquivos da Interpol. Luc Carrère. Advogado proibido de exercer a profissão, trabalha como investigador particular.

Ela imprimiu um cartão.

— Aqui está o endereço. Ele acabou de se mudar para

um apartamento elegante e novo. Pode não ser nada, mas pelo menos temos onde começar. Eu preciso que vocês o imobilizem e mostrem isso. — Holly entregou ao guarda-costas o que parecia um relógio de mergulho.

— O que é? — perguntou o empregado.

— Só uma tela de comunicação. Ponha na frente do rosto de Carrère e eu posso mesmerizá-lo daqui, para arrancar a verdade. Além disso contém um dos brinquedinhos de Potrus: um escudo pessoal. O Redesegurança. Você vai adorar saber que é um protótipo. Terá a honra de testá-lo. Toque na tela e o microrreator gera uma esfera de dois metros de diâmetro de luz trifásica. Não serve para coisas sólidas, mas para tiros de laser ou choques de concussão funciona.

— Hmm — disse Butler, em dúvida. — Nós não temos muitas armas laser acima da superfície.

— Então não use isso. O que me importa? Butler examinou o instrumento minúsculo.

— Raio de um metro? E as partes do corpo que ficarem de fora? Holly deu um soco de brincadeira na barriga do mordomo.

— Meu conselho, grandão: enrole-se numa bola.

— Vou tentar me lembrar disso — disse Butler, pren-

dendo o instrumento no pulso. — E vocês dois, tentem não matar um ao outro enquanto eu estiver fora.

Artemis ficou surpreso. Isso não acontecia com muita frequência.

— Enquanto *você* estiver fora? Você não acha que eu vou ficar para trás.

Butler deu um tapa na testa.

— Não se preocupe, você vai ver tudo pela câmera de íris. Artemis fumegou durante vários instantes, antes de se acomodar de novo no banco do co-piloto.

— Eu sei. Eu só iria atrasar você, e isso, por sua vez, iria atrasar a busca ao meu pai.

— Claro que se você insistir...

— Não. Não está na hora para infantilidades.

Butler deu um sorriso gentil. Infantilidade era uma coisa da qual mestre Artemis dificilmente poderia ser acusado.

— Quanto tempo nós temos? Holly deu de ombros.

— O que for necessário. Obviamente, quanto antes, melhor, para o bem de todo mundo. — Ela olhou para Artemis. — Especialmente do pai dele.

Apesar de tudo, Butler sentia-se bem. Esta era a vida em seu sentido mais básico. A caçada. Não exatamente na Idade

da Pedra, já que estava com uma grande arma semi-automática debaixo do braço. Mas o princípio era o mesmo: a sobrevivência do mais apto. E na mente de Butler não havia dúvida de que ele era o mais apto.

Seguiu as orientações de Holly até uma escada de serviço, subindo-a rapidamente até a saída acima. Esperou ao lado da porta de metal até que a luz acima mudou de vermelha para verde, e a entrada camuflada deslizou sem ruído. O guarda-costas saiu cautelosamente. Mesmo sendo provável que a ponte estivesse deserta, ele não poderia se explicar dizendo que era um sem-teto, já que estava vestido num terno escuro, de grife.

Buder sentiu uma brisa tocar a cúpula raspada de sua cabeça. O ar da manhã estava bom, mesmo depois de algumas horas debaixo da superfície. Ele podia imaginar facilmente como o povo das fadas devia se sentir, forçado pelos humanos a sair de seu ambiente nativo. Pelo que Butler tinha visto, se algum dia o Povo decidisse reivindicar o que era seu, a batalha não duraria muito. Mas, felizmente para a humanidade, aquele era um povo amante da paz, e não estava preparado para guerrear por terras.

A barra estava limpa. Butler saiu casualmente para a

passagem na beira do rio, seguindo para o oeste na direção do distrito de Saint Germain.

Um barco passou no rio à sua direita, levando uma centena de turistas pela cidade. Butler cobriu o rosto automaticamente com a mão enorme. Só para o caso de algum daqueles turistas ter uma filmadora apontada na sua direção.

O guarda-costas subiu uma escada de pedra até a rua acima. Atrás dele a agulha da Notre Dame apontava para o céu, e à esquerda o famoso perfil da torre Eiffel perfurava as nuvens. Butler caminhou confiante pela rua principal, cumprimentando com a cabeça várias senhoras francesas que pararam para olhar. Ele era familiarizado com essa área de Paris, já que havia passado um mês se recuperando aqui depois de uma tarefa particularmente perigosa para o Serviço Secreto Francês.

Seguiu pela rue Jacob. Mesmo a essa hora, carros e caminhões atulhavam a rua estreita. Motoristas montavam nas buzinas, pendurados nas janelas dos veículos, com o humor gaulês a toda. Motonetas se desviavam entre os pára-choques, e várias garotas bonitas passaram andando. Butler sorriu. Paris. Ele havia esquecido.

O apartamento de Carrère ficava na rue Bonaparte, do outro lado da igreja. Os apartamentos em Saint Germain custa-

vam mais por mês do que a maioria dos parisienses ganhava por ano. Butler pediu um café e um croissant no café Bonaparte, sentando-se numa mesa do lado de fora. Segundo seus cálculos, ela lhe dava uma visão perfeita da sacada de Monsieur Carrère.

Não precisou esperar muito. Em menos de uma hora o parisiense atarracado apareceu na sacada, apoiando-se no corrimão ornamentado durante vários minutos. De modo muito solícito, apresentou visões de lado e de perfil de si mesmo.

A voz de Holly soou no ouvido de Butler:

— É o nosso garoto. Ele está sozinho?

— Não dá para dizer — murmurou o guarda-costas atrás da mão. O microfone cor da pele grudado na garganta captaria qualquer vibração e transmitiria para Holly.

— Só um segundo.

Butler ouviu um teclado sendo digitado, e de repente a íris-cam em seu olho faiscou. A visão num dos olhos passou para um espectro completamente diferente.

— Sensível ao calor — informou Holly. — Quente é igual a vermelho. Frio é igual a azul. Não é um sistema muito poderoso, mas as lentes devem penetrar na parede externa.

Butler olhou de novo para o apartamento. Havia três objetos vermelhos na sala. Um era o coração de Carrère, que

pulsava carmesim no centro de seu corpo cor-de-rosa. O segundo parecia uma chaleira ou talvez um bule de café. E o terceiro era uma TV.

— Certo. Tudo limpo, vou entrar.

— Afirmativo. Olhe onde pisa. Esse negócio está um pouco conveniente demais.

— Concordo.

Butler atravessou a rua de paralelepípedos até o prédio de quatro andares. Havia um sistema de segurança com interfone, mas aquela construção era do século XIX, e um ombro sólido no ponto certo fez a fechadura saltar.

— Estou dentro.

Houve um barulho na escada acima. Alguém estava descendo. Butler não ficou muito preocupado. Mesmo assim enfiou a mão dentro do paletó, com os dedos no cabo da pistola. Não era provável que fosse precisar dela. Até mesmo os rapazes mais arruaceiros davam ampla passagem a Buder. Tinha algo a ver com seus olhos implacáveis. Medir quase dois metros e dez também não atrapalhava.

Um grupo de adolescentes apareceu na escada.

— *Excusez-moi* — disse Butler, galantemente ficando de lado.

As garotas deram risinhos. Os garotos olharam mal-encarados. Um deles, que tinha só uma sobrancelha e jeito de jogador de rúgbi, chegou a pensar num comentário de passagem. Então Butler piscou para ele. Era uma piscadela peculiar, simultaneamente alegre e aterrorizante. Nenhum comentário foi feito.

Butler subiu até o quarto andar sem qualquer incidente. O apartamento de Carrère ficava no canto do prédio. Duas paredes com janelas. Muito caro.

O guarda-costas estava pensando nas opções de invasão quando percebeu que a porta estava aberta. Portas abertas geralmente significavam duas coisas: uma, ninguém ficou vivo para fechar. Ou duas: ele estava sendo esperado. Nenhuma dessas opções lhe atraía particularmente.

Butler entrou com cautela. As paredes do apartamento estavam cobertas de caixotes abertos. Caixas de pilhas e roupas antifogo apareciam através das embalagens de isopor. O chão estava coberto por grossos maços de dinheiro.

— Você é amigo? — era Carrère. Ele estava largado numa poltrona enorme, com algum tipo de arma aninhada no colo.

Buder se aproximou devagar. Uma importante regra de

combate é levar todo oponente a sério.

— Vá com calma.

O parisiense levantou a arma. O cabo era feito para dedos menores. De uma criança, ou de alguém do Povo.

— Eu perguntei se você é um amigo. Butler engatilhou sua pistola.

— Não precisa atirar.

— Fique parado — ordenou Carrère. — Eu não vou atirar em você, só tirar sua foto, talvez. A voz me disse.

A voz de Holly soou no fone de ouvido de Butler.

— Chegue mais perto. Preciso ver os olhos. Butler guardou sua arma, dando um passo à frente.

— Veja bem, ninguém precisa se machucar aqui.

— Vou aumentar a imagem — disse Holly. — Isso pode arder um pouco.

A minúscula câmera em seu olho zumbiu, e de repente a visão de Butler foi ampliada quatro vezes. O que estaria ótimo se a ampliação não fosse acompanhada por uma pontada dolorosa. Buder piscou enquanto um jorro de lágrimas brotava de seu olho.

Lá embaixo no transportador goblin, Holly examinou as pupilas de Luc.

— Ele foi mesmerizado — decretou ela. — Várias vezes. Dá para ver como a íris ficou serrilhada. Se você mesmerizar um humano demais ele pode ficar cego.

Artemis examinou a imagem.

— É seguro mesmerizá-lo de novo? Holly deu de ombros.

— Não importa. Ele já está sob um feitiço. Esse indivíduo em particular só está seguindo ordens. Seu cérebro não sabe de nada.

Artemis pegou o suporte do microfone.

— Butler! Saia daí. Agora mesmo.

No apartamento, Butler ficou firme. Qualquer movimento súbito poderia ser o último.

— Butler — disse Holly. — Ouça com cuidado. Aquela arma apontada para você é uma pistola de baixa frequência e alcance largo. Nós a chamamos de Ricochete, foi desenvolvida para escaramuças em túneis. Se ele puxar o gatilho, um arco de laser amplo vai ricochetear nas paredes até acertar em alguma coisa.

— Sei — murmurou Butler.

— O que você disse? — perguntou Carrère.

— Nada. Eu só não gosto de tirar foto.

Uma fagulha da personalidade cobiçosa de Luc veio à superfície.

— Eu gosto desse relógio no seu pulso. Parece caro. É Rolex?

— Você não quer isso — disse Butler, muito relutante em se separar da tela de comunicação. — É barato. Um lixo.

— Só me dê o relógio.

Butler abriu a correia do instrumento no pulso.

— Se eu lhe der o relógio talvez você me conte sobre todas essas pilhas.

— É você! Diga xis — guinchou Carrère, forçando o dedo gorducho no gatilho pequeno e puxando com toda a força.

Para Butler o tempo pareceu se arrastar. Era quase como se ele estivesse dentro de um interruptor de tempo pessoal. Seu cérebro de soldado absorveu todos os fatos e analisou suas opções. O dedo de Carrère já estava muito adiantado. Num momento um jorro de laser de alcance largo estaria vindo na sua direção, e continuaria a ricochetear na sala até que os dois estivessem mortos. Sua arma não adiantava nada numa situação dessas. Ele só tinha a Redesegurança, mas uma esfera de dois metros não bastaria. Não para dois humanos de bom tamanho.

Assim, na fração de segundo que lhe restava, Butler formulou uma nova estratégia. Se a esfera podia impedir que as ondas concussivas o acertassem, talvez pudessem impedir que elas saíssem da Ricochete. Butler tocou a tela do Redesegurança e jogou o instrumento na direção de Carrère.

Menos de um nanossegundo antes da hora fatídica, um escudo esférico brotou, envolvendo o raio que se expandia da arma de Carrère: 360° de proteção. Era uma coisa de se ver, um show de fogos de artifício dentro de uma bolha. O escudo pairava no ar, com raios de luz ricocheteando contra os planos curvos da esfera.

Carrère estava hipnotizado com a visão, e Buder se aproveitou da distração para desarmá-lo.

— Ligue os motores — grunhiu o guarda-costas no microfone de garganta. — A Süreté vai estar aqui em minutos. A Redesegurança de Potrus não conteve o barulho.

— Entendido. E quanto ao Monsieur Carrère? Butler largou o atordoado parisiense no tapete.

— Luc e eu vamos bater um papinho.

Pela primeira vez Carrère parecia ter consciência do que havia ao redor.

— Quem é você? — murmurou. — O que está acon-

tecendo?

Butler rasgou a camisa do sujeito, pondo a palma da mão em cima do coração do investigador particular. Hora de um truquezinho que tinha aprendido com madame Vu, sua sensei japonesa.

— Não se preocupe, Monsieur Carrère. Eu sou médico. Houve um acidente, mas o senhor ficará perfeitamente bem.

— Um acidente? Não lembro de acidente nenhum.

— É por causa do trauma. Isso é normal. Eu só vou verificar seu estado.

Butler pôs um polegar no pescoço de Luc, localizando a artéria.

— Vou fazer umas perguntas, para verificar como está sua concussão.

Luc não argumentou. Afinal de contas, quem argumentaria com um eurasiano de mais de dois metros de altura com músculos de uma estátua de Michelângelo?

— Seu nome é Luc Carrère?

— É.

Butler notou o ritmo da pulsação. Um da batida cardíaca, e uma segunda referência da artéria carótida. Firme, apesar do acidente.

— Você é detetive particular?

— Prefiro o título de investigador.

Nenhum aumento na pulsação. O homem estava dizendo a verdade.

— Você já vendeu pilhas para um comprador misterioso?

— Não, não vendi — protestou Luc. — Que tipo de médico você é?

A pulsação do sujeito disparou para o espaço. Estava mentindo.

— Responda às perguntas, Monsieur Carrère — disse Butler, sério. — Só mais uma. Você já negociou com goblins?

O alívio atravessou Luc. A polícia não fazia perguntas sobre seres mitológicos.

— Qual é a sua? Está maluco? Goblins? Não sei do que você está falando.

Butler fechou os olhos, concentrando-se nas batidas debaixo do polegar e da palma da mão. A pulsação de Luc tinha se acomodado. Ele estava dizendo a verdade. Nunca tivera qualquer contato direto com os goblins. Obviamente os B'wa Kell não eram *tão* estúpidos.

Butler se levantou, enfiando a Ricochete no bolso. Po-

dia ouvir as sirenes na rua lá embaixo.

— Ei, doutor — protestou Luc. — Você não pode me deixar assim.

Butler o encarou friamente.

— Eu levaria você comigo, mas a polícia vai querer saber por que seu apartamento está cheio do que eu imagino que sejam notas falsas.

Luc só pôde olhar de boca aberta enquanto a figura gigantesca desaparecia no corredor. Ele sabia que deveria correr, mas Luc Carrère não tinha corrido mais de cinqüenta metros desde as aulas de ginástica nos anos 60, e, de qualquer modo, suas pernas subitamente tinham virado geléia. A idéia de uma longa temporada na prisão faz isso com as pessoas.

CAPÍTULO 7: LIGANDO

OS PONTOS

DELEGACIA CENTRAL PLAZA



RAIZ APONTOU O DEDO da autoridade para Holly.

— Parabéns, capitã. Você conseguiu perder material tecnológico da LEP.

Holly estava pronta para isso.

— Não foi estritamente culpa minha, senhor. O humano estava mesmerizado e o senhor ordenou que eu não saísse do transportador. Eu não tinha controle sobre a situação.

— Na bucha — comentou Potrus. — Boa resposta. De qualquer modo a Redesegurança tem autodestruição, como tudo que eu mandei para o campo.

— Quietos, civis — disse rispidamente o comandante.

Mas não havia veneno na censura do oficial da LEP. Ele estava aliviado, todos estavam. A ameaça humana fora re-freada, c sem a perda de nenhuma vida.

Estavam reunidos numa sala reservada para comissões civis. Geralmente encontros dessa importância aconteceriam no Centro de Operações, mas a LEP ainda não estava preparada para mostrar a Artemis Fowl o centro nervoso de suas defesas.

Raiz apertou um botão de interfone na mesa.

— Encrenca, você está aí?

— Sim, senhor.

— Certo. Escute, quero que você baixe o alerta. Mande as equipes para os túneis profundos, para ver se podemos desnaturalizar algumas gangues de goblins. Ainda há um monte de pontas soltas: para começar, quem está organizando os B'wa Kell, e por que motivo?

Artemis sabia que não deveria dizer nada. Quanto mais cedo seu lado da barganha estivesse completado, mais cedo ele poderia estar no Ártico. Mas toda a situação em Paris parecia suspeita.

— Alguém mais acha que tudo isso está arrumadinho demais? É simplesmente o que todos vocês queriam que acontecesse. Para não mencionar o fato de que poderia haver mais humanos mesmerizados lá em cima.

Raiz não apreciou ser censurado por um Garoto da Lama. Especialmente aquele Garoto da Lama.

— Olhe, Fowl, você fez o que nós pedimos. A conexão parisiense foi rompida. Não haverá mais transportes ilegais por aquele poço, eu garanto. De fato, nós dobramos a segurança em todos os poços, quer estejam operacionais ou não. O importante é que quem está traficando com os humanos não contou a eles sobre o Povo. Claro que haverá uma grande investigação, mas isso é um problema interno. Então não preocupe sua cabeça jovem com isso. Concentre-se em ganhar umas espinhas. Potrus interrompeu antes que Artemis pudesse responder.

— Com relação à Rússia—disse ele, apressadamente colocando seu torso entre Artemis e o comandante. — Eu tenho uma pista.

— Você rastreou o e-mail? — perguntou Artemis, com a atenção passando imediatamente para o centauro.

— Exato — confirmou Potrus, passando para seu estilo discursivo.

— Mas ele foi autodestruído, é impossível de ser rastreado. Potrus riu abertamente.

— Autodestruído? Não me faça rir. Vocês, Homens da Lama, e seus sistemas de comunicação! Ainda estão usando fios, pelo amor dos céus. Se a coisa foi mandada, eu posso rastrear.

— Então, você rastreou até onde?

— Todo computador tem uma assinatura, tão individual quanto uma impressão digital — prosseguiu Potrus. — As redes também. Elas deixam microrrastros, dependendo da idade do cabeamento. Tudo é molecular, e se você atulhar gigabytes de dados num pequeno cabo, parte desse cabo vai se desgastar.

Butler estava ficando impaciente.

— Escute, Potrus. O tempo é essencial. A vida do senhor Fowl pode estar correndo risco. Então vá direto ao assunto antes que eu comece a quebrar coisas.

O primeiro impulso do centauro foi rir. Sem dúvida o humano estava brincando, não é? Depois se lembrou do que Butler tinha feito com o esquadrão de resgate de Encrenca Kelp, e decidiu ir direto ao assunto.

— Muito bem, Homem da Lama. Não se descabele. Bom, quase diretamente ao assunto.

— Eu passei o MPG pelos meus filtros. Um resíduo de urânio aponta para o norte da Rússia.

— Ah, estou chocado!

— Eu não acabei — disse Potrus. — Olhe e aprenda.

O centauro pôs na tela de parede uma foto de satélite do círculo ártico. A cada toque no teclado, a área selecionada encolhia.

— Urânio significa Severomorsk. Ou algum lugar num raio de cem quilômetros. O cabeamento de cobre é de uma rede antiga. Início do século XX, remendada no passar dos anos. O único lugar que combina é Murmansk. Tão fácil quanto juntar dados.

Artemis se inclinou para a frente na cadeira.

— Há 284 linhas térreas naquela rede.—Potrus teve de parar para rir. — *Linhas térreas*. Bárbaros.

Butler estalou os nós dos dedos ruidosamente.

— Bem, então são 284 linhas térreas. Eu escrevi um programa para procurar identificações no nosso MPG. Há dois locais possíveis. Um, o Palácio de Justiça.

— Não é provável. E o outro?

— O outro está registrado no nome de Mikhael Vassikin, na Lenin Prospekt.

Artemis sentiu o estômago se revirar.

— E o que sabemos sobre Mikhael Vassikin?

Potrus balançou os dedos como um concertista de piano.

— Eu fiz uma busca em meus arquivos de inteligência. Gosto de manter conexões com as supostas agências de inteligência dos Homens da Lama. A propósito, Butler, há um bo-

cado de menções a você.

O mordomo tentou parecer inocente, mas seus músculos faciais não conseguiram.

— Mikhael Vassikin já foi da KGB, agora trabalha para a Mafiya. O termo oficial é *kbuligany*. Um executor. Não de alto nível, mas também não é lixo da rua. O chefe de Vassikin é um sujeito de Murmansk conhecido como Britva. A principal fonte de rendimentos do grupo é o seqüestro de empresários europeus. Nos últimos cinco anos eles seqüestraram seis alemães e um sueco.

— Quantos foram resgatados vivos? — perguntou Artemis, com a voz transformada num sussurro.

Potrus consultou suas estatísticas.

— Nenhum. E em dois casos os negociadores desapareceram. Oito milhões de dólares em resgate perdido.

Butler pegou uma cadeira minúscula, adequada para alguém do povo das fadas.

— Certo, chega de papo. Acho que está na hora de o senhor Vassikin ser apresentado ao meu amigo, o senhor Punho.

Melodramático, pensou Artemis. Mas eu não poderia ter dito de modo melhor.

— Sim, velho amigo. Logo, logo. Mas eu não desejo acrescentar você à lista de negociadores perdidos. Esses homens são inteligentes. De modo que devemos ser mais inteligentes ainda. Temos vantagens que nenhum dos nossos predecessores possuíam. Sabemos quem é o seqüestrador, sabemos onde ele mora, e, mais importante, temos magia do povo das fadas. — Artemis olhou para o comandante Raiz. — Nós temos magia do povo das fadas, não temos?

— Vocês têm pelo menos este membro do Povo — respondeu o comandante. — Eu não forcerei ninguém do meu pessoal a ir à Rússia. Mas poderia arranjar algum apoio. — Ele olhou para Holly. — O que acha?

— Claro que eu vou — disse Holly. — Eu sou a melhor piloto de transportador que o senhor tem.

LABORATÓRIOS KOBOI

Havia um estande de tiro no porão dos Laboratórios Koboï. Opala tinha mandado construí-lo segundo suas especificações exatas. O local incorporava seu sistema de projeção em 3D, era totalmente à prova de som e montado sobre giroscó-

pios. Você poderia largar um elefante de quinze metros de altura ali e nenhum sismógrafo debaixo da superfície detectaria nem mesmo um tremelique.

O objetivo do estande de tiro era dar aos B'wa Kell um lugar para treinar com seus lasers NarizMacio antes que a operação começasse de verdade. Mas era Urze Porrete quem ficava mais horas do que qualquer um nos simuladores. Ele parecia passar cada minuto livre travando batalhas virtuais contra seu flagelo, o comandante Julius Raiz.

Quando Opala o encontrou, ele estava disparando cartuchos de sua valiosa NarizMacio RedBoy numa tela holográfica 3D que passava um dos velhos filmes de treinamento de Raiz. Na verdade aquilo era patético; um fato que ela não se incomodou em mencionar.

Porrete tirou os protetores de ouvido.

— Então. Quem morreu? Opala lhe entregou um palm-vídeo.

— Isso acabou de chegar pelas câmeras de espionagem. Carrère se mostrou inepto, como sempre. Todo mundo sobreviveu, mas como você previu, Raiz cancelou o alerta. E agora o comandante concordou em escoltar pessoalmente os humanos até o norte da Rússia, dentro do Círculo Ártico.

— Eu sei onde fica o norte da Rússia — disse Porrete rispidamente. Ele parou, acariciando pensativo a testa encolombada durante vários instantes. — Isso poderia ser vantajoso para nós. Agora temos a oportunidade perfeita para eliminar o comandante. Com Julius fora do caminho, a LEP será como um verme fedorento sem cabeça. Especialmente com as comunicações de superfície cortadas. As comunicações deles *estão* cortadas, não é?

— Claro — respondeu Opala. — O equipamento de interferência está ligado aos sensores do poço. Toda a interferência com os transmissores de superfície será considerada culpa das explosões de magma.

— Perfeito — disse Porrete, com a boca se retorcendo no que quase poderia ser descrito como alegria. — Quero que você desabilite todas as armas da LEP agora. Não precisa dar nenhuma vantagem a Julius.

Quando os Laboratórios Koboi tinham feito o serviço de melhoria nas armas e nos transportes da LEP, um minúsculo ponto de solda fora incluído em cada equipamento. Na verdade a solda era uma solução de mercúrio/glicerina que detonaria quando um sinal na frequência correta fosse transmitido da antena de comunicações da Koboi. As armas da LEP ficariam i-

núteis, enquanto os B'wa Kell estariam armados até os dentes com lasers NarizMacio.

— Considere feito — disse Opala. — Você tem certeza de que Raiz não vai voltar? Ele poderia estragar todo o nosso plano.

Porrete limpou a RedBoy na calça do uniforme.

— Não se preocupe, minha cara. Julius não vai voltar. Agora que eu sei aonde ele está indo, vou arranjar uma festinha de boas-vindas. Tenho certeza de que nossos amigos escamosos estarão doidos para concordar.

O engraçado é que Urze Porrete nem mesmo *gostava* de goblins. Na verdade detestava. Eles faziam a pele do ex-comandante se arrepiar com seus modos reptilianos. Seu hálito de queimador a gás, seus olhos sem pálpebras e suas línguas bifurcadas que se projetavam para fora constantemente.

Mas eles forneciam uma coisa de que Porrete precisava: músculos idiotas.

Durante séculos a quadrilha B'wa Kell permanecera escondida nas fronteiras de Porto, vandalizando o que pudesse roubar e atacando qualquer turista suficientemente estúpido para sair dos caminhos principais. Mas eles nunca tinham sido uma ameaça real para a sociedade. Sempre que ficavam metidos

demais, o comandante Raiz mandava uma equipe aos túneis, para pegar os culpados.

Uma noite, Urze Porrete entrou disfarçado na Segunda Pele, uma conhecida boate freqüentada pelos B'wa Kell, pôs uma maleta de executivo cheia de lingotes de ouro sobre o balcão e disse:

— Quero falar com a quadrilha.

Porrete foi revistado e vendado por vários dos seguranças da boate. Quando a fita adesiva saiu de seu rosto, Porrete estava num armazém úmido, com as paredes cheias de musgo. Três goblins idosos estavam sentados do outro lado da mesa, diante dele. Ele os reconheceu pelas fotos da polícia. Escamoto, Cuspe e Venoso. A velha guarda da quadrilha.

O presente em ouro, e a promessa de mais, bastou para atizar a curiosidade deles. A primeira coisa que Porrete falou tinha sido cuidadosamente planejada.

— Ah, generais, sinto-me honrado por me receberem pessoalmente.

Os goblins estufaram com orgulho seus peitos velhos e enrugados. Generais?

O resto do papo de Porrete foi igualmente escorregadio. Ele podia “ajudar” a organizar a B'wa Kell, torná-la mais ágil e,

mais importante, armá-la. Depois, quando chegasse a hora certa, eles iriam se levantar e derrubar o Conselho e seus lacaios, a LEP. Porrete prometeu que seu primeiro ato como governador-geral seria libertar todos os goblins que estavam presos no Pico do Uivo. E o fato de que ele havia sutilmente temperado o discurso com sugestões do *mesmer* hipnótico não deixou de ser uma boa ajuda.

Era uma oferta que os goblins não podiam recusar. Ouro, armas, liberdade para os irmãos e, claro, uma chance de esmagar a odiada LEP. Nunca tinha ocorrido aos B'wa Kell que Porrete poderia traí-los com a mesma facilidade com que havia traído a LEP. Eles eram idiotas como vermes fedorentos, e duas vezes mais míopes.

Porrete encontrou o general Escamoto numa câmara secreta sob os Laboratórios Koboí. Estava de péssimo humor depois do fracasso de Luc em arranhar qualquer dos seus inimigos. Mas havia sempre um plano B... Os B'wa Kell viviam ansiosos para matar alguém. Não importava muito quem fosse.

O goblin estava empolgado, sedento de sangue. Ofegava, soltando chamas azuis como um aquecedor quebrado.

— Quando vamos para a guerra, Porrete? Diga quando. O elfo manteve distância. Sonhava com o dia em que essas cri-

aturas estúpidas não fossem mais necessárias.

— Logo, general Escamoto. Muito em breve. Mas primeiro preciso de um favor. Tem a ver com o comandante Raiz.

Os olhos amarelos do goblin se estreitaram.

— Raiz? O odiado. Podemos matá-lo? Podemos rachar o crânio dele e fritar o cérebro?

Porrete deu um sorriso magnânimo.

— Certamente, general. Tudo isso. Assim que Raiz estiver morto, a cidade cairá facilmente.

Agora o goblin estava borbulhando, rindo de empolgação.

— Onde é que ele tá? Onde é que o Raiz tá?

— Não sei — admitiu Porrete. — Mas sei onde ele estará dentro de seis horas.

— Onde? Diga, elfo.

Porrete pôs uma grande caixa sobre a mesa. Continha dois pares de asas DuploDex.

— Poço 93. Leve isto, mande seu melhor esquadrão. E diga para se agasalharem.

Julius Raiz viajava em grande estilo. Dessa vez ele havia requisitado o transporte do embaixador de Atlântida. Todo de couro e ouro. Assentos mais macios do que o traseiro de um gnomo, e amortecedores que só deixavam perceber as sacudidas mais fortes. Desnecessário dizer que o embaixador atlante não tinha ficado nem um pouco empolgado em entregar o chip de partida. Mas era difícil recusar ao comandante quando os dedos dele estavam tamborilando na arma de cano triplo presa ao quadril. De modo que agora os humanos e seus dois acompanhantes elfos subiam pelo E93 dentro de um conforto considerável.

Artemis pegou um pouco d'água sem gás na geladeira.

— Isso tem um gosto incomum — comentou. — Não é desagradável, mas diferente.

— Limpa é a palavra que você está procurando — disse Holly. — Você não acreditaria na quantidade de filtros que temos de usar para tirar o Homem da Lama de dentro dela.

— Não pegue no pé dele, capitã Short — alertou Raiz. — Neste momento nós estamos do mesmo lado. Quero uma missão tranqüila. Agora ponham os trajes, todos vocês. Não

vamos durar cinco minutos lá fora sem proteção.

Holly abriu um armário no alto.

— Fowl, para a frente e no centro.

Artemis obedeceu, com um sorriso divertido torcendo seus lábios.

Holly tirou vários pacotes cúbicos de dentro do armário.

— Qual é o seu tamanho, mais ou menos seis? Artemis deu de ombros. Não era familiarizado com o sistema de medidas do Povo.

— O quê? Artemis Fowl não sabe. Eu achava que você era o especialista mundial no Povo. Foi você que roubou nosso Livro no ano passado, não foi?

Artemis desembulhou o pacote. Era um macacão de algum polímero de borracha ultraleve.

— Anti-radiação — explicou Holly. — Suas células vão me agradecer daqui a cinquenta anos, se você ainda estiver por aí.

Artemis vestiu o macacão por cima das roupas, e ele se encolheu até se ajustar como uma segunda pele.

— Material inteligente.

— Látex com memória. Molda-se à sua forma, razoa-

velmente. Infelizmente só pode ser usado uma vez. É usar e reciclar.

Butler veio cheio de clics e clangs. Estava usando tantas armas do Povo que Potrus havia lhe dado um CintoLua. O cinto reduzia o peso efetivo das coisas que eram presas a ele em um terço do normal na terra.

— E eu? — perguntou Butler, assentindo para os macacões anti-radiativos.

Holly franziu a testa.

— Nós não temos nada tão deformado assim. O látex não estica tanto.

— Esqueça. Eu já estive na Rússia antes. Não me matou.

— É, ainda não. Dê um tempo. Buder deu de ombros.

— Que opção eu tenho?

Holly sorriu, e havia um tom maligno naquele sorriso.

— Ah, eu não disse que não havia opção.

Ela enfiou a mão no armário, pegando uma enorme lata de spray. E, por algum motivo, a lata apavorou Butler mais do que um bunker cheio de mísseis.

— Agora fique parado—disse ela, apontando um bocal tipo gramofone para o guarda-costas. — Isso pode feder mais

do que um anão eremita, mas pelo menos sua pele não vai brilhar no escuro.

CAPÍTULO 8: PARA A RÚSSIA COM TUDO EM CIMA

LENIN PROSPEKT, MURMANSK



MIKHAEL VASSIKIN estava ficando impaciente. Já vinha bancando a babá há quase dois anos. A pedido de Britva. Não que fosse realmente um pedido. A palavra *pedido* dava a entender que você tinha alguma opção. Você não discutia com Britva. Nem mesmo protestava em silêncio. O *Menidzher*, ou gerente, era da velha escola em que sua palavra era lei.

As instruções de Britva tinham sido simples: alimente-o, banhe-o, e se ele não sair do coma dentro de mais um ano, mate-o e jogue o corpo no rio Kok.

Duas semanas antes do prazo final o irlandês tinha se sentado na cama. Ele acordou gritando um nome. Esse nome era Angeline. Kamar teve um choque tão grande que largou a garrafa de vinho que estava abrindo. A garrafa se despedaçou, cortando seus sapatos Ferruci e lascando uma unha do pé. As

unhas crescem de volta, mas os sapatos Ferruci eram difíceis de aparecer no círculo ártico. Mikhael fora forçado a se sentar em cima do parceiro para impedir que ele matasse o refém.

E assim agora estavam no jogo de espera. Seqüestro era um negócio estabelecido, e havia regras. Primeiro você mandava o bilhete instigador, ou, neste caso, o e-mail. Esperava alguns dias para dar ao otário a chance de reunir algum dinheiro, depois golpeava-o com o pedido de resgate.

Estavam trancados no apartamento de Mikhael na Lenin Prospekt, esperando o telefonema de Britva. Nem mesmo ousavam sair para tomar ar. Não que houvesse muita coisa para ver. Murmansk era uma daquelas cidades russas que tinham saído direto de um molde de concreto. As únicas ocasiões em que a Lenin Prospekt ficava com boa aparência era quando estava enterrada sob neve.

Kamar saiu do quarto. Suas feições duras estavam esticadas em descrença.

— Ele quer caviar, você acredita? Eu dei uma boa tigela de stroganina e ele quer caviar, o *irlanskiï* ingrato.

Mikhael revirou os olhos.

— Eu gostava mais dele quando estava dormindo. Kamar assentiu, cuspindo na lareira.

— Falou que os cobertores eram muito ásperos. Ele tem sorte de eu não o enrolar num saco e jogar na baía...

O telefone tocou, interrompendo suas ameaças vazias.

— É isso, meu amigo — disse Vassikin, dando um tapa no ombro de Kamar. — Nós estamos indo.

Vassikin atendeu o telefone.

— Sim?

— Sou eu — disse uma voz, enfraquecida pelos fios velhos.

— Senhor Brit...

— Cale-se, idiota! Nunca use o meu nome!

Mikhael engoliu em seco. O *Menidzher* não gostava de ser associado aos seus vários negócios. Isso significava nenhuma papelada e nenhuma menção ao seu nome, se ele pudesse ser gravado. Era seu costume telefonar enquanto estava andando de carro pela cidade, para que a localização não pudesse ser triangulada.

— Desculpe, chefe.

— Deve se desculpar mesmo — continuou o figurão da Mafiya. — Agora escute, e não fale, você não tem nada a dizer.

Vassikin cobriu o fone.

— Está tudo bem — sussurrou, fazendo sinal de posi-

tivo para Kamar. — Nós estamos fazendo um grande serviço.

— Os Fowl são uma quadrilha inteligente — continuou Britva. — E não tenho dúvida de que estão se concentrando em rastrear o último e-mail.

— Mas eu inutilizei o último...

— O que eu lhe disse?

— Disse para não falar, Sr. Brit... senhor.

— Isso mesmo. Então mande a mensagem de resgate e depois leve Fowl ao ponto de entrega.

Mikhael empalideceu.

— Ao ponto de entrega?

— É, ao ponto de entrega. Ninguém estará procurando vocês lá, eu garanto.

— Mas...

— Não venha de novo com essa falação! Seja macho, homem. São só dois dias. Então você pode perder um ano de sua vida, mas isso não vai matá-lo.

O cérebro de Vassikin borbulhava, procurando uma desculpa. Não veio nenhuma.

— Certo, chefe. Como quiser.

— Isso mesmo. Agora escute. Esta é a sua grande chance. Faça direito e você vai subir alguns degraus na organi-

zação.

Vassikin riu. Uma vida de champanha e carros caros o chamava.

— Se esse homem é realmente o pai do jovem Fowl, o garoto vai pagar. Quando você pegar o dinheiro, jogue os dois no Kok. Não quero nenhum sobrevivente para começar uma vingança. Ligue para mim se houver algum problema.

— Certo, chefe.

— Ah, mais uma coisa.

— Sim?

— Não ligue para mim.

A linha ficou muda. Vassikin foi deixado olhando o telefone como se ele fosse um foco de vírus da peste.

— E então? — perguntou Kamar.

— Nós devemos mandar a segunda mensagem. Um riso largo se abriu no rosto de Kamar.

— Excelente. Enfim essa coisa está quase acabada.

— Depois temos de levar o pacote até a zona de entrega.

O riso largo desapareceu como uma raposa entrando num buraco.

— O quê? Agora?

— É. Agora.

Kamar ficou andando de um lado para o outro na sala minúscula.

— Isso é loucura. Totalmente insano. Fowl não vai chegar aqui em menos de dois dias, no mínimo. Não há necessidade de nós passarmos dois dias respirando aquele veneno. Qual é o motivo?

Mikhael estendeu o telefone.

— Pergunte a ele. Tenho certeza de que o *Menidzher* vai adorar ser chamado de maluco.

Kamar afundou no sofá puído, pousando a cabeça nas mãos.

— Esse negócio nunca vai acabar?

Seu parceiro acionou o antigo disco rígido de dezesseis megabytes.

— Não tenho certeza — falou, mandando a mensagem preparada anteriormente.—Mas sei o que acontecerá se nós não fizermos o que Britva manda.

Kamar suspirou.

— Acho que vou gritar um pouco com o prisioneiro.

— Isso vai ajudar?

— Não — admitiu Kamar. — Mas vai fazer com que

eu me sinta melhor.

E93, ESTAÇÃO DE LANÇAMENTO ÁRTICO

A Estação Ártico nunca teve uma boa posição na lista de turismo do povo das fadas. Claro, os *icebergs* e ursos polares eram bonitos, mas nada valia saturar os pulmões com ar radioativo.

Holly atracou o transportador na única doca que funcionava. O terminal em si parecia apenas um armazém deserto. Esteiras rolantes estáticas serpenteavam ao longo do piso, e os tubos de aquecimento de baixo nível ressoavam com insetos vivos.

Ela entregou sobretudos humanos e luvas, tirados de um armário antigo.

— Enrolem-se, Garotos da Lama. Está frio lá fora. Artemis não precisava que lhe dissessem. As baterias solares do terminal tinham se esgotado há muito, e o aperto do gelo tinha rachado as paredes como uma noz num torno. Holly jogou de longe o casaco para Butler.

— Sabe de uma coisa, Butler? Você fede! — disse ela,

rindo. O mordomo rosnou.

— Você e o seu gel anti-radiação. Acho que minha pele mudou de cor.

— Não se preocupe com isso. Daqui a uns cinqüenta anos acaba saindo.

Butler abotoou um sobretudo de cossaco até o pescoço.

— Não sei por que vocês estão se enrolando todos. Vocês têm os macacões elegantes.

— Os casacos são camuflagem—explicou Holly, espalhando gel anti-radiação no rosto e no pescoço. — Se nós nos escudarmos, a vibração torna as roupas inúteis. Era o mesmo que mergulhar os ossos no núcleo de um reator. Por isso, só por esta noite, somos todos humanos.

Artemis franziu a testa. Se aqueles dois não podiam usar os escudos, ficaria muito mais difícil resgatar seu pai. O plano em que vinha pensando teria de ser reajustado.

— Chega de conversa — rosnou Raiz, puxando um chapéu de pele de urso sobre as orelhas pontudas. — Vamos sair em cinco minutos, quero todo mundo armado e perigoso. Até você, Fowl, se suas mãozinhas conseguirem segurar uma arma.

Artemis escolheu uma pistola no arsenal do transpor-

tador. Pôs a bateria no lugar e ajustou o nível de disparo no três.

— Não se preocupe comigo, comandante. Eu andei treinando. Nós temos um bocado de armas da LEP na mansão.

A pele de Raiz se avermelhou mais um pouco.

— Bom, há uma grande diferença entre atordoar uma figura de papelão e uma pessoa de verdade.

Artemis deu seu sorriso de vampiro.

— Se tudo acontecer de acordo com o plano, não haverá necessidade de armas. O primeiro estágio é a própria simplicidade; nós estabelecemos um posto de vigilância perto do apartamento de Vassikin. Quando chegar a oportunidade, Butler vai pegar nosso amigo russo e nós cinco bateremos um papinho. Tenho certeza de que, sob a influência do *mesmer*, ele dirá tudo que precisarmos saber. Depois será uma questão simples de atordoar qualquer guarda e resgatar meu pai.

Raiz puxou um cachecol grosso sobre a boca.

— E se as coisas não saírem de acordo com o plano? Os olhos de Artemis ficaram frios e decididos.

— Então, comandante, teremos de improvisar.

Holly sentiu um tremor na barriga. E não tinha nada a ver com o clima.

O terminal ficava enterrado quinze metros abaixo de um monte de gelo. Eles pegaram o elevador de cortesia até a superfície, e o grupo emergiu na noite do Ártico, parecendo um adulto com três crianças. Ainda que três crianças com armas não humanas chacoalhando debaixo de cada dobra de roupa. Holly verificou seu localizador GPS no pulso.

— Nós estamos no distrito de Rosta, comandante. Vinte quilômetros ao norte de Murmansk.

— O que Potrus diz sobre o tempo? Não quero ser apanhado no meio de uma nevasca a vinte quilômetros do nosso destino.

— Que azar. Não consigo linha. As explosões de magma ainda devem estar intensas.

— D'Arvit — xingou Raiz. — Bom, acho que teremos de nos arriscar a pé. Butler, você é o especialista aqui, tome a dianteira. Capitã Short, vá na retaguarda. Sinta-se livre para chutar qualquer traseiro humano se ele ficar de moleza.

Holly piscou para Artemis.

— Não precisa dizer duas vezes, senhor.

— Aposto que não — grunhiu Raiz, com a mínima sombra de um sorriso brincando nos lábios.

O grupo caminhou com dificuldade na direção sudeste,

sob o luar, até chegar a uma ferrovia. Caminhar sobre os dormentes era o único modo de estar livres dos montes de neve e dos buracos. O progresso era lento. Um vento do norte se enfiava através de cada poro das roupas, e o frio atacava toda a pele exposta como um milhão de dardos elétricos.

A conversa era pouca. O Ártico tinha esse efeito sobre as pessoas, ainda que três delas estivessem usando macacões com bobinas de aquecimento.

Holly rompeu o silêncio. Alguma coisa a vinha incomodando há algum tempo.

— Diga uma coisa, Fowl — falou atrás dele. — O seu pai. Ele é como você?

O passo de Artemis hesitou um instante.

— Essa é uma pergunta estranha. Por quê?

— Bom, você não é nenhum amigo do Povo. E se o homem que nós estivermos tentando resgatar for o homem que vai nos destruir?

Houve silêncio durante longo tempo, a não ser pelos dentes batendo. Holly viu o queixo de Artemis baixar até o peito.

— Você não tem motivo para se alarmar, capitã. Ainda que alguns dos empreendimentos do meu pai sejam indubita-

velmente ilegais, ele era... é... um homem nobre. A idéia de fazer mal a outra criatura seria repugnante para ele.

Holly arrancou sua bota de dentro de vinte centímetros de neve.

— Então o que aconteceu com você?

A respiração de Artemis veio por cima de seu ombro em camadas gélidas.

— Eu... eu cometi um erro.

Holly forçou a vista para a nuca do humano. Seria aquilo sinceridade da parte de Artemis Fowl? Era difícil acreditar. Ainda mais surpreendente era o fato de que ela não sabia como reagir. Se deveria estender a mão do perdão ou a bota da vingança. Por fim resolveu guardar o julgamento. Por enquanto.

Passaram por um vale alisado pelo vento sibilante. Butler não gostou daquilo. Seus sentidos de soldado estavam batucando dentro do crânio. Ele levantou um punho fechado.

Raiz andou mais rápido até alcançá-lo.

— Problema?

Butler forçou a vista para o campo nevado, procurando pegadas.

— Talvez. É um bom ponto para um ataque surpresa.

— Talvez. Se alguém soubesse que nós estamos vindo.

— Isso é possível? Alguém poderia saber?

Raiz fungou, com a respiração formando nuvens no ar.

— Impossível. O transportador é totalmente isolado, e a segurança da LEP é a melhor do planeta.

E foi então que o esquadrão de ataque dos goblins veio voando por cima da encosta.

Butler agarrou Artemis pela gola, jogando-o sem cerimônia num monte de neve. Sua outra mão já estava sacando uma arma.

— Fique de cabeça baixa, Artemis. Está na hora de eu merecer meu salário.

Artemis teria respondido irritado se sua cabeça não estivesse debaixo de noventa centímetros de neve.

Havia quatro goblins voando numa formação espalhada, escuros contra o céu iluminado pelas estrelas. Eles subiram rapidamente até trezentos metros, sem fazer qualquer tentativa de disfarçar a presença. Não atacaram nem fugiram, simplesmente pairaram lá em cima.

— Goblins — grunhiu Raiz, apoiando no ombro um fuzil de neutrino TiroLongo. — Estúpidos demais para viver. Eles só precisavam nos acertar.

Butler escolheu um ponto. Abrindo as pernas para ter

mais estabilidade.

— Vamos esperar até vermos o branco dos olhos deles, comandante?

— Os olhos dos goblins não têm branco — respondeu Raiz. — Mas mesmo assim, guarde sua arma. A capitã Short e eu vamos atordoá-los. Não é necessário que ninguém morra.

Butler pôs a Sig Sauer no coldre debaixo do braço. De qualquer modo, ela era praticamente inútil àquela distância. Seria interessante ver como Holly e Raiz se portavam num tiroteio. Afinal de contas, a vida de Artemis estava praticamente na mão deles. Para não mencionar a sua.

Butler olhou de lado. Holly e o comandante estavam acionando os gatilhos de várias armas. Sem qualquer resultado. As armas deles estavam tão mortas quanto camundongos num buraco de cobras.

— Não entendo — murmurou Raiz. — Eu mesmo verifiquei as armas.

Artemis, naturalmente, foi o primeiro a deduzir. Ele sacudiu a neve do cabelo.

— Sabotagem — proclamou, jogando para o lado a arma inútil que tinham lhe dado. — Não há outra alternativa. É por isso que os B'wa Kell precisam das NarizMacio, porque de

algum modo eles desabilitaram os lasers de vocês.

Mas o comandante não estava escutando, nem Butler. Esta não era a hora de deduções inteligentes; era hora de ação. Ali eles eram alvos fáceis, escuros de encontro ao brilho pálido do Ártico. Essa teoria se confirmou quando vários tiros de laser NarizMacio abriram buracos sibilantes na neve perto dos pés deles.

Holly ativou o Optix de seu capacete, dando um zoom no inimigo.

— Parece que um deles tem um laser NarizMacio, senhor. Uma coisa de cano comprido.

— Nós precisamos de cobertura. Rápido! Butler assentiu.

— Olhe. Uma saliência. Debaixo da encosta.

O mordomo pegou Artemis pela gola, levantando-o tão facilmente quanto uma criança pegando um gatinho. Eles correram pela neve até o abrigo da saliência. Talvez há um milhão de anos o gelo tenha se derretido o suficiente para uma geleira se curvar ligeiramente, depois congelar de novo. A ruga resultante havia resistido durante as eras, e agora talvez pudesse salvar suas vidas.

Eles mergulharam debaixo da dobra, apertando-se con-

tra a parede da geleira. A cúpula de gelo tinha uma espessura suficiente para agüentar tiros de qualquer arma convencional.

Buder cobriu Artemis com seu corpo, arriscando-se a dar uma olhada para cima.

— Longe demais. Não consigo vê-los. Holly?

A capitã Short pôs a cabeça para fora da laje congelada, com seu Optix dando um zoom até focalizar.

— Bom, o que eles estão fazendo?

Holly esperou um pouco, até as figuras ficarem mais nítidas.

— Engraçado. Agora todos estão disparando, mas...

— Mas o quê, capitã?

Holly bateu no capacete para garantir que as lentes estavam funcionando.

— Talvez eu esteja captando alguma distorção no Optix, senhor, mas parece que eles estão errando de propósito, atirando bem acima das nossas cabeças.

Butler sentiu o sangue martelando no cérebro.

— É uma armadilha! — rugiu, levando a mão atrás para agarrar Artemis. — Todo mundo para fora! Todo mundo para fora!

E foi então que os tiros dos goblins deslocaram um

grande naco da geleira, fazendo cinquenta toneladas de rocha, gelo e neve despencarem para a terra.

Eles quase conseguiram. Claro que *quase* nunca foi o bastante para ganhar um balde de grana numa roleta de gnomos. Se não fosse Buder, ninguém do grupo teria sobrevivido. Alguma coisa aconteceu com ele. Um jorro inexplicável de força, que não era diferente dos jorros de energia que fazem com que mães consigam retirar árvores caídas em cima dos filhos. O mordomo pegou Artemis e Holly, girando-os para a frente como se fossem pedras por cima de um lago. Não era um modo muito digno de viajar, mas certamente era melhor do que ter os ossos pulverizados por gelo caindo.

Pela segunda vez em poucos minutos Artemis caiu de cara num monte de neve. Atrás dele, Butler e Raiz estavam correndo para fora da saliência, com as botas escorregando na superfície gelada. O ar foi abalado pelo trovão da avalanche, o gelo compactado debaixo deles se levantou e se partiu. Enormes pedaços de rocha e gelo atravessaram a abertura da caverna como se fossem barras. Butler e Raiz estavam presos.

Holly estava de pé, correndo para o comandante. Mas o que poderia fazer? Jogar-se de novo debaixo da saliência?

— Fique para trás, capitã — disse a voz de Raiz no al-

to-falante de seu capacete. — É uma ordem!

— Comandante — respirou Holly. — O senhor está vivo.

— Mais ou menos — foi a resposta. — Butler está inconsciente e nós estamos espremidos no chão. A saliência está prestes a desmoronar. A única coisa que a mantém em pé são os entulhos. Se nós os tirarmos para poder sair...

Pelo menos estavam vivos. Presos, mas vivos. Um plano, precisavam de um plano.

Holly pegou-se estranhamente calma. Esta era uma das qualidades que a tornavam um agente de campo tão excelente. Em momentos de tensão excessiva, a capitã Short tinha a capacidade de encontrar um curso de ação. Frequentemente o único curso viável. No simulador de combate usado em sua prova para capitã, Holly tinha derrotado incontáveis inimigos virtuais explodindo o projetor. Tecnicamente havia derrotado todos os inimigos, de modo que os examinadores tiveram de aprová-la. Holly falou no microfone do capacete.

— Comandante, abra o CintoLua de Buder e prenda vocês dois nele. Eu vou puxá-los daí.

— Certo, Holly. Você precisa de uma corda?

— Se o senhor puder me estender uma.

— Espere aí.

Um dardo saltou por uma fenda entre as barras de gelo, pousando a um metro das botas de Holly. Atrás do dardo vinha uma corda fina.

Holly prendeu a corda na alça de seu cinto, certificando-se de que não houvesse nenhum nó. Enquanto isso Artemis tinha se arrastado para fora do monte de neve.

— Esse plano é completamente ridículo — disse ele, espanando neve das mangas. — Você não pode arrastar o peso dos dois com velocidade suficiente para ao mesmo tempo quebrar as lascas de gelo e escapar da geleira.

— Eu não vou arrastá-los — disse Holly rispidamente.

— Bem, então o quê?

A capitã Short apontou para o trilho. Havia um enorme trem serpenteando na direção deles.

— É isso — disse ela.

Restavam três goblins. O nome deles era D’Nall, Aumon e Nyle. Três recrutas doidos para ocupar o posto de tenente vago há pouco. O tenente Poli tinha pedido baixa quando chegou perto demais da avalanche e foi acertado por um painel de gelo transparente de quinhentos quilos.

Eles pairavam a trezentos metros de altura, bem fora do

alcance. Claro, não estavam fora do alcance das armas do povo das fadas, mas as armas da LEP estavam inoperantes no momento. A melhoria feita pelos Laboratórios Koboï tinha garantido isso.

— Foi um tremendo buraco no tenente Poli — assobiou Aymon. — Eu pude ver através dele. E com isso não quero dizer que ele era um mau mentiroso.

Os goblins não era muito ligados uns aos outros. Considerando a quantidade de facadas nas costas, mordidas e vingança geral que acontecia na B'wa Kell, não era bom fazer amigos especiais.

— O que você acha? — perguntou D'Nall, o bonito, relativamente falando. — Talvez um de vocês devesse dar uma olhada lá embaixo.

Aymon fungou:

— Claro. Nós descemos e o grandão acaba com a gente. Você acha que a gente é idiota demais?

— O grandão está fora de circulação. Eu próprio acabei com o grandão. Um tiro perfeito.

— Meu tiro provocou a avalanche — objetou Nyle, o neném da gangue. — Vocês sempre ficam com as minhas mananças.

— Que matanças? A única coisa que você já matou foi um verme fedorento. E mesmo assim por acidente.

— Besteira — disse Nyle, carrancudo. — Eu matei aquele verme de propósito. Ele estava me chateando.

Aymon planou entre os dois.

— Está bem. Não arrepiem as escamas, vocês dois. Nós só precisamos dar alguns tiros nos sobreviventes, daqui de cima.

— Belo plano, gênio — zombou D’Nall. — Só que não vai funcionar.

— Por que não?

D’Nall apontou para baixo com a mão manicurada.

— Porque eles estão embarcando naquele trem.

Quatro vagões verdes vinham do norte, arrastados por uma antiga locomotiva a diesel. Um torvelinho de neve se encaracolava atrás dele.

Salvação, pensou Holly. Ou talvez não. Por algum motivo a mera visão da locomotiva barulhenta deixou seu estômago borbulhando com ácido. Mesmo assim ela não estava em condições de ser exigente.

— É o trem da Mayak — disse Artemis.

Holly olhou por sobre o ombro. Artemis parecia ainda

mais pálido do que o normal.

— O quê?

— Os ambientalistas de todo o mundo o chamam de Máquina Verde, uma espécie de ironia. Ele transporta urânio e plutônio utilizado para ser reciclado nas Indústrias Químicas Mayak.

Há só um condutor trancado na locomotiva. Sem guardas. Totalmente carregado, esse negócio é mais radiativo do que um submarino nuclear.

— E você sabe disso porque... Artemis deu de ombros.

— Eu gosto de manter essas coisas rastreadas. Afinal de contas a radiação é o problema do mundo.

Agora Holly podia sentir. Gavinhas de urânio comendo através do gel anti-radiativo em suas bochechas. Aquele trem era veneno. Mas era sua única chance de tirar o comandante vivo.

— Esse negócio está ficando cada vez melhor — murmurou ela.

O trem estava mais perto. Obviamente. A uns dez quilômetros. Sem problemas para Holly sozinha, mas com dois homens derrubados e um Garoto da Lama praticamente inútil, seria um tremendo feito conseguir que eles embarcassem na-

quela locomotiva.

Holly parou um segundo para olhar os goblins. Eles estavam parados a trezentos metros de altura. Os goblins não eram bons em improvisar. Esse trem era inesperado; eles demorariam pelo menos um minuto para pensar numa nova estratégia. O grande buraco em seu colega caído talvez os fizesse pensar ainda mais.

Holly podia sentir a radiação emanando dos vagões, queimando através da fenda mais minúscula no gel anti-radiação, pinicando em seus globos oculares. Era apenas uma questão de tempo antes que sua magia se esgotasse. Depois disso ela estaria vivendo no lucro.

Agora não tinha tempo de pensar nisso. A prioridade era o comandante. Ela precisava tirá-lo de lá vivo. Se os B'wa Kell eram suficientemente ousados para montar uma operação contra a LEE obviamente havia alguma coisa bastante grande acontecendo lá embaixo. O que quer que fosse, Julius Raiz seria necessário para iniciar o contra-ataque. Ela se virou para Artemis.

— Certo, Garoto da Lama. Nós só temos uma chance. Agarre-se no que puder.

Artemis não pôde esconder um tremor de apreensão.

— Não tenha medo, Artemis. Você pode conseguir.
Artemis ficou irritado.

— Está frio, elfo. Os humanos tremem no frio.

— Esse é o espírito — disse a capitã da LEP, e começou a correr. A corda se estendia atrás dela como um cabo de arção. Apesar de ter a espessura aproximada de uma linha de pesca, podia facilmente suspender dois elefantes brigando. Artemis correu atrás dela o mais rápido que seu pés calçados com mocassins permitiam.

Corriam paralelos aos trilhos, os pés esmagando a neve. Atrás deles o trem chegava mais perto, empurrando um colchão de ar.

Artemis lutava para manter o passo. Isso não era para ele. Correr e suar. Combate, pelo amor de Deus! Ele não era soldado. Era um planejador. Um intelecto de comandante. A agitação do conflito ficaria melhor se fosse deixada para Butler e gente como ele. Mas dessa vez seu mordomo não estava ali para cuidar da tarefa física. E nunca estaria de novo se eles não conseguissem embarcar no trem.

A respiração de Artemis saía curta, cristalizando-se na frente de seu rosto, borrando a visão. Agora o trem tinha chegado perto deles, com as rodas de aço jogando gelo e fagulhas

no ar.

— Segundo vagão — ofegou Holly. — Há um estribo. Cuidado com o lugar onde pisa.

Estribo? Artemis olhou para trás. O segundo vagão estava vindo depressa. Mas o barulho turvava sua visão. Seria possível? Era apavorante, insuportável. Ali, abaixo das portas de aço. Uma tábua estreita. Com largura suficiente para subir. Praticamente.

Holly saltou com facilidade, grudando-se na parede do vagão. Parecia não ter feito esforço nenhum. Um pulo simples, e estava a salvo de ser agarrada por aquelas rodas pulverizantes.

— Venha Fowl — gritou Holly. — Pule.

Artemis tentou, tentou de verdade. Mas a ponta de seu mocassin se prendeu num dormente. Ele tropeçou, girando na tentativa de recuperar o equilíbrio. Uma morte dolorosa veio ao seu encontro.

— Dois pés esquerdos — murmurou Holly, agarrando pelo colarinho seu Garoto da Lama menos predileto. O ímpeto lançou Artemis para a frente, batendo-o contra a porta como alguma coisa saída de um desenho animado.

A corda estava batendo contra o vagão. Restavam apenas segundos antes que Holly partisse do trem tão rapidamente

quanto havia chegado. A capitã da LEP procurou algum ponto onde se ancorar. O peso de Raiz e Butler podiam estar reduzidos pelo CintoLua, mas o puxão, quando viesse, seria mais do que suficiente para arrancá-la da locomotiva. E se isso acontecesse, estava tudo acabado.

Holly passou um dos braços por um degrau da escada externa do vagão. Percebeu fagulhas mágicas saltando sobre um rasgo em sua roupa. Elas estavam tentando compensar os danos causados pela radiação. Quanto tempo mais sua mágica duraria nessas condições? A cura constante realmente tirava as energias da gente. Ela precisava completar o Ritual de restauração de força. E quanto antes, melhor.

Estava para soltar o cabo e prendê-lo a um dos degraus quando ele se retesou, fazendo suas pernas saírem de baixo dela. Agarrou-se com toda força ao degrau, com as unhas cravando em sua própria pele. Pensando bem, esse plano precisava de algum trabalho. O tempo pareceu se esticar, elástico como a corda, e por um momento Holly achou que seu cotovelo iria se arrancar da base. Então o gelo cedeu e Raiz e Butler foram arrancados do túmulo de gelo como uma seta saltando de um arco.

Segundos depois eles bateram contra a lateral do trem, com o peso reduzido mantendo-os no ar, por enquanto. Mas

era apenas uma questão de tempo antes que a pouca gravidade os puxasse para baixo das rodas de aço.

Artemis agarrou-se ao degrau ao lado dela.

— O que eu posso fazer?

Ela apontou o queixo para um bolso no ombro.

— Ali. Um pequeno frasco. Tire.

Artemis abriu a aba de velcro, tirando um minúsculo frasco de spray.

— Certo. Está aqui.

— Bom. Agora é com você, Fowl. Lá em cima, e entre.

A boca de Artemis se abriu.

— Lá em cima, e...?

— É, é nossa única esperança. Nós temos de abrir essa porta e puxar Buder e o comandante. Há uma curva nos trilhos daqui a dois quilômetros. Se o trem reduzir a velocidade, ainda que só um pouquinho, eles estão fritos.

Artemis assentiu.

— E o frasco?

— É ácido. Para a fechadura. O mecanismo pelo lado de dentro. Cubra o rosto e borrife. Ponha o tubo inteiro. Não deixe cair nem um pouco em você.

Foi uma conversa longa, nas circunstâncias. Especial-

mente porque cada segundo era vital. Artemis não desperdiçou mais tempo com despedidas.

Arrastou-se até o degrau seguinte, mantendo todo o corpo apertado contra o vagão. O vento chicoteava toda a extensão do trem, lançando minúsculos ciscos de gelo a cada sopro. Eles picavam como abelhas. Mesmo assim Artemis tirou as luvas com os dentes que chacoalhavam. Era melhor se enregelar do que ser esmagado debaixo das rodas.

Para cima. Um degrau de cada vez, até sua cabeça aparecer acima do vagão. Agora não havia mais nenhum abrigo. O ar golpeava sua testa, enfiando-se pela garganta. Artemis forçou a vista através da nevasca, ao longo do teto do vagão. Lá! No centro. Uma clarabóia. Sobre um deserto de aço tornado liso como vidro pelo sopro dos elementos. Nada em que se segurar num espaço de cinco metros. A força de um rinoceronte não adiantaria ali, decidiu Artemis. Finalmente uma oportunidade de usar o cérebro. Cinética e ímpeto. Bastante simples. Em teoria.

Mantendo-se na borda frontal do vagão, Artemis subiu lentamente para o teto. O vento se enfiava entre suas pernas, levantando-as cinco centímetros acima do metal, ameaçando fazê-lo voar para longe do trem.

Enrolou os dedos na borda. Aqueles dedos não eram

fortes. Artemis não tinha segurado nada maior do que o seu celular há meses. Se você quisesse alguém para digitar todo *Os Lusíadas* em menos de vinte minutos, Artemis era o homem certo. Mas quanto a se pendurar em vagões no meio de nevascas... estava perdido. O que, felizmente, fazia parte do plano.

Um milissegundo antes de as juntas de seus dedos se arrebentarem, Artemis se soltou. O ímpeto lançou-o direto para o suporte metálico da clarabóia.

Perfeito. Ele teria grunhido, se houvesse um centímetro cúbico de ar em seus pulmões. Mas mesmo que tivesse feito isso, o vento arrancaria as palavras antes que seus ouvidos as captassem. Agora ele tinha pouquíssimo tempo antes que o vento enfiasse os dedos por baixo de seu tronco, lançando-o para as estepes geladas. Bucha de canhão para os goblins.

Tirou o frasco de ácido do bolso, arrancando a tampa com os dentes. Uma gota de ácido passou diante de seus olhos. Agora não tinha tempo para se preocupar. Não tinha tempo para nada.

A clarabóia era presa por um cadeado grosso. Artemis pingou duas gotas no buraco da chave. Era tudo que podia gastar. Teria de ser o bastante.

O efeito foi imediato. O ácido comeu o metal como la-

va atravessando o gelo. Tecnologia do povo das fadas. A melhor que havia debaixo do mundo.

O cadeado se abriu com um estalo, expondo a escotilha à força do vento. Ela saltou para cima e Artemis caiu sobre um estrado cheio de barris. Não era exatamente a imagem do herói salvador.

O movimento do trem jogou-o de cima dos barris. Caiu de rosto para cima, olhando para o símbolo de radiação, com três triângulos, estampado na lateral de cada tonel. Pelo menos eram lacrados, ainda que a ferrugem parecesse ter tomado conta de alguns.

Artemis rolou pelo piso de ripas e conseguiu se ajoelhar perto da porta. Será que a capitã Short ainda estava ancorada lá, ou será que agora ele estava sozinho? Pela primeira vez na vida. Verdadeiramente sozinho.

— Fowl! Abra a porta, seu fuinha da lama cara-de-pudim! Ah, bem. Então não estava sozinho.

Cobrindo o rosto com o antebraço, Artemis encharcou a tranca tripla do vagão com ácido das fadas. A fechadura de aço se derreteu instantaneamente, pingando no chão como um jorro de mercúrio. Artemis puxou a porta deslizando.

Holly estava pendurada com toda a força, o rosto sol-

tando vapor onde a radiação comia o gel.

Artemis agarrou seu cinto.

— No três?

Holly assentiu. Não tinha mais energia para falar. Artemis flexionou os dedos. Por favor, não falhem agora. Se ele soubesse dessa, compraria um daqueles ridículos aparelhos de ginástica anunciados nos canais de compras.

— Um.

A curva estava chegando. Ele podia ver com o canto dos olhos. O trem iria diminuir a velocidade ou então descarriar.

— Dois.

A força da capitã Short estava quase esgotada. O vento balançava-a como se ela fosse uma biruta.

— Três!

Artemis puxou com toda a força de seus braços finos. Holly fechou os olhos e se soltou, incapaz de acreditar que estava confiando sua vida a esse Garoto da Lama.

Artemis sabia alguma coisa de física. Associou o tempo da contagem para se aproveitar do puxão, do ímpeto e do movimento do trem. Mas a natureza sempre coloca na mistura alguma coisa que não podia ser prevista. Nesse caso o *alguma coisa*

foi uma pequena fenda entre duas seções dos trilhos. Não era o bastante para descarrilar uma locomotiva, mas sem dúvida o suficiente para causar uma sacudida.

Essa sacudida fez a porta do vagão se chocar contra o portal como uma guilhotina de cinco toneladas. Mas parecia que Holly tinha conseguido. Artemis não podia dizer de verdade, porque ela havia se chocado contra ele, fazendo os dois rolarem até a lateral de madeira. Mas ela parecia intacta, pelo que dava para ver. Pelo menos continuava com a cabeça presa ao pescoço, o que era bom. Mas parecia inconsciente. Provavelmente com algum trauma.

Artemis sabia que ia desmaiar também. Sabia pela escuridão que comia os cantos de sua visão, como algum vírus de computador maligno. Escorregou de lado, pousando no peito de Holly.

Isso teve repercussões mais sérias do que você poderia pensar. Como Holly também estava inconsciente, sua magia estava no piloto automático. E a magia não-supervisionada fluiu como a eletricidade. O rosto de Artemis fez contato com a mão esquerda da criatura das fadas, desviando o fluxo de fagulhas azuis. E ainda que isso fosse bom para ele, era definitivamente ruim para ela. Porque, mesmo que Artemis não soubesse, Holly

precisava de cada fagulha de magia que pudesse juntar — ela não havia entrado inteira dentro do trem.

O comandante Raiz tinha acabado de ativar o guincho para recolher a corda quando recebeu uma cutucada totalmente inesperada no olho.

O goblin D’Nall tirou um pequeno espelho retangular da túnica e verificou se suas escamas estavam lisas.

— Essas asas Koboi são fantásticas. Acha que a gente vai poder ficar com elas?

Aymon fez um muxoxo. Não que desse para perceber. O fato de os goblins serem descendentes dos lagartos tornava o movimento facial muito limitado.

— Quietos, seu idiota sangue-quente! Sangue-quente. Esse era um insulto bastante grave para um

B’wa Kell.

D’Nall se irritou.

— Cuidado, amigo, ou eu arranco essa língua bífida da sua cabeça.

— Nenhum de nós vai ter língua se aqueles elfos escaparem! — retrucou Aymon.

Era verdade. Os generais não gostavam de ser desapontados.

— Então, o que vamos fazer? Eu sou o bonitão desta equipe. De modo que você deve ser o inteligente.

— Vamos atirar no trem — exclamou Nyle. — Simples. D’Nall ajustou sua Duplodex Koboi, pairando para perto do membro mais jovem do esquadrão.

— Idiota! — falou ríspido, dando-lhe um tapa rápido na cabeça. — Aquele negócio é radiativo, não consegue sentir o cheiro? Qualquer tiro fora do lugar certo e todos nós vamos virar cinza flutuando no vento.

— Bem lembrado — admitiu Nyle. — Você não é burro como parece.

— Obrigado.

— De nada.

Aymon desacelerou a asa, baixando para cento e cinquenta metros de altura. Era tentador. Uma rajada de foco apertado, para arrancar a elfo do vagão, outra para despachar o humano sobre o teto. Mas não podia se arriscar. Um grau fora do alvo e ele nunca mais comeria seu espagete de verme fedorento.

— Certo — anunciou no microfone do capacete. — O plano é o seguinte: com toda a radiação naquele vagão, as chances são de que os alvos estejam mortos em minutos. Nós

vamos seguir o trem durante um tempo só para ter certeza. Depois voltamos e dizemos aos generais que vimos os corpos. D’Nall baixou até perto dele.

— E nós vamos ver os corpos? Aymon grunhiu.

— Claro que não, seu idiota! Quer que seus olhos se sequem e caiam?

— Argh.

— Exato. Então está tudo claro?

— Claríssimo — disse Nyle, sacando sua pistola Nariz-Macio RedBoy. Atirou nos colegas por trás. De perto, à queima-roupa. Eles não tiveram a menor chance. Seguiu seus corpos até o chão, vendo na ampliação máxima. A neve iria cobri-los em minutos. Ninguém acharia aqueles cadáveres até que as calotas polares se derretessem.

Nyle guardou a arma, digitando as coordenadas do terminal de lançamento em seu computador de voo. Se você examinasse cuidadosamente seu rosto reptiliano, era quase possível perceber um riso. Havia um novo tenente na área.

Nesse momento o computador estava comparando os arquivos pessoais com a impressão parcial. Tudo que Potrus podia fazer era girar os polegares e esperar o contato com a equipe de superfície. As explosões de magma ainda estavam altas. Muito incomum. Incomum e uma grande coincidência.

O pensamento cheio de suspeitas de Potrus foi interrompido por uma voz familiar.

— Busca completa — disse o computador, com a própria voz de Potrus. Outra pequena vaidade.

— Trezentos e quarenta e seis eliminados. Restam quarenta possíveis.

Quarenta. Nada mau. Eles poderiam ser facilmente entrevistados. Uma oportunidade de usar de novo o Retimagem. Mas havia outro modo de estreitar o campo.

— Computador, faça uma comparação com o pessoal que tem autorização de Nível Três. —A autorização de Nível Três incluiria todo mundo que tem acesso aos recicladores.

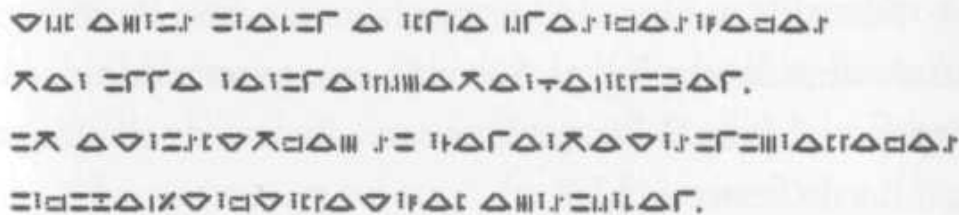
— Comparando.

Claro, o computador só aceitaria comandos de criaturas cujos padrões de voz ele estivesse programado para reconhecer. E como mais uma precaução de segurança, Potrus tinha codificado sua senha pessoal e todos os outros arquivos importantes

em centauriano, uma linguagem de computador que ele havia escrito baseado na antiga língua dos centauros.

Todos os centauros eram um tanto paranóicos, e com bons motivos, já que restavam menos de cem. Os humanos tinham conseguido matar todos os seus primos, os unicórnios. Provavelmente havia seis centauros sob a terra que sabiam ler a língua antiga, e apenas um que podia decifrar o dialeto dos computadores.

O centauriano era provavelmente a forma de escrita mais antiga, datando de mais de dez mil anos, quando os humanos começaram a caçar as criaturas das fadas. O parágrafo de abertura de *Os Pergaminhos de Capalla*, o único manuscrito ilustrado sobrevivente em centauriano, dizia:



▼HIC ΔHIIIZJ' ZIΔIIZΓ Δ IΓIΔ HΓΔJ' IΔΔJ' IFΔΔΔJ'
XΔI ZΓΓΔ IΔIZΓΔIFHIIΔXΔI+ΔIIZIZΔΓ,
ZX Δ▼IIZJ'IZXΔΔH J'Z IFΔΓΔIXΔ▼IJ'ZΓZIIIΔIZΔΔΔJ'
ZIΔZIZΔIXΔIΔ▼IIZΔ▼IFΔIZ ΔHIIJ'ZHIIFΔΓ,

Ouçam este alerta, criaturas das fadas,
Na terra, a era humana vai chegar.

Então escondam-se, para não serem achadas,
E debaixo do chão façam seu lar.

Os centauros eram conhecidos por seu intelecto, não por sua poesia. Mesmo assim Potrus achava que as palavras eram tão relevantes hoje quanto quando tinham sido escritas, há tantos anos.

Porrete bateu no vidro de segurança da cabine de operações. Bom, tecnicamente, Porrete não teria permissão de entrar na cabine, mas Potrus abriu para ele. Jamais podia resistir a um papo com o ex-comandante. Porrete fora rebaixado a tenente depois de uma tentativa desastrosa de substituir Raiz como chefe do Recon. Se não fosse pela considerável pressão de sua família, ele teria sido totalmente chutado da polícia. Na verdade, ele poderia estar melhor em alguma outra linha de trabalho. Pelo menos não teria de sofrer as provocações constantes de Potrus.

— Eu tenho uns formulários eletrônicos para você — disse o tenente, evitando o contato visual.

— Sem problema, *comandante* — riu o centauro. — Como vão as tramas? Alguma revolução programada para esta tarde?

— Só assine os formulários, por favor — disse Porrete, estendendo uma caneta digital. Sua mão estava tremendo.

Espantoso, pensou Potrus. Essa casca abalada de elfo já esteve na linha de frente da LER

— Não, mas sério, Porrete. Você está fazendo um serviço fantástico na área de assinatura de formulários.

Os olhos de porrete se estreitaram, cheios de suspeita.

— Obrigado, senhor.

Um riso repuxou os cantos da boca de Potrus.

— De nada. Não precisa inchar a cabeça por causa disso. A mão de Porrete subiu até a testa deformada. Ainda restava um toque da antiga vaidade.

— Ah. Assunto incômodo. Desculpe.

Houve uma fagulha no canto do olho de Porrete. Uma fagulha que deveria ter alertado Potrus. Mas ele foi distraído por um bip no computador.

— Lista completa.

— Com licença um momento, *comandante*. Um negócio de importância. Coisa de computador, o senhor não entenderia.

Potrus virou-se para a tela de plasma. O tenente teria de ficar esperando sua assinatura. De qualquer modo, provavelmente era apenas um pedido de peças de transportador.

E caiu a ficha. Uma ficha grande, com um barulho mais alto do que a cueca de um anão batendo numa parede. Peças de transportador. Um serviço interno. Alguém com ressentimento. Um fio de suor preencheu cada reentrância da testa de Potrus. Era tão óbvio!

Olhou para a tela de plasma buscando confirmação do que já sabia. Havia apenas dois nomes. O primeiro, Bom Arbles, poderia ser eliminado imediatamente. O oficial do Resgate tinha sido morto num acidente de mergulho ao núcleo. O segundo nome pulsava devagar. Tenente Urze Porrete. Rebaixado para a equipe de reciclagem mais ou menos na época em que Holly aposentou aquele motor de estibordo. Tudo se encaixava.

Potrus sabia que, se não reconhecesse a mensagem em dez segundos, o computador leria o nome em voz alta. Com um gesto casual, apertou o botão de apagar.

— Sabe, Urze — grasnou ele. — Toda essa provocação com o problema da sua cabeça... É só brincadeira. Meu jeito de ser simpático. Na verdade eu tenho um unguento...

Alguma coisa fria e metálica se encostou na nuca do centauro. Potrus tinha visto muitos filmes de ação para saber o que era.

— Guarde seu remédio, jumento — disse a voz de

Porrete em seu ouvido. — Eu tenho a sensação de que você também vai ter uns problemas de cabeça.

TREM DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS MAYAK, NORTE DA RÚSSIA

A primeira coisa que Artemis sentiu foi uma batida rítmica ao longo de toda a sua coluna. Eu estou no spa em Blackrock, pensou. Irina está massageando minhas costas. E exatamente disso que eu preciso, especialmente depois de tanto pular naquele trem... O trem!

Obviamente eles ainda estavam a bordo do trem da Mayak. O movimento brusco era na verdade o vagão saltando sobre as juntas dos trilhos. Artemis forçou os olhos a se abrir, esperando doses gigantescas de rigidez e dor. Mas em vez disso percebeu que estava bem. Mais do que bem. Fantástico. Devia ser magia. Holly devia ter curado seus vários cortes e arranhões enquanto ele estava inconsciente.

Ninguém mais estava se sentindo tão nos trinques. Especialmente a capitã Short, que continuava inconsciente. Raiz estava pondo um grande casaco sobre a policial caída.

— Ah, você acordou, não foi? — disse ele, praticamente sem olhar Artemis. — Não sei como consegue dormir depois do que acabou de fazer.

— De fazer? Mas eu salvei vocês... pelo menos ajudei.

— Ajudou mesmo, Fowl. Você se serviu do resto da magia de Holly enquanto ela estava inconsciente.

Artemis gemeu. Isso devia ter acontecido enquanto eles tinham caído. De algum modo a magia dela foi desviada.

— Estou vendo o que aconteceu. Foi um... Raiz levantou o dedo, em alerta.

— Não diga. O grande Artemis Fowl não faz nada por acidente.

Artemis lutou contra o movimento do trem, ajoelhando-se.

— Não pode ser nada sério. É só exaustão, não é?

E de repente o rosto de Raiz estava a um centímetro do dele, a pele suficientemente vermelha para gerar calor.

— Nada sério! — rosnou o comandante, praticamente incapaz de fazer a voz passar pela fúria. — Nada sério! Ela perdeu o dedo do gatilho! A porta o cortou. A carreira dela está terminada. E por sua causa Holly mal teve magia suficiente para interromper o sangramento. Ela está sem nenhuma força agora.

Vazia.

— Ela perdeu um dedo? — ecoou Artemis atordoado.

— Não perdeu exatamente — disse o comandante, balançando o dedo decepado. — Ele acertou meu olho enquanto passava. — O olho já estava começando a ficar preto.

— Se nós voltarmos agora os cirurgiões de vocês certamente podem colocar de volta, não é?

Raiz balançou a cabeça.

— Se nós pudéssemos voltar agora. Tenho a sensação de que a situação debaixo da superfície está um bocado diferente de quando nós saímos. Se os goblins mandaram uma equipe para nos pegar, pode apostar que está acontecendo alguma coisa lá embaixo.

Artemis estava chocado. Holly tinha salvado a vida de todos eles, e era assim que ele havia pago. Mesmo sendo verdade que ele não tinha culpa direta pelo dano, este havia acontecido enquanto tentavam salvar seu pai. Havia uma dívida a ser paga.

— Há quanto tempo? — perguntou ele rapidamente.

— O quê?

— Há quanto tempo aconteceu?

— Não sei. Um minuto.

— Então ainda há tempo.

O comandante se empertigou, sentado.

— Tempo para quê?

— Ainda podemos salvar o dedo.

Raiz coçou uma cicatriz nova no ombro, algo para lembrar da viagem pela lateral do trem.

— Com o quê? Eu mal tenho poder de sobra para o *mesmer*. Artemis fechou os olhos, concentrando-se.

— E quanto ao Ritual? Deve haver um modo.

Toda a magia do povo vinha da terra. Para recuperar seus poderes, eles precisavam realizar o Ritual periodicamente.

— Como vamos poder fazer o ritual aqui?

Artemis forçou o cérebro. Tinha memorizado grandes trechos do Livro das fadas nos preparativos para a operação de seqüestro do ano anterior.

“Da terra flui vosso poder,

Dado por cortesia, e deveis agradecer.

Colhei a semente mágica e pujante

Onde houver lua cheia, carvalho antigo e água serpenteante.

Enterrai-a longe de onde foi achada.

Devolvendo o presente ao chão: a árvore plantada.”

Artemis engatinhou pelo chão e começou a bater de leve no macacão de Holly.

O coração de Raiz quase se fechou de vez naquele instante.

— Em nome do céu, Garoto da Lama, o que está fazendo? Artemis nem levantou os olhos.

— No ano passado Holly escapou porque tinha uma semente de carvalho.

Por algum milagre, o comandante conseguiu se conter.

— Você tem cinco segundos, Fowl. Fale depressa.

— Uma policial como Holly não se esqueceria de uma coisa assim. Aposto que...

Raiz suspirou.

— É uma boa idéia, Garoto da Lama. Mas as sementes têm de ser colhidas recentemente. Se não fosse pela parada temporal, aquela semente não teria funcionado. Ela dura no máximo dois dias. Eu sei que Potrus e Holly pensaram numa proposta para uma unidade lacrada para sementes, mas o Conselho rejeitou. Parece que era heresia.

Foi um longo discurso para o comandante. Ele não estava acostumado a se explicar. Mas parte dele esperava. Talvez, só talvez. Holly nunca fora avessa a violar algumas regras.

Artemis abriu o zíper da túnica da capitã Short. Havia dois itens minúsculos na corrente de ouro pendurada em seu pescoço. Um exemplar do Livro — a bíblia das fadas. Artemis sabia que o Livro entraria em combustão se ele o tocasse sem a permissão de Holly. Mas havia outro item. Uma pequena esfera de plexiglass cheia de terra.

— Isso vai contra as regras — disse Raiz, não parecendo chateado demais.

Holly estremeceu, meio emergindo de seu estupor.

— Ei, comandante. O que aconteceu com o seu olho? Artemis ignorou-a, quebrando a esfera minúscula no piso.

A terra e uma pequena bolota de carvalho caíram na sua mão.

— Agora só precisamos enterrar.

O comandante jogou Holly sobre o ombro. Artemis tentou não olhar para o espaço onde o dedo indicador ficava antigamente.

— Então está na hora de sair deste trem.

Artemis olhou a paisagem do Ártico passando rapidamente pelo vagão. Sair do trem não era tão fácil como o comandante fez parecer.

Butler saltou agilmente pela escotilha no teto, onde es-

tivera de olho no esquadrão de goblins.

— É bom vê-lo tão bem disposto — comentou Artemis secamente.

O mordomo sorriu.

— É bom ver você também, Artemis.

— E então? O que viu lá em cima? — perguntou Raiz, interrompendo o encontro.

Butler pôs uma das mãos no ombro do jovem patrão. Eles poderiam conversar mais tarde.

— Os goblins foram embora. Engraçado. Dois deles desceram para fazer um reconhecimento, depois o outro atirou neles pelas costas.

Raiz assentiu.

— Jogo de poder. Os goblins são os piores inimigos deles próprios. Mas neste momento precisamos sair do trem.

— Há outra curva se aproximando, mais ou menos a meio quilômetro — disse Butler. — É a nossa melhor chance.

— Então, como vamos desembarcar? — perguntou Artemis. Butler riu.

— Desembarcar é uma expressão bem suave para o que eu tenho em mente.

Artemis gemeu. Mais corridas e pulos.

CABINE DE OPERAÇÕES

O cérebro de Potrus estava borbulhando como uma lesma marinha numa frigideira funda. Ele ainda tinha opções, desde que Porrete não lhe desse um tiro. Bastava um tiro e estava tudo acabado. Os centauros não têm magia. Nem uma gota. Têm apenas cérebro. Isso e a capacidade de pisotear os inimigos. Mas Potrus tinha a sensação de que Urze não iria apagá-lo ainda. Estava ocupado demais cantando vantagem.

— Ei, Potrus — disse o tenente. — Por que não liga o intercomunicador? Para ver o que acontece.

Potrus podia adivinhar o que aconteceria.

— Não se preocupe, Urze. Não farei movimentos súbitos. Porrete gargalhou, e parecia genuinamente feliz.

— Urze? Agora está com intimidade, é? Você deve saber o tamanho da encrenca em que está.

Potrus estava começando a perceber exatamente isso. Do outro lado do vidro fumê, os técnicos da LEP pareciam ocupados tentando rastrear o defeito, sem perceber o drama que acontecia a menos de dois metros. Ele podia vê-los e ou-

vi-los, mas era uma vigilância unidirecional.

O centauro só podia culpar a si próprio. Tinha insistido em que a cabine fosse construída segundo seus padrões de paranóia. Um cubo de titânio com janelas a prova de tiros. Toda a sala era sem fios, não tinha sequer uma fibra ótica para conectar a cabine de operações com o resto do mundo.

Totalmente inexpugnável. A não ser, claro, que você abrisse a porta para lançar alguns insultos contra um velho inimigo. Potrus gemeu. A mãe sempre tinha lhe dito que sua boca iria colocá-lo em encrenca. Mas nem tudo estava perdido. Ele ainda tinha alguns truques na manga. Um piso de plasma, por exemplo.

— Então, de que se trata tudo isso, Porrete? — perguntou o centauro, levantando os cascos logo acima dos ladrihlos. — E por favor não diga que é dominar o mundo.

Porrete continuou a sorrir. Esse era o seu momento.

— Não imediatamente. Por enquanto os Elementos de Baixo bastam.

— Mas por quê?

Os olhos de Porrete estavam tingidos pela loucura.

— Por quê? Você tem o desplante de perguntar? Eu era o garoto de ouro do Conselho! Em cinquenta anos seria o pre-

sidente! E então aparece o Caso Artemis Fowl. Num curto dia todas as minhas esperanças são despedaçadas. Eu termino deformado e rebaixado! E foi tudo por sua causa, Potrus. Sua e do Raiz! Então o único modo de trazer minha vida de volta aos trilhos é desacreditar vocês dois. Você será culpado pelos ataques dos goblins, e Julius estará morto e desonrado. E como uma bonificação extra, eu até mesmo pego Artemis Fowl. É praticamente a perfeição que eu poderia ter esperado.

Potrus fungou.

— Você realmente acha que pode derrotar a LEP com um punhado de armas NarizMacio?

— Derrotar a LEP? Por que eu quereria fazer isso? Eu sou o herói da LEP. Ou melhor, serei. Você será o vilão deste filme.

— Isso é o que veremos, cara de babuíno — disse Potrus, ativando um interruptor e lançando um sinal infravermelho extra para um receptor no chão. Em cinco décimos de segundo uma membrana secreta de plasma iria se aquecer. Meio segundo depois uma carga de neutrino se espalharia pelo gel de plasma como fogo selvagem, fazendo qualquer um que estivesse conectado ao piso de plasma ser lançado a pelo menos três paredes. Em teoria.

Porrete deu um riso deliciado.

— Não diga. Os seus ladrilhos de plasma não estão funcionando.

Potrus ficou perplexo. Momentaneamente. Depois baixou os cascos agilmente e apertou outro botão. Este acionava um laser ativado por voz. Basicamente a próxima pessoa a falar seria morta. O centauro prendeu o fôlego.

— Nada de ladrilhos de plasma — continuou Porrete. — E nem laser ativado por voz. Você realmente está escorregando, Potrus. Não que eu me surpreenda. Eu sabia que você revelaria o jumento que é.

O tenente sentou-se numa cadeira giratória, apoiando os pés na bancada do computador.

— Então já deduziu?

Potrus pensou. Quem poderia ser? Quem poderia vencê-lo em seu próprio jogo? Não o Porrete, isso era certo. Não, havia só mais uma pessoa com a capacidade de decifrar o código centauriano e desativar as medidas de segurança da cabine.

— Opala Koboi — sussurrou ele. Porrete deu um tapa na cabeça.

— Isso mesmo. Opala instalou algumas câmeras de espionagem durante o trabalho de melhoria nas instalações. As-

sim que você teve a gentileza de traduzir alguns documentos para a câmera, foi uma questão simples decifrar seu código e fazer uma pequena reprogramação. E o engraçado é que o Conselho pagou a conta. Ela cobrou até pelas câmeras de segurança. Agora mesmo os B'wa Kell estão se preparando para lançar o ataque contra a cidade. As armas e as comunicações da LEP estão desativadas, e o melhor é que você, meu amigo cavalgar, será considerado responsável. Afinal de contas você se trancou na cabine de operações no meio de uma crise.

— Ninguém vai acreditar! — protestou Potrus.

— Ah, vai sim, especialmente quando você desativar a segurança da LEP, inclusive os canhões de DNA.

— Coisa que não farei tão cedo.

Porrete girou um pequeno controle remoto preto entre os dedos.

— Acho que não é mais da sua conta. Opala desmontou seu equipamento e ligou tudo nesta belezinha aqui.

Potrus engoliu em seco.

— Quer dizer...?

— Isso mesmo. Nada funciona enquanto eu não apertar este botão.

Ele apertou o botão. E mesmo que Potrus tivesse as

reações de um duende alado, nunca teria tempo de levantar todos os cascos antes que o choque de plasma o arrancasse de sua cadeira giratória feita sob medida.

CÍRCULO ÁRTICO

Butler instruiu todo mundo a se prender ao CintoLua, um em cada elo. Flutuando ligeiramente no vento forte, o grupo manobrou até a porta do vagão como um caranguejo bêbado.

É física simples, disse Artemis a si mesmo. A gravidade reduzida irá impedir que sejamos jogados contra o gelo do Ártico. Apesar de toda a sua lógica, quando Raiz saltou com o grupo para a noite, Artemis não pôde conter um som ofegante. Mais tarde, quando repassasse o acidente no pensamento, Artemis cortaria aquela respiração.

O vento provocado pelo movimento do trem lançou-os para longe dos dormentes da ferrovia, num monte de neve. Butler desligou o cinto antigravidade um segundo antes do impacto, caso contrário eles iriam ricochetear como homens na Lua.

Raiz foi o primeiro a se soltar, cavando punhados de

neve da superfície até seus dedos chegarem ao gelo compactado abaixo.

— Não adianta — disse ele. — Não dá para romper o gelo. Ele ouviu um clique atrás do ombro.

— Para trás — alertou Butler, apontando com sua pistola. Raiz recuou, cobrindo os olhos com o antebraço. Lascas de gelo poderiam cegar uma pessoa com tanta eficiência quanto pregos de quinze centímetros. Butler esvaziou um pente inteiro numa área de dez centímetros de diâmetro, abrindo um buraco raso na superfície congelada. Neve com água instantânea encharcou o grupo, que já estava bastante molhado.

Raiz estava verificando o resultado antes de a fumaça se esvaír. Tentou apressar Butler — eles tinham apenas alguns segundos antes que o tempo de Holly se acabasse. Precisavam fazer o ritual. Depois de um certo tempo talvez não fosse sensato tentar um enxerto. Mesmo que pudessem.

O comandante pulou no buraco, varrendo para o lado camadas de gelo solto. Havia um disco marrom no meio do branco.

— Sim! — gritou ele. — Terra!

Butler baixou a forma trêmula de Holly no buraco. Ela parecia uma boneca em suas mãos fortes. Minúscula e frouxa.

Raiz enrolou os dedos de Holly sobre a semente ilegal, enfiando sua mão esquerda no solo despedaçado. Em seguida pegou um rolo de fita adesiva no cinto e prendeu grosseiramente o dedo na posição original.

O elfo e os dois humanos se juntaram em volta e esperaram.

— Talvez não funcione — murmurou Raiz, nervoso. — Esse negócio da semente lacrada é novo. Nunca foi testado. Potrus e suas idéias. Mas geralmente elas funcionam. Geralmente funcionam.

Artemis pôs a mão no ombro dele. Foi só nisso que conseguiu pensar. Dar conforto não era um dos seus pontos fortes. Cinco segundos. Dez. Nada. Então...

— Olhem! — gritou Artemis. — Uma fagulha.

Uma solitária fagulha azul viajou preguiçosamente por todo o braço de Holly, serpenteando ao longo das veias. Atravessou o peito, subiu pelo queixo pontudo e afundou na carne bem entre os olhos.

— Para trás — alertou Raiz. — Eu vi uma cura depois de dois minutos em Tulsa uma noite. Praticamente destruiu toda uma estação de lançamento. Nunca ouvi falar numa de quatro minutos.

Eles recuaram até a borda da cratera, e foi bem na hora. Mais fagulhas irromperam da terra, tendo como alvo a mão de Holly, a área que mais precisava de auxílio. Elas afundaram na junta de seu dedo como torpedos de plasma, derretendo a fita adesiva de plástico.

Holly saltou para cima, os braços balançando como uma boneca. Suas pernas começaram a se sacudir, chutando inimigos invisíveis. Depois as cordas vocais, um som agudo que fez estalar os lençóis de gelo mais fino.

— Isso é normal? — sussurrou Artemis, como se Holly pudesse ouvir.

— Acho que sim — disse o comandante. — O cérebro está fazendo uma verificação de sistemas. Não é como conservar cortes e arranhões, se é que você sabe o que eu quero dizer.

Cada poro no corpo de Holly começou a soltar vapor, expulsando os restos de radiação. Ela se sacudia e chutava, afundando num poço de lama com neve. Não era uma visão bonita. A água se evaporou, envolvendo em névoa a capitã da LEP. Apenas a mão esquerda era visível, os dedos parecendo um borrão desesperado.

De repente Holly parou de se mexer. Sua mão se imobilizou, depois baixou através da névoa. A noite do Ártico correu

para reivindicar o silêncio.

Eles se aproximaram lentamente, inclinando-se para a névoa. Artemis queria ver, mas estava com medo de olhar.

Butler respirou fundo, afastando cobertores de névoa. Tudo estava silencioso abaixo. O corpo de Holly estava tão imóvel quanto uma sepultura.

Artemis olhou para a forma no buraco.

— Acho que ela está acordada...

Foi interrompido pela súbita volta de Holly à consciência. Ela se ergueu bruscamente, com minúsculas agulhas de gelo cobrindo os cílios e o cabelo castanho-avermelhado. Seu peito cresceu enquanto ela engolia enormes haustos de ar.

Artemis agarrou os ombros dela, pela primeira vez abandonando sua casca de compostura gélida.

— Holly, Holly, fale comigo. Seu dedo. Ele está bem? Holly balançou os dedos, depois fechou o punho.

— Acho que sim — falou, e deu um soco direto entre os olhos de Artemis. O garoto surpreso pousou num monte de neve pela terceira vez naquele dia.

O comandante Raiz não tinha muitas lembranças que ele guardasse como um tesouro. Mas nos dias futuros, quando as coisas estivessem nas piores condições, iria conjurar este

momento e daria um risinho silencioso.

CABINE DE OPERAÇÕES

Potrus acordou dolorido, o que era incomum. Nem podia recordar a última vez em que tinha experimentado uma dor verdadeira. Seus sentimentos tinham sido feridos algumas vezes pelos comentários ferinos de Raiz, mas o desconforto físico real não era uma coisa que ele se incomodava em ter quando pudesse evitar.

O centauro estava caído no chão da cabine de operações, emaranhado nos restos de sua cadeira.

— Porrete — rosnou ele, e o que se seguiu foram cerca de dois minutos de obscenidades impubicáveis.

Quando finalmente tinha liberado a raiva, o cérebro do centauro voltou a agir, e ele se levantou dos ladrilhos de plasma. Sua anca estava chamuscada. Ficaria com uns dois lugares carecas no traseiro. Muito pouco atraente num centauro. Era a primeira coisa que uma possível companheira procurava numa boate. Não que Potrus fosse muito de dançar. Tinha quatro cascos esquerdos.

A cabine estava lacrada. Mais lacrada do que uma carteira de gnomo, como diz o ditado. Potrus digitou seu código de saída. “Potrus. Porta”.

O computador continuou em silêncio.

Ele tentou o comando verbal:

— Potrus. Desconsiderar 121. Portas.

Nem um pio. Ele estava preso. Prisioneiro de seus próprios equipamentos de segurança. Até as janelas estavam ajustadas para isolamento, bloqueando sua visão da sala de operações. Completamente isolado, trancado. Nada funcionava.

Bom, isso não era completamente exato. *Tudo* funcionava, mas os preciosos computadores não reagiam ao seu toque. E Potrus tinha toda a consciência de que não havia como sair da cabine sem acesso ao computador central.

Tirou o chapéu de folha de alumínio da cabeça, esmagando-o numa bola.

— De muito você me serviu! — falou, jogando-o no reciclador de lixo. O reciclador analisaria a estrutura química do material e iria jogá-lo no tanque adequado.

Um monitor de plasma se ligou na parede. O rosto ampliado de Opala Koboi apareceu, dando o riso mais largo que o centauro já vira.

— Olá, Potrus. Não vejo você há muito tempo. Potrus devolveu o riso, mas não era tão largo.

— Opala. Que bom ver você. Como vai sua família? — Todo mundo sabia como Opala tinha levado o pai à falência. Era uma lenda no mundo empresarial.

— Muito bem, obrigada. O Lar Cumulus é um ótimo asilo.

Potrus decidiu que tentaria a sinceridade. Era uma ferramenta que ele não usava com muita frequência. Mas para tudo havia uma primeira vez.

— Opala. Pense no que está fazendo. Porrete é completamente maluco. Assim que ele tiver o que deseja, vai dispensar você num instante.

A duende balançou um dedo perfeitamente manicurado.

— Não, Potrus, você está errado. Urze precisa de mim. Precisa mesmo. Ele não será nada sem mim e meu ouro.

O centauro olhou no fundo dos olhos de Opala. A duende acreditava mesmo no que estava dizendo. Como alguém tão brilhante podia ser tão iludida?

— Eu sei de que se trata tudo isso, Opala.

— Ah, sabe?

— Sei. Você ainda está chateada porque eu ganhei a medalha de ciência na universidade.

Por um segundo a postura de Koboi se abalou, e suas feições não pareceram tão perfeitas.

— Aquela medalha era minha, seu centauro estúpido. Meu projeto de asa era muito superior à sua ridícula câmara-de-íris. Você ganhou porque era do sexo masculino. E esse é o único motivo.

Potrus riu, satisfeito. Mesmo com as chances tão enormes contra ele, não tinha perdido a capacidade de ser a criatura mais irritante sob o mundo quando queria ser.

— Então o que você quer, Opala? Ou só ligou para bater papo sobre o tempo de colégio?

Opala tomou um longo gole num copo de cristal.

— Só liguei, Potrus, para que você soubesse que eu estou olhando, então não tente nada. Também queria mostrar uma coisa pelas câmeras de segurança no centro da cidade. A propósito, essas imagens são ao vivo, e Urze está com o Conselho agora mesmo, culpando você por isso. Divirta-se.

O rosto de Opala desapareceu e foi substituído por uma vista em grande angular do centro da cidade do Porto. Um bairro turístico, perto do Empório Batata do Batata. Geralmen-

te essa área estaria apinhada de casais atlantes tirando fotos na frente da fonte. Mas não hoje, porque hoje a praça era um campo de batalha. Os B'wa Kell estava travando uma guerra aberta contra a LEP e, pelo jeito das coisas, era uma batalha de um lado só. Os goblins disparavam suas armas NarizMacio, mas a polícia não atirava de volta. Simplesmente se escondia atrás de qualquer abrigo que pudesse encontrar. Completamente desamparada.

O queixo de Potrus caiu. Isso era desastroso. E ele estava sendo culpado por tudo. Claro, o problema com os bodes expiatórios era que eles não podiam ser deixados vivos para afirmar a inocência. Ele tinha de mandar uma mensagem a Holly, e rápido, caso contrário seriam todos criaturas mortas.

CAPÍTULO 10: ENCRENCA E BRIGAS

CENTRO DO PORTO



⊙ **EMPÓRIO BATATA DO BATATA** não era um lugar onde você gostaria de ficar nos melhores dias. As frituras eram gordurosas, a carne era misteriosa e os milkshakes tinham caroços farinhentos. Mesmo assim estava sempre cheio, especialmente durante o solstício.

Neste momento exato o capitão Encrenca Kelp quase preferiria estar dentro da lanchonete, engolindo um hambúrguer borrachento, a ficar do lado de fora se desviando de lasers. Quase.

Com Raiz fora, o comando de campo ficava nas mãos do capitão Kelp. Geralmente seria uma responsabilidade que ele iria adorar. Mas, afinal de contas, *geralmente* ele teria o benefício de transporte e armas. Ainda bem que continuavam tendo comunicações.

Encrenca e sua patrulha estavam dando batidas em lo-

cais freqüentados pelos B'wa Kell quando foram emboscados por uma centena de membros da tríade reptiliana. Os goblins tinham se posicionado nos telhados, pegando o esquadrão da LEP num fogo cruzado mortal com lasers NarizMacio e bolas de fogo. Um pensamento bem complexo para os B'wa Kell. O goblin comum achava um desafio se coçar e cuspir ao mesmo tempo. Tinham de estar recebendo ordens de alguém.

Encrenca e um de seus cabos estavam encurralados atrás de uma cabine de fotos, enquanto o resto dos policiais tinha conseguido buscar abrigo no Empório do Batata.

Por enquanto eles estavam mantendo os goblins à distância com tasers e cassetetes elétricos. Os tasers tinham alcance de dez metros, e os cassetetes só serviam de perto. Os dois funcionavam com baterias elétricas e acabariam se esgotando. Depois disso restariam apenas pedras e punhos. Nem mesmo tinham a vantagem de se escudar, já que os B'wa Kell estavam equipados com capacetes de combate da LEP. Modelos mais antigos, certamente, mas mesmo assim com filtros antiescudo.

Uma bola de fogo voou sobre a cabine, derretendo o asfalto junto aos pés deles. Os goblins estavam dando uma de espertos. Relativamente falando. Em vez de tentar arrebentar a cabine, estavam jogando mísseis por cima. Agora o tempo era

curto.

Encrenca bateu em seu microfone.

— Kelp para a base. Alguma coisa sobre as armas?

— Nada, capitão — veio a resposta. — Um monte de policiais sem nada com que atirar, a não ser os dedos. Nós estamos carregando as velhas pistolas elétricas, mas isso vai levar no mínimo oito horas. Há algumas armaduras no Recon. Vou mandá-las para vocês o mais rápido possível. Cinco minutos. No máximo.

— D'Arvit — xingou o capitão. Eles teriam de se mexer. A qualquer segundo essa cabine iria se despedaçar, e eles seriam alvos fáceis para o fogo dos goblins. A seu lado, o cabo tremia de terror.

— Pelo amor dos céus — disse Encrenca, brusco. — Controle-se!

— Cale a boca você — respondeu seu irmão Larva, por entre os lábios bambos. — Você deveria cuidar de mim. Foi o que mamãe disse.

Encrenca balançou o dedo, ameaçador.

— É *capitão* Kelp, enquanto você estiver de serviço, cabo. E, para a sua informação, eu *estou* cuidando de você.

— Ah, isso é cuidar de mim, é? — gemeu Larva, fa-

zendo beicinho.

Encrenca não sabia quem o irritava mais, seu irmão mais novo ou os goblins.

— Certo, Larva. Essa cabine não vai durar muito tempo mais. Nós temos de dar uma corrida até o empório. Entendeu?

O lábio trêmulo de Larva de repente se enrijeceu consideravelmente.

— Nem pensar. Eu não vou sair daqui. Você não pode me obrigar. Não me importo de ficar aqui o resto da vida.

Encrenca levantou seu visor.

— Escute o que eu estou falando. Escute. O resto da sua vida vai durar uns trinta segundos. Nós temos de ir.

— Mas os goblins, Crenc.

O capitão Kelp agarrou o irmão pelos ombros.

— Não se preocupe com os goblins. Preocupe-se com meu pé se chocando com o seu traseiro se você for devagar.

Larva se encolheu. Já tivera essa experiência antes.

— Nós vamos ficar bem, não é, irmão? Encrenca piscou.

— Claro que vamos. Eu sou o capitão, não sou?

Seu irmão menor assentiu, com o lábio perdendo a rigidez.

— Bom. Agora aponte o nariz para a porta e vá quando eu disser. Entendeu?

Mais confirmação de cabeça. O queixo de Larva estava tremendo mais rápido do que um bico de pica-pau.

— Certo, cabo. A postos. Ao meu comando...

Outra bola de fogo. Dessa vez mais perto. Levantando mais fumaça preta das solas de borracha de Encrenca. O capitão pôs o nariz na borda da cabine de foto. Um tiro de laser quase lhe deu uma terceira narina. Um cartaz de aço, tipo homem-sanduíche, girou na esquina, dançando com a força de uma dúzia de tiros. *Revelação de Fotos*, dizia o letreiro. Ou *Revelação de Fots*, para ser exato. O “o” tinha sido arrancado. Então não era à prova de laser. Mas teria de servir.

Encrenca pegou a placa que girava e pendurou nos ombros. Uma armadura, mais ou menos. Os uniformes da LEP tinham microfilamentos que dissipavam tiros de neutrinos ou até mesmo sônicos, mas as NarizMacio não eram usadas debaixo do chão há décadas, de modo que os macacões não haviam sido projetados para suportá-las. Uma rajada rasgaria o uniforme da LEP como se fosse papel de arroz.

Ele cutucou as costas do irmão.

— Pronto?

Larva deve ter confirmado com a cabeça, ou talvez fosse seu corpo inteiro que estava tremendo.

Encrenca dobrou as pernas, ajeitando o cartaz-sanduíche no peito e nas costas. Ele suportaria uns dois tiros. Depois disso só o seu corpo daria cobertura a Larva.

Outra bola de fogo. Diretamente entre eles e o empório. Num momento a chama abriria um buraco no pavimento. Tinham de ir agora. Através do tiroteio.

— Lacre o seu capacete!

— Porquê?

— Só lacre, cabo.

Larva obedeceu. Você podia discutir com um irmão, mas não com um oficial comandante.

Encrenca pôs a mão nas costas de Larva e empurrou. Com força.

— Vá, vá, vá!

Eles foram, direto pelo coração branco das chamas. Encrenca ouviu os filamentos de seu macacão estalarem enquanto tentavam conter o calor. O piche fervente se grudava nas botas, derretendo as solas de borracha.

Então eles tinham passado, cambaleando em direção à porta dupla. Encrenca limpou a fuligem do visor. Seus homens

estavam esperando, abrigados atrás de escudos antimotores. Dois feiticeiros paramédicos estavam sem luvas, prontos para impor as mãos.

Faltavam dez metros.

Eles correram.

Os goblins atiravam. Uma saraivada de disparos cantou através do ar ao redor, pulverizando o que restava da vitrine do empório. A cabeça de Encrenca se projetou para a frente quando uma carga se achatou contra seu capacete. Mais cargas. Mais embaixo. Várias entre suas omoplatas. O cartaz-sanduíche agüentou.

O impacto levantou o capitão como se fosse uma pipa, jogando-o contra o irmão, e impelindo os dois através da porta dupla que fora dizimada. Foram instantaneamente puxados para trás de uma parede de escudos antimotores.

— Larva — ofegou o capitão Kelp, através da dor, do barulho e da fuligem. — Ele está bem?

— Ótimo — respondeu um feiticeiro paramédico, virando Encrenca de barriga para baixo. — Suas costas, por outro lado, vão estar com uns hematomas lindos de manhã.

O capitão empurrou o feiticeiro para o lado.

— Alguma notícia do comandante? O feiticeiro balan-

çou a cabeça.

— Nada. Raiz está desaparecido em ação e Porrete foi recolocado como comandante. Pior ainda, agora estão dizendo que Potrus está por trás disso tudo.

Encrenca empalideceu, e não era pela dor nas costas.

— Potrus! Não pode ser verdade.

Encrenca trincou os dentes, frustrado. Potrus e o comandante. Ele não tinha escolha, teria de fazer a única coisa com a qual tinha pesadelos.

O capitão Kelp lutou para se apoiar num cotovelo. O ar acima da cabeça deles parecia vivo com o zumbido dos tiros de NarizMacio. Era apenas questão de tempo antes que fossem totalmente dominados. Tinha de ser feito.

Encrenca respirou fundo.

— Certo, gente. Ouçam. Recuar para a Central Plaza.

Os soldados congelaram. Até Larva se conteve no meio de um soluço. Recuar?

— Vocês me ouviram! — rosnou Encrenca. — Recuar. Nós não podemos sustentar as ruas sem armas. Agora vão saindo.

Os policiais da LEP foram arrastando os pés até a entrada de serviço, desacostumados a perder. Podiam chamar de

recuo, podiam chamar de manobra tática. Ainda assim era fugir. E quem teria pensado que a ordem viria da boca de Encrenca Kelp?

ESTAÇÃO DE LANÇAMENTOS DO ÁRTICO

Artemis e seus companheiros de viagem se abrigaram na estação de lançamento. Holly fez a viagem jogada sobre o ombro de Butler. Ela protestou em altos brados durante vários minutos até que o comandante ordenou que calasse a boca.

— Você acabou de passar por uma grande cirurgia — observou ele. — Então fique quieta e faça seus exercícios. — Era vital que Holly manipulasse o dedo constantemente na próxima hora, para garantir que os tendões se reconectassem. Era muito importante que ela movesse o indicador do modo como pretendia usá-lo mais tarde, especialmente se pretendia disparar uma arma.

Eles se abrigaram em volta de um cubo de luz na deserta área de embarque.

— Tem água? — perguntou Holly. — Eu estou me sentindo desidratada depois da cura.

Raiz piscou, coisa que não acontecia com muita frequência.

— Eis um truquezinho que aprendi no campo. — Ele tirou um cartucho de ponta chata que estava preso no cinto. Parecia ser feito de Perspex e cheio de líquido transparente.

— Não tem muita coisa que beber aí — comentou Butler.

— Mais do que você pensaria. Esta é um cartucho Hidrosion: um extintor de incêndio miniatura. A água está comprimida num espaço minúsculo. Se você disparar no centro do fogo, o impacto reverte o compressor. Meio litro de água explode nas chamas. Mais eficaz do que cem litros derramados. Nós chamamos isso de Apagadores.

— Muito bem — disse Artemis secamente. — Se o senhor pudesse usar suas armas.

— Não preciso delas — disse Raiz, pegando uma faca grande. — Manualmente também funciona bem.

Ele apontou a ponta chata do cartucho para a boca de um cantil e abriu a tampa. Um jato de gotículas disparou para dentro.

— Pronto, capitã. Nunca diga que eu não cuido de meus subordinados.

— Inteligente — admitiu Artemis.

— E o melhor — disse o comandante, pondo o cartucho vazio no bolso —, é que esse negócio é totalmente reutilizável. Só preciso enfiar numa pilha de neve e o compressor faz o resto, de modo que não vou ter o Potrus pegando no meu pé por desperdício de equipamento.

Holly tomou um gole longo, e logo a cor voltou às suas bochechas.

— Então nós fomos emboscados por um grupo de ataque dos B'wa Kell — disse ela. — O que isso significa?

— Significa que vocês têm um vazamento — disse Artemis com as mãos perto do cubo para esquentar. — Eu tinha a impressão de que essa missão era altamente secreta. Nem mesmo o seu Conselho foi informado. A única pessoa que não está aqui é aquele centauro.

Holly saltou de pé.

— Potrus? Não pode ser. Artemis levantou as mãos.

— É lógico. Só isso.

— Está tudo muito bem — exclamou o comandante —, mas é apenas conjectura. Precisamos avaliar nossa situação. O que temos, e o que sabemos com certeza?

Butler assentiu. O comandante era uma criatura que o

agradava. Um soldado.

Raiz respondeu à sua própria pergunta.

— Nós ainda temos o transportador, desde que ele não esteja sabotado. Há um armário cheio de provisões. Na maioria comida atlante, de modo que se acostumem com peixe e lulas.

— E o que nós sabemos? Artemis assumiu.

— Nós sabemos que os goblins têm uma fonte na LEP. Também sabemos que se eles tentaram pegar a cabeça da LEP, o comandante Raiz, devem estar querendo também o corpo. A melhor chance de sucesso seria montar as duas operações simultaneamente.

Holly mordeu o lábio.

— Então isso significa...

— Que provavelmente está acontecendo algum tipo de revolução lá embaixo.

— Os B'wa Kell contra a LEP? — zombou Holly. — Sem problema.

— Geralmente isso pode ser verdade — concordou Artemis. — Mas se suas armas estão desligadas...

— As do pessoal lá de baixo também estão — completou Raiz. — Em teoria.

Artemis chegou mais perto do cubo de luz.

— O pior cenário possível é: a Cidade do Porto foi tomada pelos B'wa Kell, e os membros do conselho estão mortos ou presos. Honestamente, a coisa está feia.

Nenhuma das duas criaturas respondeu. Feia não era a palavra exata. Desastrosa era mais próxima da verdade.

Até mesmo Artemis ficou ligeiramente desanimado. Nada disso estava ajudando o seu pai.

— Sugiro que a gente descanse aqui um tempo, junte algumas provisões e depois vá para Murmansk assim que tivermos alguma cobertura de nuvens. Buder pode procurar o apartamento do tal de Vassikin. Talvez nós tenhamos sorte e meu pai esteja lá. Sei que estamos em ligeira desvantagem sem armas, mas ainda temos a surpresa do nosso lado.

Ninguém falou durante vários instantes. Era um silêncio inquieto. Todo mundo sabia o que deveria ser dito, mas ninguém queria dizer.

— Artemis — falou Butler por fim, pondo a mão no ombro do garoto. — Nós não estamos em condições de ir contra a Mafiya. Não temos poder de fogo, e nossos colegas precisam ir lá para baixo, então não temos nenhuma magia. Se formos para lá agora, não vamos sair. Nenhum de nós.

Artemis olhou bem no coração do cubo de luz.

— Mas meu pai está tão perto, Butler. Não posso desistir agora.

Mesmo contra a vontade, Holly sentiu-se tocada por ele não querer desistir, ainda que contra todas as chances. Ela tinha certeza de que, pela primeira vez, Artemis não estava tentando manipular ninguém. Ele era simplesmente um garoto que sentia falta do pai. Talvez suas defesas estivessem baixas, mas ela sentiu pena dele.

— Nós não estamos desistindo, Artemis — falou em voz baixa. — Estamos nos recuperando. Há uma diferença. Vamos voltar. Lembre-se, sempre fica mais escuro antes de amanhecer.

Artemis a encarou.

— Que amanhecer? Nós estamos no Ártico, lembra?

CABINE DE OPERAÇÕES

Potrus estava furioso consigo mesmo. Depois de toda a codificação de segurança que pusera em seus sistemas, Opala Koboi tinha simplesmente entrado ali e sabotado toda a rede. E mais, a LEP tinha pagado para ela fazer o serviço.

O centauro teve de admirar a coragem dela. Era um plano brilhantemente simples. Candidatar-se ao contrato de melhoria, oferecer o menor preço. Conseguir que a LEP lhe desse um chip de acesso a todas as áreas e colocar câmeras de espionagem nos sistemas locais. Ela até mesmo havia cobrado pejo equipamento de vigilância.

Potrus apertou alguns botões experimentalmente. Nenhuma resposta. Não que ele esperasse. Sem dúvida, Opala Koboi tinha sabotado tudo, até a última fibra ótica. Talvez ela o estivesse vigiando agora mesmo. Ele podia imaginá-la. Aninhada numa Flutuoboy Koboi®, rindo para a tela de plasma. Sua maior rival, zombando de sua destruição.

Potrus gemeu. Ela podia tê-lo apanhado desprevenido uma vez, mas isso não aconteceria de novo. Ele não iria desmoronar para o divertimento de Opala Koboi... Mas, afinal de contas, talvez sim.

O centauro começou a dar soluços teatrais, espiando entre os dedos. Bom, se eu fosse uma câmera em miniatura, onde iria me esconder? Em algum lugar que a varredura não verificasse. Potrus olhou para o varredor de grampos, uma massa pequena e complexa de cabos e chips presa ao teto. O único lugar que o equipamento de varredura não verificava era dentro

do próprio varredor...

Então agora ele sabia de onde Opala olhava, se é que isso lhe servia de alguma coisa. Se a câmera estava escondida dentro do varredor, haveria um pequeno ponto cego diretamente abaixo do minúsculo envoltório de titânio. A pixie ainda podia ver tudo que era importante. Ele ainda estava trancado fora do computador e dentro da cabine de operações.

O centauro apoiou a cabeça nas mãos, a própria imagem de uma criatura abalada. De fato ele estava examinando a cabine. O que tinha vindo para cá desde o último conjunto de equipamentos da Koboi? Deveria haver alguma coisa que não estivesse conectada a ela...

Mas não havia nada além de lixo. Um rolo de cabo de fibra ótica. Alguns cliques condutores e algumas ferramentas. Nada útil. Então alguma coisa piscou para ele de trás de uma estação de trabalho. Uma luz verde.

O coração de Potrus acelerou em dez batidas por minutos. Soube instantaneamente o que era. O laptop de Artemis Fowl. Com modem e capacidade de passar e-mail. Ele se forçou a manter a calma. Opala Koboi não poderia tê-lo grampeado. O negócio tinha chegado há apenas algumas horas. Ele nem mesmo havia tentado desmantelá-lo.

O centauro foi batendo os cascos até sua caixa de ferramentas e, num ataque de frustração, jogou o conteúdo nos ladrilhos de plasma. Não estava tão frustrado a ponto de esquecer de pegar alguns cabos e conectores. O próximo passo em seu falso ataque foi ir até a bancada, soluçando incontrolavelmente. Naturalmente teve de ir até o ponto exato em que Holly havia deixado o laptop. Com um estalo casual, empurrou o computador para o espaço onde estaria o ponto cego do equipamento de varredura. Em seguida se jogou no chão, sacudindo as pernas num chique furioso. Pela microcâmera, Opala não poderia ver nada além de suas pernas se sacudindo.

Até agora tudo bem. Potrus abriu a tampa do laptop, desligando rapidamente os alto-falantes. Os humanos insistiam em que suas máquinas soltassem bips nos momentos mais inoportunos. Deixou uma das mãos passar sobre o teclado e instantes depois estava no programa de e-mail.

Agora o problema. Acesso sem fio à Internet é uma coisa, mas acesso do centro da terra é outra bem diferente. Apoiando a cabeça na dobra do braço, Potrus enfiou uma ponta do cabo de fibra ótica numa entrada de ligação escópica. Os escópios eram rastreadores disfarçados dentro de satélites de comunicação americanos. Agora ele tinha um contato aéreo. A

esperança era que o Garoto da Lama estivesse conectado.

LABORATÓRIOS KOBOI

Opala Koboi nunca tinha se divertido tanto. O sub-mundo era literalmente seu brinquedo. Ela se esticou em sua Flutuoboy Koboi® como um gato contente, os olhos devorando o caos nos monitores de plasma. A LEP não tinha chance. Era apenas questão de tempo antes que os B'wa Kell tivessem acesso à Central Plaza, e então a cidade seria deles. Em seguida viria Atlântida, e depois o mundo humano.

Opala flutuava entre as telas, encharcando-se com cada detalhe. Na cidade, goblins vinham de todos os centímetros de escuridão, armados e sedentos de sangue. As NarizMacio arrancavam nacos de edifícios históricos. As criaturas comuns se trancavam em casa, rezando para que as gangues arruaceiras passassem direto. As empresas eram saqueadas e incendiadas. Ela esperava que não houvesse incêndios demais. Opala Koboi não queria ser rainha de uma zona de guerra.

Uma janela de comunicação se abriu na tela principal. Era Porrete em sua linha codificada. E ele parecia feliz. A feli-

cidade fria da vingança.

— Urze — guinchou Opala. — Isto é maravilhoso. Gostaria de que você estivesse aqui para ver.

— Logo. Devo ficar com minhas tropas. Afinal de contas, como fui eu que descobri a traição de Potrus, o Conselho restabeleceu meu comando. Como está nosso prisioneiro?

Opala olhou para a tela de Potrus.

— Desapontador, francamente. Eu esperava alguma trama.

Uma tentativa de fuga, pelo menos. Mas ele só faz se lamentar e ter chiliques.

O sorriso de Porrete se alargou.

— Suicidas, espero. De fato, tenho certeza. — Depois, o novo comandante voltou aos negócios. — E a LEP? Alguma onda cerebral inesperada?

— Não. Exatamente como você previu. Ele estão se abrigando na Central Plaza como tartarugas dentro dos cascos. Devo interromper as comunicações locais?

Porrete balançou a cabeça.

— Não. Eles anunciam tudo que vão fazer pelos supostos canais de segurança. Mantenha-os abertos. Só para garantir.

Opala Koboi parou mais perto da tela.

— Fale de novo, Urze. Fale do futuro.

Por um momento a irritação surgiu no rosto de Porrete. Mas hoje, especialmente hoje, seu humor não podia ser contido por muito tempo.

— O Conselho ficou sabendo que Potrus orquestrou a sabotagem a partir de sua cabine de operações isolada. Mas você vai derrotar milagrosamente o programa do centauro e devolver o controle dos canhões de DNA da Central Plaza à LEP. Aqueles ridículos goblins serão dominados. Eu serei o herói da resistência, e você será minha princesa. Todos os contratos militares nos próximos quinhentos anos serão dos Laboratórios Koboi.

A respiração de Koboi ficou presa na garganta.

— E depois?

— E depois, juntos, nós livraremos a terra daqueles te-diosos Homens da Lama. Isso, minha cara, é o futuro.

O telefone de Artemis tocou. Uma coisa que nem ele havia previsto. Tirou uma das luvas com os dentes e arrancou o celular da tira de velcro.

— Mensagem de texto — disse ele, navegando pelo menu do celular. — Ninguém tem esse número, a não ser o Butler.

Holly cruzou os braços.

— Obviamente alguém tem. Artemis ignorou seu tom de voz.

— Deve ser Potrus. Ele andou monitorando minhas comunicações sem fio durante meses. Ou ele está usando meu computador ou achou um modo de unificar nossas plataformas.

— Sei — disseram Butler e Raiz ao mesmo tempo. Duas grandes mentiras.

Holly não ficou impressionada com aquele jargão.

— Então, o que diz a mensagem? Artemis bateu na tela minúscula.

— Veja você mesma.

A capitã Short pegou o celular, fazendo a mensagem correr na tela e lendo em voz alta. Seu rosto ficava mais perplexo a cada linha.

COMD. RAIZ. PROBL EMBAIXO. DOMINADOS
POR GOBLNS. DELG CIA PLAZA CERCADA. PORRETE
+ OPL KBOI PORTRÁS DA TRAMA. SEM ARMAS NEM
COMNICAÇÕES. CANHÕES DNA CONTRLD POR
KBOI. ESTOU PRESO NA CAB OP. O CONS ACHA QUE
EU SOU CULPDO. SE VIVOS, AJUDEM P. FAV. SE NÃO,
NÚM ERRADO.

Holly tentou engolir a saliva, com a garganta subitamente seca.

— Isso não é bom.

O comandante saltou de pé, agarrando o celular para ler ele próprio a mensagem.

— Não — declarou instantes depois. — Certamente não é bom. Porrete! O tempo todo era o Porrete. Por que eu não vi? Nós podemos mandar uma mensagem para Potrus?

Artemis pensou nisso.

— Não. Não há uma rede aqui. Estou surpreso por nós termos ao menos recebido.

— Você não pode dar um jeito?

— Certamente. Dê-me seis meses, algum equipamento especializado e três quilômetros de vigas de aço.

Holly fungou.

— Tremenda mente criminosa é a sua. Butler pôs a mão gentilmente no ombro dela.

— Shh — sussurrou ele. — Artemis está pensando. Artemis olhou no fundo do coração de plasma líquido do cubo de luz.

— Nós temos duas opções — começou depois de um instante. Ninguém interrompeu, nem mesmo Holly. Afinal de contas, fora Artemis Fowl quem tinha imaginado um modo de escapar do campo temporal.

— Nós poderíamos obter alguma ajuda humana. Sem dúvida alguns dos conhecidos mais dúbios de Butler poderiam ser persuadidos a ajudar, em troca de pagamento, claro.

Raiz balançou a cabeça.

— Não serve.

— Eles poderiam ter a mente apagada depois.

— Algumas vezes os apagamentos não funcionam. A última coisa de que precisamos é de mercenários com lembranças residuais. Segunda opção?

— Nós invadimos os Laboratórios Kobi e devolvemos o controle das armas à LEP.

O comandante deu uma gargalhada.

— Invadir os Laboratórios Kobi? Está falando sério?

Todas as instalações são construídas dentro de um leito de rocha. Não há janelas, as paredes são resistentes a explosões e há canhões de DNA. Qualquer pessoa não autorizada que chegar a cem metros é acertada bem entre as orelhas pontudas.

Butler assobiou.

— Parece um bocado de material pesado para uma empresa de engenharia.

— Eu sei — sussurrou Raiz. — Os Laboratórios Koboï têm licença especial. Eu mesmo as assinei.

Butler pensou nisso durante vários instantes.

— Não pode ser feito — declarou por fim. — Não sem as plantas.

— D'Arvit — xingou o comandante. — Eu nunca pensei em dizer isso, mas só há uma criatura do mundo subterrâneo que pode fazer um serviço desses...

Holly assentiu.

— Palha Escavator.

— Escavator?

— Um anão. Criminoso de carreira. A única criatura a invadir os Laboratórios Koboï e sobreviver. Infelizmente nós o perdemos no ano passado. Fazendo um túnel para sair da sua mansão, por sinal.

— Eu me lembro dele — disse Butler. — Quase arrancou minha cabeça. Uma figura escorregadia.

Raiz deu um riso baixinho.

— Oito vezes eu prendi o velho Palha. A última foi pelo serviço nos Laboratórios Koboï. Pelo que lembro, Palha e seu primo se apresentaram como empreiteiros de construção. Um modo de conseguir as plantas para instalações seguras. Eles conseguiram o contrato do Koboï. Palha entrou por uma porta dos fundos. Como um típico Escavator, invadiu a instalação mais segura sob o planeta, depois tentou vender um tanque de alquimia para um dos meus informantes.

Artemis sentou-se empertigado.

— Alquimia? Vocês têm tanques de alquimia?

— Pare de babar, Garoto da Lama. Eles são experimentais. Os antigos feiticeiros costumavam ser capazes de transformar chumbo em ouro, segundo o Livro, mas o segredo se perdeu. Nem mesmo Opala Koboï conseguiu.

— Ah — disse Artemis, desapontado.

— Acreditem ou não, eu quase sinto falta daquele criminoso. Ele tinha um jeito de insultar as pessoas... — Raiz olhou para o céu. — Imagino se ele está lá em cima agora, olhando para nós.

— É um modo de dizer — falou Holly, cheia de culpa.

— Na verdade, comandante, Palha Escavator está em Los Angeles.

CAPÍTULO 11: FOGO

DE PALHA

LOS ANGELES



DE FATO, PALHA ESCAVATOR estava do lado de fora do apartamento de uma atriz ganhadora do Oscar. Claro, ela não sabia que ele estava lá. E, naturalmente, ele não queria fazer coisa boa. Uma vez ladrão, sempre ladrão.

Não que Palha precisasse do dinheiro. Tinha se dado muito bem com o cerco a Artemis Fowl. O bastante para alugar um apartamento de cobertura em Beverly Hills. Havia posto no apartamento um sistema de entretenimento Pioneer, uma enorme coleção de DVDs e carne seca suficiente para uma vida inteira. Estava na hora de uma década de descanso e relaxamento.

Mas a vida não é assim. Ela se recusa a se aninhar e se sentar em silêncio num canto. Os hábitos de vários séculos não somem de uma hora para outra. Na metade da coleção de Ja-

mes Bond,

Palha percebeu que sentia falta dos bons e velhos tempos. Logo o solitário ocupante da cobertura estava dando passeios no meio da noite. Esses passeios geralmente terminavam dentro da casa de outras pessoas.

Inicialmente Palha apenas visitava, saboreando a empolgação de derrotar os sofisticados sistemas de segurança dos Homens da Lama. Depois começou a levar troféus. Coisas pequenas, uma taça de cristal, um cinzeiro, ou um gato, se estivesse com fome. Mas logo Palha Escavator começou a ansiar pela velha notoriedade e seus roubos aumentaram. Barras de ouro, diamantes grandes ou pit bull terriers, se estivesse realmente esfomeado.

O negócio do Oscar começou meio por acidente. Ele pegou um como curiosidade, numa ida de meio de semana a Nova York. Melhor roteiro original. Na manhã seguinte estava nas primeiras páginas no país inteiro. Era de pensar que ele havia roubado um comboio médico, em vez de uma estátua dourada. Palha, claro, ficou deliciado. Tinha encontrado seu novo passatempo noturno.

Quinze dias depois Palha afanou Oscars de trilha sonora e efeitos especiais. Chegou a ganhar um apelido: o Grouch,

por causa de outro Oscar bem conhecido. Quando Palha leu isso, seus dedos dos pés tremelicaram de alegria. E dedos dos pés de um anão tremelicando é uma tremenda visão. Eles são tão ágeis quanto dedos das mãos, com duas juntas e, quanto menos falarmos sobre o cheiro, melhor. A missão de Palha ficou clara. Ele tinha de conseguir um conjunto inteiro.

Nos seis meses seguintes o Grouch atacou em todos os Estados Unidos. Chegou a fazer uma viagem à Itália para pegar um prêmio de melhor filme em língua estrangeira. Mandou fazer um armário especial, com vidro que poderia ser escurecido ao toque de um botão. Palha Escavator sentia-se vivo de novo.

Claro, todos os ganhadores de Oscars do planeta tremeram pela segurança, e era exatamente assim que Palha gostava. Não havia desafio em entrar numa cabana de praia. Edifícios altos e de alta tecnologia. Era isso que o público queria. Então era isso que o Grouch lhes dava. Os jornais engoliram. Ele era um herói. Durante o dia, quando não podia sair de casa, Palha se ocupava escrevendo o roteiro cinematográfico de suas realizações.

Esta era uma grande noite. A última estatueta. Ele ia pegar um prêmio de melhor atriz. E não era qualquer melhor atriz. Era a tempestuosa beldade jamaicana Maggie V. Vence-

dora este ano pela interpretação de Preciosa, uma tempestuosa belidade jamaicana. Maggie V tinha declarado publicamente que, se o Grouch tentasse qualquer coisa em seu apartamento, receberia muito mais do que estava pedindo. Como Palha poderia resistir a um desafio desses?

O prédio em si era fácil de se localizar, um bloco de vidro e aço, de dez andares, perto do Sunset Boulevard, a pouca distância da casa de Palha. Assim, numa noite nublada, o intrépido anão juntou suas ferramentas, preparando-se para invadir os livros de história.

Maggie V morava no último andar. Não havia hipótese de subir pelas escadas, pelo elevador ou pelo poço de ventilação. Teria de ser um serviço externo.

Na preparação para escalar, Palha não tinha bebido nada durante dois dias. Os poros dos anões não servem apenas para suar, eles podem absorver a umidade também. Muito adequado quando você está preso numa escavação durante dias sem fim. Ainda que você não possa encostar a boca em algo para beber, cada centímetro da pele é capaz de sugar água da terra em volta. Quando um anão ficava com sede, como Palha estava agora, seus poros se abriam até o tamanho de buracos de alfinete e começavam a sugar feito loucos. Isso poderia ser ex-

tremamente útil se, digamos, você tivesse de subir pela face de um prédio alto.

Palha tirou os sapatos e as luvas, colocou um capacete roubado da LEP e começou a subir.

Poço E93

Holly podia sentir o olhar furioso do comandante arrepiando os pêlos de sua nuca. Tentou ignorar, concentrando-se em não chocar o transportador do embaixador atlante contra as paredes do poço do Ártico.

— Então, esse tempo todo, você sabia que Palha Escavator estava vivo?

Holly acionou levemente o motor de estibordo para evitar um míssil de rocha meio derretida.

— Não com certeza. Potrus simplesmente tinha uma teoria. O comandante apertou um pescoço imaginário.

— Potrus! Por que será que não estou surpreso?

Artemis deu um risinho em seu assento na área de passageiros.

— Escutem, vocês dois, nós precisamos trabalhar como

uma equipe.

— Então conte a teoria de Potrus, capitã — ordenou Raiz, prendendo o cinto de segurança no assento do co-piloto.

Holly ativou uma varredura estática nas câmeras externas do transportador, cargas positivas e negativas deslocaram as camadas de poeira das lentes.

— Potrus achava que a morte de Palha era meio suspeita, já que ele era o melhor cavador de túneis que existia.

— Então por que não me procurou?

— Era só uma intuição. Com todo o respeito, o senhor sabe como é quando se trata de intuições, comandante.

Raiz assentiu de má vontade. Era verdade, ele não tinha tempo para intuições. Tinha de ser evidência sólida, ou então “saia da minha sala até conseguir alguma”.

— O centauro andou investigando um pouco em seu tempo livre. A primeira coisa que notou foi que o ouro recuperado estava um pouco leve. Eu negocieei pela devolução de metade do resgate, e pela contagem de Potrus o carrinho estava com menos duas dúzias de barras, aproximadamente.

O comandante acendeu um dos seus característicos charutos de fungo. Tinha de admitir que a coisa parecia promissora: ouro desaparecido, Palha Escavator num raio de cem

quilômetros. Dois e dois são quatro.

— E, como o senhor sabe, é procedimento-padrão bor-rifar qualquer propriedade da LEP com um rastreador à base de solinium, inclusive o ouro do resgate. Assim, Potrus fez uma varredura procurando solinium, e captou traços por toda Los Angeles. Particularmente no Hotel Crowley, em Beverly Hills. Quando ele invadiu o computador do hotel, descobriu que o morador da cobertura é um tal de Lance Escavador. As orelhas pontudas de Raiz estremeceram.

— Escavador?

— Exato — disse Holly, assentindo. — Um pouco mais do que coincidência. Nesse ponto Potrus me procurou, e eu o aconselhei a conseguir umas fotos de satélite antes de levar o dossiê ao senhor. Só que...

— Só que o senhor *Escavador* está se mostrando muito esquivo. Estou certo?

— Na bucha.

A cor de Raiz passou de rosa a tomate.

— Palha, aquele bandido. Como ele conseguiu? Holly deu de ombros.

— Nós estamos achando que ele transferiu sua câme-ra-de-íris para algum animal, talvez um coelho. Depois fez o

túnel desmoronar.

— Então os sinais vitais que estávamos lendo pertenciam a algum coelho.

— Exato. Em teoria.

— Eu vou matá-lo — exclamou Raiz, batendo no painel de controle. — Essa lata velha não pode ir mais rápido?

LOS ANGELES

Palha escalou o prédio sem muita dificuldade. Havia câmeras externas de circuito fechado, mas o filtro iônico do capacete mostrava exatamente para onde elas estavam apontadas. Era simples se arrastar por entre os pontos cegos.

Dentro de uma hora o anão estava grudado do lado de fora do apartamento de Maggie V no décimo andar. As janelas tinham vidros triplos com cobertura à prova de bala. Estrelas de cinema. Paranóicas, todas.

Naturalmente havia um alarme no topo do vidro, e um sensor de movimento preso numa parede como um grilo congelado. Era de se esperar.

Palha derreteu um buraco no vidro com uma garrafa de

polidor de rocha de anões, usado para limpar diamantes nas minas. Os humanos cortavam diamantes para fazê-los brilhar. Imagine. Metade da pedra ia pelo ralo.

Em seguida o Grouch usou o filtro iônico do capacete para fazer uma varredura do alcance do sensor de movimento. O feixe vermelho de íons revelou que o sensor estava focalizado no chão. Não importava. Palha pretendia ir pela parede.

Com os poros ainda ansiando por água, o anão se esgueirou pela abertura, fazendo o máximo uso de uma estante de aço inoxidável que rodeava quase completamente a sala de estar principal.

O próximo passo era achar o Oscar. Poderia estar escondido em qualquer lugar, inclusive sob o travesseiro de Maggie V, mas essa sala era um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar. Nunca se sabe, talvez ele tivesse sorte.

Palha ativou o filtro de raios X do capacete, examinando as paredes em busca de um cofre. Nada. Tentou o chão; hoje em dia os humanos estavam ficando mais espertos. Ali, debaixo de um tapete de zebra, um cubóide de metal. Fácil.

O Grouch se aproximou do sensor de movimento por cima, torcendo muito devagar o pescoço do instrumento até ele estar examinando o teto. Agora o chão era seguro.

Pulou para o tapete, testando a superfície com o tato dos dedos dos pés. Não havia sensores de pressão costurados no forro do tapete. Enrolou para trás a pele falsa, revelando um alçapão no chão de madeira. As juntas eram quase invisíveis a olho nu. Mas Palha era um especialista, e seus olhos não estavam nus, estavam sendo ajudados por lentes zoom da LEP.

Enfiou um prego na fenda, levantando o alçapão. O cofre em si era meio desapontador. Nem mesmo era forrado de chumbo; ele podia ver direto o mecanismo com o filtro de raios X. Um fecho de combinação simples. Só três dígitos.

Palha desligou o filtro. Qual era o sentido de abrir uma fechadura através da qual você podia ver? Em vez disso encostou o ouvido na porta, sacudindo o botão. Em quinze segundos a porta estava aberta aos seus pés.

O metal dourado do Oscar piscou para ele. Nesse momento Palha cometeu um grande erro. Relaxou. Na mente do Grouch, ele já estava de volta ao seu apartamento, acabando de tomar uma garrafa de dois litros d'água. E ladrões relaxados estão destinados à prisão.

Palha deixou de verificar se havia alguma armadilha na estatueta, tirando-a direto do cofre. Se tivesse verificado perceberia que havia um fio ligado magneticamente à base. Quando o

Oscar foi movido, um circuito se interrompeu, permitindo que o inferno viesse à terra.

Poço E93

Holly pôs o piloto automático para pairar imóvel a três mil metros abaixo da superfície. Deu um tapa no próprio peito, soltando os cintos de segurança e se juntou aos outros na parte de trás do veículo.

— Dois problemas. Primeiro, se formos mais para baixo, seremos captados pelos sensores, presumindo que eles ainda estejam funcionando.

— Por que não estou ansioso pelo segundo? — perguntou Buder.

— Segundo. Esta parte do poço foi aposentada quando nós saímos do Ártico.

— O que significa...

— Significa que os túneis de suprimento desmoronaram. Nós não temos como entrar no sistema de lançamento sem túneis de suprimento.

— Sem problema — declarou Raiz. — Nós explodimos

a parede.

Holly suspirou.

— Com o quê, comandante? Este é um veículo diplomático. Nós não temos canhões.

Butler tirou dois ovos concussores de seu CintoLua.

— Isso serve? Potrus achou que poderiam servir para alguma coisa.

Artemis gemeu. Se não soubesse, juraria que o mordomo estava adorando aquilo.

LOS ANGELES

— Epa — sussurrou Palha.

Em questão de momentos as coisas tinham passado de cor-de-rosa a extremamente perigosas. Assim que o circuito de segurança foi interrompido, uma porta lateral se abriu, deixando entrar dois enormes pastores alemães. Cães de guarda do melhor tipo. Foram acompanhados por seu treinador, um homem enorme coberto com roupas protetoras. Parecia que ele estava vestido com capachos. Obviamente os cães eram instáveis.

— Cachorrinhos bonzinhos — disse Palha, lentamente

desabotoando a aba traseira de sua calça.

Poço E93

Holly cutucou os controles de vôo, levando o veículo para perto da parede do poço.

— Isso é o mais perto que vamos chegar — falou no microfone do capacete. — Se chegarmos mais perto, as termas podem nos jogar contra a superfície da rocha.

— Termas? — rosnou Raiz. — Você nunca disse nada sobre termas antes de eu sair aqui.

O comandante estava com os braços abertos, agarrado na asa de bombordo, com um ovo concussor preso em cada bota.

— Desculpe, comandante, alguém tem de pilotar esse negócio.

Raiz murmurou entre os dentes, arrastando-se mais para perto da ponta da asa. Ainda que a turbulência não fosse tão forte quanto seria num veículo em movimento, as termas que subiam bastavam para sacudir o comandante como se ele fosse dados num copo. Tudo que o impedia de sair voando era a idéia

de seus dedos apertando a garganta de Palha Escavator.

— Mais um metro — ofegou ele ao microfone. Pelo menos tinham comunicações, o transportador possuía seu próprio interfone. — Mais um metro e eu consigo.

— Não dá, comandante. Agora é com o senhor.

Raiz se arriscou a dar uma espiada no abismo. O poço se estendia para sempre, serpenteando até o brilho de magma laranja no núcleo da terra. Isso era loucura. Doidice. Devia haver outro modo. Nesse ponto o comandante até estaria disposto a se arriscar num vôo acima da superfície.

Então Julius Raiz teve uma visão. Poderia ser a fumaça de enxofre, a tensão ou a falta de comida. Mas ele poderia jurar que as feições de Palha Escavator apareceram à sua frente, desenhadas na face da rocha. O rosto estava tragando um charuto e rindo.

Sua determinação voltou num jorro. Vencido por um criminoso. Não era possível.

Raiz ficou de pé, secando as palmas suadas no macacão. As termais puxavam seus braços como fantasmas maldosos.

— Pronto para colocar alguma distância entre nós e esse futuro buraco? — gritou ao microfone.

— Pode apostar que sim, comandante — respondeu

Holly. — Assim que o senhor estiver de volta, nós saímos daqui.

— Certo. A postos.

Raiz disparou o dardo que lançava a corda do seu cinto. A cabeça de titânio afundou facilmente na rocha. O comandante sabia que cargas minúsculas dentro do dardo disparariam dois ganchos, prendendo-o no interior do rosto. Cinco metros. Não era uma distância grande para se balançar numa corda. Mas na verdade o problema não era o balanço. Era a queda capaz de esmagar ossos e a falta de apoio para as mãos na parede do poço.

Qual é, Julius, zombou o edifício Palha. Vejamos como você fica emplastrado numa parede.

— Ah, cale a boca, prisioneiro — rugiu o comandante. E pulou, balançando no vazio.

O rosto de pedra veio rapidamente ao seu encontro, expulsando o ar dos seus pulmões. Raiz trincou os dentes de trás por causa da dor. Esperava que nada estivesse quebrado, porque depois da viagem à Rússia não lhe restava magia suficiente nem mesmo para fazer uma margarida florescer, quanto mais curar uma costela fraturada.

As luzes de frente do transportador captaram as quei-

maduras a laser onde os anões da LEP haviam lacrado o túnel de suprimento. A linha de solda seria o ponto fraco. Raiz colocou os ovos concussores em duas reentrâncias.

— Estou indo pegar você, Escavator — murmurou, apertando os detonadores das cápsulas incrustadas em cada um deles. Trinta segundos agora.

Raiz apontou um segundo dardo para a asa do transportador. Um tiro fácil, ele fazia esse tipo de coisa dormindo, no simulador. Infelizmente os simuladores não tinham termais estragando as coisas no último momento.

Assim que o comandante disparou o dardo, a borda de um redemoinho de gás particularmente forte pegou a traseira do veículo, girando-o quarenta e cinco graus em sentido anti-horário. O dardo errou por um metro. Foi girando para o abismo, puxando a corda. Raiz tinha duas opções: poderia enrolar a corda usando o guincho do cinto ou poderia abandoná-la e tentar de novo com a de reserva. Julius soltou-a; seria mais fácil tentar de novo. Seria um bom plano, se ele já não tivesse usado a de reserva para sair com Butler de baixo da geleira. O comandante se lembrou disso meio segundo depois de ter soltado sua última corda.

— D'Arvit — xingou, batendo no cinto à procura de

um dardo que ele sabia que não estaria lá.

— Problema, comandante? — perguntou Holly, com a voz tensa de lutar com os controles.

— Não tenho mais nenhuma corda com dardo, e as cargas estão acionadas.

Seguiu-se um breve silêncio. Muito breve. Não havia tempo para pensamentos longos. Raiz olhou para o seu luômetro. Vinte e cinco segundos e continuando a contagem.

Quando a voz de Holly veio pelos fones de ouvido, ela não estava explodindo de entusiasmo e confiança.

— É... comandante. O senhor está usando alguma coisa de metal?

— Sim — respondeu Raiz, perplexo. — Meu peitoral, a fivela, o distintivo, a arma. Por quê?

Holly trouxe o veículo um pouquinho mais perto. Mais do que isso seria suicídio.

— Vejamos a coisa assim: o senhor gosta muito das suas costelas?

— Porquê?

— Acho que sei como tirá-lo daí.

— Como?

— Eu poderia contar, mas o senhor não gostaria.

— Conte, capitã. Esta é uma ordem direta. Holly contou. Ele não gostou.

LOS ANGELES

Gás de anão. Não é o assunto mais agradável; nem os anões gostam de falar a respeito. Muitas esposas de anões brigam com os maridos por soltar gás em casa, e não deixá-lo nos túneis. O fato é que, geneticamente, os anões tendem a ter problema de gases, principalmente se andaram comendo argila na mina. Um anão pode ingerir vários quilos de terra por segundo através de seus maxilares desencaixados. Isso é muita argila, com um bocado de ar dentro. Tudo isso tem de ir para algum lugar. De modo que vai para o sul. Para dizer de modo educado, os túneis são autolacrantes. Palha não comia argila há meses, mas ainda tinha algumas bolhas de gás à disposição, para quando precisasse.

Os cães estavam prontos para atacar. A saliva pendia em fios das mandíbulas abertas. Ele seria despedaçado. Palha se concentrou. Os borbulhos familiares começaram no estômago, alterando sua forma. Era como se houvesse dois gnomos luta-

dores do lixo disputando alguns assaltos ali. O anão trincou os dentes, esse ia ser dos grandes.

O treinador dos cães soprou um apito de futebol. Os bichos saltaram como torpedos com dentes. Palha soltou um jorro de gás, abrindo um buraco no tapete e impelindo-se ao teto, onde seus poros sedentos o ancoraram. Seguro. Por enquanto.

Os pastores alemães ficaram particularmente surpresos. Durante a vida eles tinham mastigado a maioria das criaturas que estavam na cadeia alimentar. Isso era uma coisa nova. E não totalmente agradável. Você precisa lembrar que o nariz de um cachorro é muito mais sensível do que o humano.

O treinador soprou o apito mais algumas vezes, mas qualquer controle que ele pudesse ter desapareceu no momento em que Palha voou pelo ar num jato de vento reciclado. Assim que as vias nasais dos cães se desobstruíram, eles começaram a pular, com os dentes virados para cima.

Palha engoliu em seco. Os cães são mais inteligentes do que um goblin-padrão. Era apenas questão de tempo antes que pensassem em subir nos móveis e saltar.

Palha foi em direção à janela, mas o treinador estava na frente dele, bloqueando o buraco com seu corpo almofadado.

Palha notou que ele estava tentando pegar uma arma no cinto. Isso ia ficando sério. Os anões são muitas coisas, mas não à prova de balas.

Para piorar as coisas, Maggie V apareceu na porta do quarto, brandindo um bastão de beisebol cromado. Essa não era a Maggie V à qual o público estava acostumado. Seu rosto estava coberto por uma máscara verde, e parecia haver um saco de chá grudado debaixo de cada olho.

— Agora nós pegamos você, senhor Grouch — alardeou ela. — E as ventosas não vão salvá-lo.

Palha percebeu que sua carreira como o Grouch estava acabada. Quer escapasse ou não, o Departamento de Polícia de Los Angeles iria visitar cada anão na cidade assim que o sol nascesse.

Só lhe restava uma carta para jogar. O dom das línguas. Cada criatura do reino das fadas tem um dom natural para as línguas, já que todas as línguas são baseadas no gnomês, se você procurar suas origens até bem longe. Inclusive a linguagem canina americana.

— *Arf* — rosnou Palha. — *Arf, rrrraaaf, rrraff.*

Os cães se imobilizaram. Um deles tentou se imobilizar no

meio do salto, pousando em cima do colega. Eles mor-
deram o rabo um do outro por um momento, depois se lem-
braram de que havia uma criatura no teto latindo para eles. O
sotaque era terrível, algo da Europa Central. Mas mesmo assim
era canino.

— *Aruf?* — perguntou o cão numero um. — O que
você está dizendo?

Palha apontou para o treinador.

— *Wuf arfy arruuuuf!* Aquele humano tem um osso e-
norme dentro da camisa — grunhiu. (Obviamente isso está
traduzido.)

Os pastores alemães saltaram sobre o treinador, Palha
se enfiou pelo buraco na janela e Maggie V uivou tanto que sua
máscara se rachou e os sacos de chá caíram. E mesmo que o
Grouch soubesse que esse capítulo específico de sua carreira
estivesse terminado, o peso do Oscar de Maggie V dentro da
camisa não lhe deu pouca satisfação.

POÇO E93

Faltavam vinte segundos para os concussores explodi-

rem, e o comandante continuava achatado contra a parede do poço. Eles não tinham jogos de asas, nem tempo para mandar um para fora, se tivessem. Se não pudessem tirar Raiz de lá agora mesmo, ele explodiria da parede e cairia no abismo. E magia não funcionava numa gosma derretida. Só havia uma opção. Holly teria de usar os grampos de agarramento.

Todos os transportadores são equipados com trens de pouso secundários. Se os nódulos das docas falharem, quatro ganchos magnéticos podem ser lançados de sulcos no veículo. Esses ganchos se agarram à base de metal da doca de pouso, puxando o veículo para a câmara de compressão. Além disso, os ganchos eram úteis em ambientes pouco familiares, onde os ímãs procurariam traços de elementos e se grudariam como ventosas.

— Certo, Julius — disse Holly. — Não mexa um músculo. Raiz empalideceu. Julius. Holly o havia chamado de Julius.

Isso não era bom. Dez segundos. Holly ligou um pequeno visor.

— Soltar garra de pouso dianteira de bombordo. Um zumbido forte sinalizou a soltura da garra.

A imagem do comandante apareceu no visor. Mesmo dali ele parecia preocupado. Holly centralizou a mira no peito

dele.

— Capitã Short. Você tem certeza absoluta disso? Holly ignorou o superior.

— Alcance quinze metros. Só ímãs.

— Holly, talvez eu possa pular. Talvez eu consiga. Tenho certeza de que consigo.

Cinco segundos...

— Disparar garra de bombordo.

Seis cargas minúsculas foram disparadas em volta da base do gancho, lançando o disco de metal para longe da base, seguido por um cabo de polímero retrátil.

Raiz abriu a boca para xingar, então o gancho se chocou no seu peito, tirando todo o ar de seu corpo. Várias coisas se quebraram.

— Enrolar o cabo — gritou Holly no microfone do computador, simultaneamente disparando a toda pelo poço. O comandante foi arrastado como um ás do esqui aquático.

Zero segundos. Os concussores explodiram, lançando dois mil quilos de entulho no vazio. Uma gota num oceano de magma.

Um minuto depois o comandante estava atado numa maca na enfermaria do veículo do embaixador atlante. Doía

respirar, mas isso não iria impedi-lo de falar.

— Capitã Short! — rosnou ele. — Que diabo você estava pensando? Eu poderia ter morrido!

Butler abriu a túnica de Raiz para examinar os danos.

— Poderia mesmo. Mais cinco segundos e o senhor ia virar uma gosma. Graças a Holly ainda está vivo.

Holly pegou um medi-pac na caixa de primeiros socorros. Esmagou-o entre os dedos para ativar os cristais. Outra invenção de Potrus. Sacos de gelo com cristais curativos. Não eram substitutos para a magia, mas era melhor do que um braço e um beijo.

— Onde dói?

Raiz tossiu, e um fio de sangue manchou o uniforme.

— A área geral do tronco. Um das costelas se foram. Holly mordeu o lábio. Ela não era médica, e a cura não era de jeito nenhum um negócio automático. As coisas poderiam dar erradas. Holly conhecia um capitão da delegacia de costumes que tinha quebrado uma perna e desmaiado. Acordou com um pé apontando para trás. Não que Holly não tivesse feito algumas operações complicadas antes. Quando Artemis quis curar a depressão de sua mãe, ela estava numa zona de tempo diferente. Holly havia mandado um forte sinal positivo, com fagulhas su-

ficientes para durar alguns dias. Uma espécie de saturação geral. Qualquer pessoa que visitasse a mansão Fowl na semana seguinte sairia assobiando.

— Holly — gemeu Raiz.

— Certo — gaguejou ela. — Certo.

Ela pôs as mãos no peito de Raiz, lançando a magia pelos dedos.

— Cure — sussurrou.

Os olhos do comandante se reviraram para trás. A magia o estava apagando para a recuperação. Holly pôs um medipac no peito do oficial inconsciente.

— Segure isso — instruiu a Artemis. — Só dez minutos. Caso contrário haverá dano nos tecidos.

Artemis pressionou o saco. Seus dedos foram rapidamente submersos num poço de sangue. De repente o desejo de falar alguma coisa engraçadinha o abandonou por completo. Primeiro exercício físico, depois machucados. E agora isso. Esses últimos dias estavam sendo muito educativos. Ele quase preferiria estar de volta à escola St Bartleby's.

Holly voltou rapidamente à cabine de controle, girando as câmeras externas para o túnel de suprimento.

Butler se espremeu no banco do co-piloto.

— E então — perguntou ele. — O que temos?

Holly riu. E por um segundo sua expressão fez o mor-domo se lembrar de Artemis Fowl.

— Temos um buraco enorme.

— Bom. Então vamos visitar um velho amigo.

Os polegares de Holly pairaram sobre os aceleradores.

— É. Vamos.

O veículo atlante desapareceu no túnel de suprimento mais rápido do que uma cenoura pela goela de Potrus. E para os que não sabem, isso é bem rápido.

HOTEL CROWLEY, BEVERLY HILLS, LOS ANGELES

Palha voltou ao hotel sem ser detectado. Claro que dessa vez não precisou escalar a parede. Teria sido um desafio maior do que o prédio de Maggie V. Aqui as paredes eram de tijolos, muito porosas. Seus dedos teriam sugado a umidade da pedra e perdido a capacidade de sucção.

Não, dessa vez Palha usou o saguão principal. E por que não faria isso? Para o porteiro, ele era Lance Escavador, o milionário recluso. Baixinho, talvez. Mas baixinho e rico.

— Boa noite, Art — disse Palha, cumprimentando o porteiro a caminho do elevador.

Art olhou por cima da bancada com tampo de mármore.

— Ah, Sr. Escavador, é o senhor — falou ligeiramente perplexo. — Pensei que tinha visto o senhor passando por aqui há alguns instantes.

— Não — disse Palha, rindo. — É a primeira vez esta noite.

— Hmm. Talvez tenha sido o vento da noite.

— Talvez. Seria de pensar que eles tapariam os buracos neste prédio. Com todo o aluguel que estou pagando.

— É mesmo — concordou Art. Sempre concorde com os hóspedes, era a política da companhia.

Dentro do elevador espelhado, Palha usou uma ponteira telescópica para apertar o C de cobertura. Nos primeiros meses ele pulava para alcançar o botão, mas esse era um comportamento indigno de um milionário. E além disso tinha certeza de que Art podia ouvir o barulho do pulo, lá da recepção.

A caixa espelhada subiu em silêncio, piscando ao passar pelos andares em direção à cobertura. Palha resistiu à ânsia de tirar o Oscar de sua bolsa. Alguém poderia entrar no elevador.

Contentou-se com um longo gole de uma garrafa d'água mineral irlandesa, o mais próximo da pureza do povo das fadas que ele podia esperar. Assim que tivesse guardado o Oscar, iria tomar um banho frio e dar de beber aos poros. Caso contrário acordaria de manhã colado na cama.

A porta de Palha tinha uma fechadura de código. Uma sequência de quatorze números. Não havia nada como um pouco de paranóia para manter você fora da cadeia. Mesmo a LEP acreditando que ele estava morto, Palha nunca podia afastar o sentimento de que um dia Julius Raiz descobriria tudo e viria procurar por ele.

A decoração do apartamento era bastante incomum para uma residência humana. Tinha bastante argila, pedras e água. Mais parecia o interior de uma caverna do que uma moradia elegante de Beverly Hills.

A parede norte parecia ser um único painel de mármore preto. Parecia. Uma inspeção mais de perto revelava uma tela plana de TV de quarenta polegadas, um aparelho de DVD e um painel de vidro fumê. Palha pegou um controle remoto maior do que sua perna, usando outro código complicado para fazer aparecer o armário escondido. Dentro havia três fileiras de Oscars. Palha colocou o de Maggie V numa almofada de veludo

que esperava.

Enxugou uma lágrima imaginária do canto do olho.

— Gostaria de agradecer à Academia — riu o anão.

— Muito tocante — disse uma voz atrás dele.

Palha fechou bruscamente a porta do armário, rachando o painel de vidro.

Havia um garoto humano atrás das pedras. Em seu apartamento! A aparência do garoto era estranha, mesmo segundo os padrões dos Homens da Lama. Era anormalmente pálido, com cabelos pretos, magro e vestido num uniforme de escola que parecia ter sido arrastado por dois continentes.

Os pêlos do queixo de Palha se enrijeceram. Esse garoto era encrenca. Pêlos de anão nunca erram.

— Seu alarme foi divertido — continuou o garoto. — Eu demorei vários segundos para passar por ele.

Então Palha soube que estava encrencado. A polícia humana não invade o apartamento das pessoas.

— Quem é você, hu... garoto?

— Acho que a pergunta aqui é: quem é você? É o milionário recluso Lance Escavador? É o famoso Grouch? Ou talvez, como Potrus suspeita, é o condenado fugitivo Palha Escavador?

Palha correu, com os últimos vestígios de gás dando-lhe uma velocidade extra. Não tinha idéia de quem era aquele Garoto da Lama, mas se Potrus o mandou, era algum tipo de caçador de recompensas.

O anão disparou pelo saguão, procurando sua rota de fuga. Era esse o motivo de ter escolhido esse prédio. No início do século XX existia uma chaminé larga que seguia por toda a altura do edifício. Quando foi instalado o sistema de aquecimento central nos anos 50, o empreiteiro simplesmente havia enchido a chaminé com terra, pondo em cima um lacre de concreto. Palha tinha sentido o cheiro da veia de terra no segundo em que o corretor de imóveis abriu a porta da frente. Fora uma coisa simples descobrir a velha lareira e quebrar o concreto. *Voilà*. Túnel instantâneo.

Na corrida, Palha desabotoou a aba do traseiro. O estranho não fez qualquer tentativa de segui-lo. Por que faria isso? Não havia aonde ir.

O anão gastou um segundo numa despedida:

— Você não nunca vai me pegar vivo, humano. Diga a Potrus para não mandar um Homem da Lama fazer um serviço de criatura das fadas.

Minha nossa, pensou Artemis, coçando a testa. Holly-

wood teria de responder por muita coisa.

Palha arrancou um cesto de flores secas da lareira e mergulhou direto. Desencaixou a mandíbula e submergiu rapidamente na argila de um século. Não era realmente de seu gosto. Os minerais e nutrientes tinham secado há muito. Em vez disso o solo estava misturado com cem anos de restos de coisas queimadas e cinza de tabaco. Mas mesmo assim era terra, e foi para isso que os anões nasceram. Palha sentiu sua ansiedade se dissolver. Não havia uma criatura viva que pudesse pegá-lo agora. Este era o seu domínio.

Desceu rapidamente, mastigando o caminho através dos andares. Mais de uma parede se desmoronou à sua passagem. Palha estava com a sensação de que não teria devolução de sua taxa de depósito, mesmo que voltasse para pedi-la.

Em pouco mais de um minuto tinha chegado ao estacionamento no subsolo. Encaixou o maxilar de novo, sacudiu o traseiro para deslocar qualquer bolha de gás e depois passou pela grade. Seu carro com tração nas quatro rodas, especialmente adaptado, estava esperando. Abastecido, com vidros escuros e pronto para ir.

— Idiotas — zombou o anão, pegando as chaves numa corrente pendurada no pescoço.

Então a capitã Holly Short se materializou a menos de sessenta centímetros de distância.

— Idiotas? — perguntou ela, acionando o cassete elétrico.

Palha pensou em suas opções. O chão do porão era de asfalto. O asfalto era mortal para os anões, lacrava suas entranhas como cola. Parecia haver um homem-montanha bloqueando a rampa do porão. Palha tinha visto aquele sujeito antes, na mansão Fowl. Isso significava que o humano lá em cima devia ser o infame Artemis Fowl. A capitã Short estava bem adiante, e não parecia muito misericordiosa. Só havia um caminho. De volta para a chaminé. Subir uns dois andares e se esconder em outro apartamento.

Holly riu.

— Vá, Palha. Eu desafio você.

E Palha foi. Virou-se, lançando-se de volta na chaminé, esperando um choque violento no traseiro. Não ficou desapontado. Como Holly iria errar um alvo daqueles?

POÇO EII6, ABAIXO DE LOS ANGELES

A estação de lançamento de Los Angeles ficava dez quilômetros ao sul da cidade, escondida debaixo da projeção holográfica de uma duna de areia. Raiz os estava esperando dentro do transportador. Tinha se recuperado apenas o bastante para abrir um sorriso.

— Ora, ora — grunhiu levantando-se ligeiramente da maca, com um novo medi-pac amarrado sobre as costelas. — Se não é meu réprobo predileto, de volta dos mortos.

Palha se serviu de um vidro de patê de lula, da geladeira pessoal do embaixador atlante.

— Por que você nunca me fez uma visita pessoal, Julius? Afinal de contas eu salvei sua carreira lá na Irlanda. Se não fosse por mim, você nunca saberia que Fowl tinha um exemplar do livro.

Quando Raiz estava fumegando, como agora, seria possível fritar um ovo em suas bochechas.

— Nós tínhamos um trato, prisioneiro. Você o violou. E agora vou levar você de volta.

Palha foi tirando bocados de patê do vidro, usando os dedos gorduchos.

— Seria bom um pouco de suco de besouro — comentou.

— Curta enquanto pode, Escavator. Porque sua próxima refeição vai ser entregue através de uma fenda numa porta.

O anão se acomodou numa poltrona almofadada.

— Confortável.

— Acho que sim — concordou Artemis. — Alguma forma de suspensão líquida. Deve ser caro.

— Sem dúvida é melhor do que os transportadores da prisão — concordou Palha. — Lembro de uma vez em que me pegaram vendendo um Van Gogh a um texano. Eu fui levado num transportador do tamanho de uma toca de rato. Eles tinham um troll no cubículo ao lado. Era um fedor medonho.

Holly riu.

— Foi isso que o troll disse.

Raiz sabia que estava sendo espicaçado, mas mesmo assim perdeu as estribeiras.

— Escute, prisioneiro. Eu não viajei até aqui para ouvir suas histórias de guerra. Feche a matraca antes que eu a feche por você.

Palha não ficou impressionado.

— Só uma curiosidade, Julius, por que você viajou tão

longe? O grande comandante Raiz requisitando o veículo de um embaixador para prender euzinho? Não acho provável. Então, o que está acontecendo? E o que há com os Homens da Lama? — Ele assentiu para Butler. — Especialmente aquele.

O mordomo riu.

— Lembra de mim, homenzinho? Parece que eu lhe devo uma coisa.

Palha engoliu em seco. Ele havia discutido com Butler antes. A coisa não terminara bem para o humano. Palha havia soltado um monte de gás de anão diretamente no mordomo. Muito embaraçoso para um guarda-costas de seu status, para não falar da dor.

Pela primeira vez Raiz sorriu, mesmo que isso esticasse suas costelas.

— Certo, Palha. Você está certo. Há uma coisa acontecendo. Uma coisa importante.

— Foi o que eu pensei. E, como sempre, vocês precisam de mim para fazer o seu serviço sujo. — Palha coçou o traseiro. — Bom, me agredir não vai ajudar. Você não precisava usar o cassetete em mim com tanta força, capitã. Isso vai deixar uma marca.

Holly pôs a mão em concha em volta de uma orelha

pontuda.

— Ei, Palha, se você ouvir com muita atenção, vai perceber o som de ninguém vaiando. Pelo que eu vi, você estava vivendo muito bem com o ouro da LER

— Aquele apartamento me custou uma fortuna, você sabe. Só o depósito equivale a três anos do seu salário. Você notou a vista? Antes ele era de um diretor de cinema.

Holly ergueu uma sobrancelha.

— Fico feliz em ver que o dinheiro foi bem utilizado. O céu não deveria permitir que você o desperdiçasse.

Palha deu de ombros.

— Ei, eu sou um ladrão. O que você esperava, que eu inaugurasse um asilo de pobres?

— Não, Palha, por mais engraçado que seja, não esperei isso nem por um segundo.

Artemis pigarreou.

— Esta reunião é muito emocionante. Mas enquanto vocês ficam trocando piadinhas, meu pai está congelando no Ártico.

O anão fechou o zíper de seu macacão.

— O pai dele? Vocês querem que eu resgate o pai de Artemis Fowl? No Ártico? — Havia um medo real em sua voz.

Os anões odiavam o gelo quase tanto quando o fogo.

Raiz balançou a cabeça.

— Eu desejaria que fosse tão simples, e dentro de alguns minutos você vai desejar também.

Os pêlos das barbas de Palha se enrolaram, apreensivos. Como sua avó sempre dizia, confie nos pêlos, Palha, confie nos pêlos.

CAPÍTULO 12: OS RAPAZES VOLTARAM

CABINE DE OPERAÇÕES



POTRUS ESTAVA PENSANDO. Sempre pensando. Sua mente estalava de idéias como pipoca num microondas. Mas ele não podia fazer nada com

elas. Nem podia ligar para Julius e incomodá-lo com planos cabeludos. O laptop de Fowl parecia ser a única arma do centauro. Era como tentar lutar com um troll usando um palito de dentes.

Não que o computador humano deixasse de ter algum mérito, de um modo um tanto ancestral. O e-mail já havia se mostrado útil. Desde que houvesse alguém vivo para recebê-lo. Também havia uma pequena câmera na tampa, para videoconferência. Uma coisa que os Homens da Lama só haviam conseguido muito recentemente. Até então os humanos se comunicavam puramente através de texto e ondas sonoras. Potrus fez “tsk-tsk”, que bárbaros. Mas esta câmera era de qualidade bastante boa, com várias opções de filtros. Se o centauro não sou-

besse que era impossível, juraria que alguém estava repassando tecnologia do povo das fadas.

Potrus girou o laptop com o casco, apontando a câmera para as telas na parede. Anda, Porrete, pensou. Sorria para o passarinho.

Não precisou esperar muito. Dentro de alguns minutos uma tela de comunicação se acendeu e Porrete apareceu, acenando uma bandeira branca.

— Belo toque — comentou Potrus, sarcástico.

— Foi o que pensei — disse o elfo, acenando a flâmula teatralmente. — Vou precisar disto mais tarde.

Porrete apertou um botão no controle remoto.

— Por que eu não lhe mostro o que está acontecendo lá fora? As janelas se clarearam para mostrar esquadrões de técnicos tentando febrilmente romper as defesas da cabine. A maioria estava apontando sensores de computador para as várias interfaces da cabine, mas alguns agiam do modo antiquado. Arrebentando os sensores com marretas enormes. Nenhum estava tendo sorte.

Potrus engoliu em seco. Ele era um rato numa ratoeira.

— Por que não me conta qual é o seu plano, Urze? Não é isso que o vilão enlouquecido pelo poder geralmente faz?

Porrete se recostou em sua cadeira giratória.

— Certamente, Potrus. Já que este não é um dos seus preciosos filmes humanos, não haverá um herói chegando no último instante. Short e Raiz já estão mortos. Assim como os parceiros humanos deles. Não haverá nenhum adiamento, nenhum resgate. Só a morte certa.

Potrus sabia que deveria estar sentindo tristeza, mas só conseguia encontrar ódio.

— No momento em que as coisas estiverem mais desesperadas, vou instruir Opala para devolver o controle das armas à LEP. Os B'wa Kell serão deixados inconscientes, e você será culpado por tudo, desde que sobreviva, o que eu duvido.

— Quando os B'wa Kell se recuperarem, vão culpar você. Porrete balançou um dedo.

— Só um punhado deles sabe que eu estou envolvido, e eu cuidarei deles pessoalmente. Eles já foram convocados aos Laboratórios Koboi. Vou me juntar a eles daqui a pouco. Os canhões de DNA estão sendo calibrados para rejeitar os goblins. Quando chegar a hora, eu vou ativá-los, e todo o esquadrão estará fora de combate.

— E então Opala Koboi se tornará sua imperatriz, suponho.

— Claro — disse Porrete em voz alta. Mas em seguida manipulou o controle remoto, certificando-se de que estivessem numa linha segura.

— Imperatriz? — suspirou ele. — Puxa, Potrus. Você acha que eu teria todo esse problema e depois iria compartilhar o poder? Ah, não. Assim que esta charada terminar, a Srta. Koboí terá um acidente trágico. Talvez vários acidentes trágicos.

Potrus se eriçou.

— Correndo o risco de parecer clichê, Urze, você nunca vai sair livre dessa.

O dedo de Porrete pairou sobre o botão de interrupção.

— Bom, se eu não sair — falou em tom agradável—você não estará vivo para cantar vantagem desta vez. — E desapareceu, deixando o centauro suando na cabine. Pelo menos foi o que Porrete pensou.

Potrus estendeu a mão para o laptop debaixo da banca-da.

— Corta! — murmurou, parando a câmera. — Tomada perfeita, pessoal, encerrando as filmagens.

Poço Elí6

Holly ancorou o transportador na parede de um túnel que não era mais utilizado.

— Nós temos uns trinta minutos. Os sensores internos dizem que haverá uma explosão de magma dentro de meia hora, e nenhum transportador é construído para suportar esse tipo de calor.

Eles estavam reunidos na sala pressurizada para bolar um plano. Todos os olhos se voltavam naturalmente para Artemis.

— Como eu disse. Nós precisamos invadir os Laboratórios Koboi e recuperar o controle das armas da LEP — falou o comandante.

Palha estava fora de sua cadeira e indo para a porta.

— De jeito nenhum, Julius. Aquele lugar foi melhorado desde que eu estive lá. Ouvi dizer que eles têm canhões com código de DNA.

Raiz agarrou o anão pelo cangote.

— Um: não me chame de Julius. E dois: você está agindo como se tivesse escolha, condenado.

Palha o encarou, furioso.

— Eu tenho uma escolha, Julius. Posso simplesmente cumprir minha pena numa boa celazinha. Você me colocar na linha de fogo é uma violação aos meus direitos civis.

O tom da pele de Raiz mudou de um rosa-pastel para um roxo-nabo.

— Direitos civis! — rugiu ele. — Você está me falando de direitos civis! Isso não é típico?

Então, estranhamente, ele se acalmou. De fato parecia quase feliz. Os que conheciam o comandante sabiam que quando *ele* estava feliz, alguém ficaria extremamente triste.

— O quê? — perguntou Palha cheio de suspeita. Raiz acendeu um dos seus fétidos charutos de fungo.

— Ah, nada. Só que você está certo, só isso. O anão franziu os olhos.

— Eu estou certo? Você está dizendo, diante de testemunhas, que eu estou certo.

— Claro que está. Colocá-lo na linha de fogo violaria todos os direitos que existem. Então, em vez de lhe propor o trato fantástico que eu ia oferecer, vou acrescentar uns dois séculos à sua pena e jogá-lo na prisão de segurança máxima. — Raiz fez uma pausa, soprando uma nuvem de fumaça no rosto de Palha. — No Pico do Uivo.

Palha ficou pálido por baixo da lama que cobria suas bochechas.

— No Pico do Uivo? Mas isso é...

— Uma prisão para goblins — completou o comandante. — Eu sei. Mas para um sujeito que obviamente corre o risco de escapar, como você, não acho que terei problema para convencer a diretoria a abrir uma exceção.

Palha se deixou cair na poltrona giratória. Aquilo não era bom. Na última vez em que estivera numa cela com goblins, não foi nem um pouco divertido. E isso tinha acontecido na Central Plaza. Não duraria uma semana numa penitenciária assim.

— Então qual é o trato?

Artemis sorriu, fascinado. O comandante Raiz era mais inteligente do que parecia. Mas, afinal de contas, seria quase impossível não ser.

— Ah, agora você está interessado?

— Talvez esteja. Não estou prometendo nada.

— Certo. É o seguinte. Oferta única. Nem se incomode em barganhar. Você nos coloca dentro dos Laboratórios Koboi e eu lhe dou uma dianteira de dois dias quando isso terminar.

Palha engoliu em seco. Era uma boa oferta. Eles deviam

estar numa encrenca gigantesca.

DELEGACIA CENTRAL PLAZA, CIDADE DO PORTO

As coisas esquentavam na Central Plaza. Os monstros estavam na porta. Literalmente. O capitão Kelp corria de um posto ao outro, tentando tranquilizar seus homens.

— Não se preocupem, gente, eles não podem atravessar estas portas usando NarizMacio. Somente algum tipo de mís-sil...

Nesse momento uma força tremenda se chocou contra a porta da frente, como uma criança estourando um saco de papel. Ela agüentou. Por pouco.

Porrete veio correndo da sala tática, com as divisas de comandante brilhando no peito. Com a nova nomeação por parte do conselho, ele tinha feito história tornando-se o único comandante da LEP a ser nomeado duas vezes.

— O que foi isso?

Encrenca mostrou um dos monitores com imagem da frente da delegacia. Havia um goblin com um grande tubo no ombro.

— Algum tipo de bazuca. Acho que um dos antigos canhões NarizMacio de boca larga.

Porrete bateu na própria testa.

— Não me diga. Todos eles deveriam ter sido destruídos. Centauro desgraçado! Como ele conseguiu retirar todo esse equipamento debaixo do meu nariz?

— Não seja muito rigoroso consigo mesmo — disse Encrenca. — Ele enganou a todos nós.

— Quanto mais disso nós podemos agüentar? Encrenca deu de ombros.

— Não muito. Mais uns dois tiros. Talvez eles só tivessem um míssil.

Famosas últimas palavras. A porta se sacudiu pela segunda vez, e grandes nacos de alvenaria caíram dos pilares de mármore.

Encrenca se levantou do chão, fechando com magia o talho na testa.

— Paramédicos, verifiquem baixas. Nós já conseguimos carregar aquelas armas?

Larva veio cambaleando, atrapalhado pelo peso de dois fuzis elétricos.

— Pronto, capitão. Trinta e duas armas. Cada uma com

vinte pulsos.

— Certo. Só entregue aos melhores atiradores. Ninguém deve dar um tiro antes de eu ordenar.

Larva assentiu, com o rosto sério e pálido.

— Bom, cabo, agora saia.

Quando o irmão estava fora do alcance da audição, Encrenca falou baixo ao comandante Porrete:

— Não sei o que dizer, comandante Porrete. Eles explodiram o túnel de Adântida, então não virá ajuda de lá. Nós estamos completamente cercados, em menor número e sem armas. Se os B'wa Kell arrebentarem as portas, tudo vai se acabar em segundos. Nós temos de entrar naquela cabine de operações. Houve algum progresso?

Porrete balançou a cabeça.

— Os técnicos estão trabalhando nisso. Nós pusemos sensores em cada centímetro da superfície. Se conseguirmos o código de acesso, vai ser por pura sorte.

Encrenca esfregou os olhos cansados.

— Eu preciso de tempo. Deve haver um modo de fazê-los parar.

Porrete pegou uma bandeira branca dentro da túnica.

— Há um modo...

— Comandante! O senhor não pode sair lá. É suicídio.

— Talvez — admitiu o comandante. — Mas se eu não for, todos podemos estar mortos em questão de minutos. Pelo menos desse modo teremos alguns minutos para trabalhar na cabine de operações.

Encrenca pensou. Não havia outro modo.

— O que o senhor tem para barganhar com eles?

— Os prisioneiros do Pico do Uivo. Talvez nós possamos negociar algum tipo de libertação controlada.

— O Conselho nunca aceitará isso. Porrete se esticou todo.

— Esta não é hora de política, capitão. É hora de ação.

Encrenca estava francamente espantado. Este não era o mesmo Urze Porrete que ele conhecia. Alguém tinha feito um transplante de coragem naquele elfo.

Mas agora o comandante recém-nomeado ia merecer aquelas divisas presas na lapela. Encrenca sentiu uma emoção no peito. Uma emoção que ele jamais havia associado a Urze Porrete. Era respeito.

— Abram uma fresta na porta da frente — ordenou o comandante numa voz de aço. Potrus devia estar adorando assistir a isso pela câmara. — Vou falar com aqueles répteis.

Encrenca repassou o comando. Se saíssem dessa, ele se certificaria de que o comandante Porrete recebesse uma Semente de Ouro póstuma. No mínimo.

POÇO NÃO MAPEADO, ABAIXO DOS LABORATÓRIOS ΚΟΒΟΙ

O transportador atlante seguia a toda velocidade por um grande poço, mantendo-se perto da parede. Suficientemente perto para raspar tinta do casco.

Artemis enfiou a cabeça para fora do setor de passageiros.

— Isso é realmente necessário, capitã? — perguntou, enquanto eles evitavam a morte por um centímetro pela milésima vez. — Ou é só mais uma demonstração de habilidade de piloto metido a besta?

Holly piscou.

— Eu pareço um piloto metido a besta, Fowl?

Artemis teve de admitir que não. A capitã Short era extremamente bonita, de um modo perigoso. Bonita como uma viúva-negra. Artemis estava esperando que a puberdade atacasse

aproximadamente em oito meses, e suspeitava de que nesse ponto olharia para Holly de um modo diferente. Provavelmente era bom que ela tivesse oitenta anos.

— Eu estou me grudando à superfície para procurar a tal fenda que Palha insiste que está por aqui — explicou ela.

Artemis assentiu. A teoria do anão. Incrível o bastante para ser verdadeira. Ele voltou para a área de trás, para a reunião de pauta com o anão.

Palha tinha desenhado um diagrama grosseiro num painel na parede. Para ser justo, havia chimpanzés mais artísticos. E menos lamentáveis. Palha estava usando uma cenoura como ponteira, ou, para ser mais preciso, várias cenouras. Anões gostavam de cenouras.

— Aqui ficam os Laboratórios Koboí — murmurou ele com a boca cheia.

— Isso? — exclamou Raiz.

— Eu sei, Julius, que não é uma planta muito precisa.

O comandante explodiu em sua cadeira. Se você não soubesse, juraria que havia gás de anão envolvido.

— Uma planta precisa? É só um retângulo, pelo amor dos céus! Palha continuava imperturbável.

— Isso não é importante. Isto aqui é o que importa.

— Essa linha torta?

— É uma fissura — protestou o anão. — Qualquer um pode ver isso.

— Qualquer um no jardim de infância, talvez. Então é uma fissura, e daí?

— Essa é a parte inteligente. Veja bem, essa fissura geralmente não está aí.

Raiz começou a estrangular o ar de novo. Alguma coisa que vinha fazendo cada vez mais, ultimamente. Mas de súbito Artemis ficou interessado.

— Quando a fissura aparece?

Mas Palha não daria uma resposta direta.

— Nós, anões, sabemos algumas coisas sobre as rochas. Andamos cavando por aí há eras. — Os dedos de Raiz começaram a batucar em seu cassete elétrico. — O que o povo das fadas não percebe é que as rochas são vivas. Elas respiram.

Artemis assentiu.

— Claro. Expansão pelo calor. Palha mordeu a cenoura em triunfo.

— Exato. E, claro, o oposto. Elas se retraem quando esfriam. — Agora até Raiz estava prestando atenção. — Os Laboratórios Koboï são construídos sobre o manto sólido.

Dois quilômetros de rocha. Não há como entrar, a não ser com ogivas sônicas. E eu acho que Opala Koboi poderia notá-las.

— E isso nos ajuda como?

— Uma fenda se abre nessa rocha quando ela esfria. Eu trabalhei nos alicerces quando eles estavam construindo isso aqui. Vai direto para baixo dos laboratórios. Depois ainda falta um bocado para chegar, mas pelo menos você está dentro.

O comandante ficou cético.

— Então como foi que Opala Koboi não percebeu essa fissura enorme?

— Ah, eu não diria que é enorme.

— De que tamanho? Palha deu de ombros.

— Não sei. Uns cinco metros. No ponto mais largo.

— Ainda é uma fissura bem grande para ficar lá o dia inteiro.

— Só que ela não fica lá o dia inteiro — interrompeu Artemis. — Fica, Palha?

— O dia inteiro? Eu gostaria. Acho que, chutando, e isso é só uma aproximação, vejam...

Raiz estava perdendo a calma. Ficar *um passo atrás* o tempo todo não era de seu agrado.

— Diga, antes de eu acrescentar outra marca de quei-

madura no seu traseiro!

Palha ficou injuriado.

— Pare de gritar, Julius, você está fazendo minha barba enrolar.

Raiz abriu a geladeira, deixando os dedos do frio se enrolarem em volta de seu rosto.

— Certo, Palha. Quanto tempo?

— No máximo três minutos. Na última vez eu entrei com um jogo de asas, usando roupa pressurizada. Quase fui esmagado e frito.

— Frito?

— Deixe-me adivinhar — disse Artemis. — A fissura só se abre quando a rocha se contraiu o suficiente. Se essa fissura fica na parede de um poço, o momento mais frio deve ser instantes da próxima explosão.

Palha piscou.

— Inteligente, Garoto da Lama. Se as pedras não pegarem você, o magma pega.

A voz de Holly estalou nos alto-falantes.

— Consegui o visual de alguma coisa. Pode ser uma sombra, ou só uma rachadura na parede do poço.

Palha fez uma dançazinha, parecendo muito satisfeito

consigo mesmo.

— Agora, Julius, pode dizer. Eu estava certo de novo! Você me deve, Julius, você me deve.

O comandante esfregou o nariz. Se saísse dessa vivo, nunca mais deixaria a delegacia.

LABORATÓRIOS KOBŌI

Os Laboratórios Koboi estavam rodeados por um círculo de goblins da B'wa Kell. Armados até os dentes, com as línguas pendendo em busca de sangue. Porrete foi empurrado grosseiramente, cutucado por uma dúzia de canos de armas. Os canhões de DNA continuavam sem ação em suas torres, por enquanto. No segundo em que Porrete sentisse que os B'wa Kell tinham ultrapassado a utilidade, as armas seriam reativadas.

O comandante foi levado à sala mais segura e forçado a se ajoelhar diante de Opala e dos generais da B'wa Kell. Assim que os soldados foram dispensados, Porrete voltou a ficar de pé e no comando.

— Tudo segue de acordo com o plano — anunciou, atravessando a sala para acariciar o queixo de Opala. — Dentro

de uma hora Porto será nossa.

O general Escamoto não se convenceu.

— Seria nossa muito mais rápido se tivéssemos algumas armas Koboi.

Porrete suspirou pacientemente.

— Nós já falamos disso, general. O sinal de cancelamento deixa todas as armas de neutrino sem funcionar. Se vocês tiverem nossas armas, a LEP também terá.

Escamoto foi arrastando os pés até um canto, lambendo os globos oculares.

Claro que este não era o único motivo para negar armas de neutrino aos goblins. Porrete não tinha intenção de armar um grupo ao qual pretendia trair. Assim que os B'wa Kell tivessem deposto o Conselho, Opala devolveria o poder à LEP.

— Como as coisas estão indo?

Opala girou em sua Flutuoboy, com as pernas dobradas sob o corpo.

— Deliciosamente. A porta principal caiu instantes depois de você sair para... negociar

Porrete riu.

— Foi bom eu ter saído. Poderia acabar machucado.

— O capitão Kelp levou as forças que restavam à sala

de Operações, cercando a cabine. O conselho está lá também.

— Perfeito — disse Porrete.

Outro general da B'wa Kell, Cuspe, bateu na mesa de reuniões.

— Não, Porrete. Está longe de ser perfeito. Nossos irmãos estão sendo desperdiçados no Pico do Uivo.

— Paciência, general Cuspe — disse Porrete em tom tranquilizador, chegando a pôr a mão no ombro do goblin. — Assim que a Central Plaza cair, nós poderemos abrir as celas no Pico do Uivo sem resistência.

Internamente Porrete estava fumegando. Essas criaturas idiotas. Como ele as detestava! Vestidas com roupas feitas de suas próprias peles descartadas. Repulsivo. Porrete ansiava por reativar os canhões de DNA e parar com a falação daqueles goblins durante algumas horas doces.

Captou o olhar de Opala. Ela sabia o que ele estava pensando. Seus dentes minúsculos apareciam, cheios de antecipação. Que criatura deliciosamente maligna! E por isso, claro, precisaria ser dispensada. Opala Koboi nunca poderia ser feliz como a segunda na linha de comando.

Ele deu-lhe uma piscadela.

— Logo — murmurou em silêncio. — Logo.

CAPÍTULO 13: ENTRANDO NA FENDA

ABAIXO DOS LABORATÓRIOS KOBØI



OS TRANSPORTADORES DA LEP têm a forma de gota, a parte de baixo pesada com os motores e um nariz que poderia atravessar aço. Claro que nossos heróis não estavam num transportador da LEP, estavam no veículo de luxo de um embaixador. O conforto era definitivamente mais importante do que a velocidade. Ele tinha um nariz que parecia o traseiro de um gnomo. Largo e de aparência cara, tinha uma grade onde seria possível fazer churrasco com um búfalo inteiro.

— Então você está dizendo que esta fissura vai se abrir durante alguns minutos e eu tenho de voar através dela. E esse é todo o plano? — perguntou Holly.

— É o melhor que temos — disse Raiz, mal-humorado.

— Bom, pelo menos estaremos em assentos acolchoados quando formos esmagados. Essa coisa manobra como um

rinoceronte de três pernas.

— Como é que eu ia saber? — grunhiu Raiz. — Esta deveria ser uma viagem de rotina. Este transportador tem um aparelho de som excelente.

Butler levantou a mão.

— Escutem. Que som é esse?

Eles prestaram atenção. O ruído vinha de baixo, como um gigante pigarreando.

Holly consultou as câmeras da quilha.

— Explosão de magma — anunciou. — Enorme. Vai assar as penas do nosso traseiro a qualquer minuto.

A face da rocha diante deles estalou e gemeu em expansão e contração constantes. Fissuras se abriram como bocas sorridentes cheias de dentes pretos.

— É isso. Vamos — apressou Palha. — Essa fissura vai se lacrar mais rápido do que o trasei...

— Ainda não tem espaço suficiente — disse Holly com rispidez. — Isto aqui é um transportador, e não um anão gordo voando com asas roubadas.

Palha estava apavorado demais para se sentir insultado.

— Vá em frente. Ela vai se alargar à medida que a gente prosseguir.

Geralmente Holly teria esperado que Raiz desse o sinal verde. Mas esta era a sua área. Ninguém iria discutir com a capitã Short nos controles de um transportador.

A abertura se alargou mais um metro.

Holly trincou os dentes.

— Segurem-se nas orelhas — disse ela, acionando os motores ao máximo.

Os ocupantes do veículo agarraram os braços das poltronas, e mais de um fechou os olhos. Mas não Artemis. Ele não podia. Havia alguma coisa morbidamente fascinante em voar por um túnel não mapeado a uma velocidade imprudente, tendo apenas a palavra de um anão cleptomaníaco para o que havia do outro lado.

Holly se concentrou nos instrumentos. Câmeras e sensores do casco traziam informações a várias telas e alto-falantes. O sonar estava louco, soltando bips tão rápidos que era quase um zumbido contínuo. Faróis halógenos fixos na dianteira mandavam imagens apavorantes aos monitores, e o radar a laser desenhava uma figura tridimensional em linhas verdes numa tela escura. E, claro, havia o pára-brisa de quartzo. Mas com camadas de pó de rocha e entulhos maiores, o olho nu era praticamente inútil.

— Temperatura aumentando — murmurou ela, olhando para o monitor de ré. Uma coluna de magma laranja passou pela boca da fissura, derramando-se no túnel.

Eles estavam numa corrida desesperada. A fissura ia se fechando atrás e se expandindo diante da proa do veículo. O barulho era terrível. Trovão numa bolha.

Palha cobriu os ouvidos.

— Da próxima vez eu vou ficar com o Pico do Uivo.

— Quietos, condenado — rosnou Raiz. — Isso tudo foi idéia sua.

A discussão foi interrompida por um estalo terrível, que mandou fagulhas dançando pelo pára-brisa.

— Desculpe — disse a capitã Short. — Lá se vai nossa antena de comunicação.

Ela virou o transportador de lado, passando de fininho entre duas placas que se moviam. As placas se chocaram atrás deles. Como um gigante batendo palmas. O calor do magma cobria a face da rocha, juntando as duas placas. Uma borda serrilhada cortou a ponta traseira do transportador. Butler segurava sua Sig Sauer. Era uma coisa reconfortante.

E então eles haviam passado, espiralando para uma caverna em direção a três enormes hastes de titânio.

— Lá — ofegou Palha. — As colunas do alicerce. Holly revirou os olhos.

— Não diga! — grunhiu ela, disparando os ganchos de atracação.

Palha havia desenhado outro diagrama. Este parecia uma cobra dobrada.

— Nós estamos sendo liderados por um idiota com um lápis — disse Raiz, com uma calma enganadora.

— Eu trouxe vocês até aqui, não trouxe, Julius? — disse Palha, fazendo beicinho.

Holly estava acabando de tomar a última garrafa de água mineral. Um bom terço da água foi derramado em sua cabeça.

— Não ouse começar a ficar carrancudo, anão — disse ela. — Pelo que eu vejo, nós estamos presos no centro da terra, sem saída e sem comunicações.

Palha recuou um passo.

— Dá para ver que você está meio tensa depois do vôo. Vamos todos nos acalmar, está bem?

Ninguém parecia muito calmo. Até Artemis estava ligeiramente abalado com a passagem difícil. Butler ainda não havia largado a Sig Sauer.

— A parte mais difícil já passou. Agora nós estamos

nos alicerces. A única saída é para cima.

— Ah, é mesmo, condenado? — disse Raiz. — E como você sugere exatamente que a gente suba?

Palha pegou uma cenoura da despensa, balançando-a na direção do diagrama.

— Isto aqui é...

— Uma cobra?

— Não, Julius. É uma das colunas do alicerce.

— Uma das sólidas colunas de titânio do alicerce, enterradas em rocha impossível de ser atravessada?

— Elas mesmas. Só que uma não é sólida. Exatamente. Artemis assentiu.

— Foi o que eu pensei. Vocês cortaram os custos nesta, não foi, Palha?

Palha não parecia arrependido.

— Vocês sabem como são os regulamentos para construções. Colunas de titânio sólido? Têm alguma idéia de como são caras? Fazem nossas estimativas irem para o espaço. Então eu e meu primo Nord decidimos esquecer o negócio do titânio.

— Mas vocês tiveram de encher aquela coluna com alguma coisa, não foi?

Palha assentiu cheio de culpa.

— Nós ligamos os canos de esgotos a ela durante uns dois dias. As sonografias ficaram ótimas.

Holly sentiu a garganta se fechar.

— Esgoto. Quer dizer...

— Não. Não mais. Isso foi há cem anos, agora é só argila. E por acaso argila muito boa.

O rosto de Raiz poderia ferver um grande caldeirão d'água.

— Você espera que a gente suba através de vinte metros de... estéreo?

O anão deu de ombros.

— Ei, o que me importa? Fiquem aqui para sempre se quiserem, eu vou subir pelo cano.

De repente Artemis não gostou dessa virada dos acontecimentos. Correr, pular, se machucar. Certo. Mas esgoto?

— Este é o nosso plano? — conseguiu murmurar.

— Qual é o problema, Garoto da Lama? — zombou Palha. — Está com medo de sujar as mãos?

Era só uma figura de linguagem, Artemis sabia. Mas mesmo assim era verdadeira. Ele olhou para os dedos compridos. Ontem de manhã eles eram dedos de pianista, com unhas manicuradas, hoje poderiam ser de um operário de construção.

Holly deu um tapa no ombro de Artemis.

— Certo. Vamos lá. Assim que salvarmos os Elementos de Baixo, podemos ir resgatar o seu pai.

Holly percebeu uma mudança no rosto de Artemis. Quase como se as feições dele não soubessem como se ajeitar. Ela fez uma pausa, percebendo o que tinha dito. Para ela, a frase havia sido um encorajamento casual, o tipo de coisa que um policial diz todos os dias. Mas parecia que Artemis não estava acostumado a fazer parte de uma equipe.

— Não pense que eu estou ficando sua amiga, ou coisa assim. É só que, quando dou minha palavra, eu cumpro.

Artemis decidiu não responder. Já tinha sido golpeado uma vez hoje.

Desceram do transportador por uma escada dobrável.

Artemis pisou na superfície, abrindo caminho entre as rochas irregulares e o entulho de construção deixado por Palha e seus primos há um século. A caverna era iluminada pelo brilho da fosforescência das rochas, que parecia vir de estrelas.

— Este local é uma maravilha geológica — exclamou. — A pressão nesta profundidade deveria estar nos esmagando, mas não está. — Em seguida se ajoelhou para examinar um fungo que brotava de uma lata de tinta enferrujada. — Até há

vida.

Palha arrancou os restos de um martelo agarrado entre duas pedras.

— Então foi aí que isso foi parar. Nós exageramos um pouco nas explosões para colocar estas colunas. Parte do nosso entulho deve ter... caído aqui embaixo.

Holly estava pasma. A poluição é uma abominação para o povo.

— Vocês violaram muitas leis aqui, Palha, eu nem tenho dedos suficientes para contá-las. Depois daqueles dois dias de dianteira que você vai receber, é melhor andar depressa, porque eu é que vou estar caçando você.

— Cá estamos — disse Palha, ignorando a ameaça. Quando você já tinha ouvido tantas quanto ele, as ameaças simplesmente batiam e ricocheteavam.

Havia um buraco numa das colunas. Palha acariciou com carinho as bordas.

— Cortador a laser de diamante. Com uma pequena bateria nuclear. O neném podia cortar qualquer coisa.

— Também me lembro daquele cortador — disse Raiz.
— Você quase me decapitou com ele uma vez.

Palha suspirou.

— Tempo bom, hein, Julius?

A resposta de Raiz foi um chute rápido no seu traseiro.

— Menos conversa fiada e mais comilança de terra, condenado.

Holly pôs a mão no buraco.

— Correntes de ar. O campo de pressão da cidade deve ter equalizado esta caverna com o passar dos anos. Por isso nós não estamos chapados como arraia agora.

— Sei — disseram Butler e Raiz simultaneamente. Outra mentira para a lista.

Palha abriu a aba da calça no traseiro.

— Vou abrir o túnel até o topo e espero vocês lá. Tirem o máximo de entulho que puderem. Eu vou espalhar a lama reciclada em volta, para evitar fechar o túnel.

Artemis gemeu. A idéia de se arrastar através do material *reciclado* por Palha era quase intolerável. Só o pensamento no pai o mantinha indo em frente.

Palha entrou na coluna.

— Para trás — alertou, deslocando o maxilar.

Butler se moveu rapidamente, não iria ser apanhado por gás de anão de novo.

Palha desapareceu até a cintura na coluna de titânio.

Dentro de instantes tinha sumido por completo. O tubo começou a estremecer com sons estranhos e pouco apetitosos. Punhados de argila batiam nas paredes de metal. Um jorro constante de ar condensado e entulho saíam espiralando do buraco.

— Espantoso — murmurou Artemis. — O que eu poderia fazer com dez como ele! O depósito de ouro de Fort Knox seria moleza.

— Nem pense nisso — alertou Raiz. Em seguida se virou para Butler. — O que nós temos?

O mordomo sacou sua arma.

— Uma pistola Sig Sauer com doze balas no pente. Só isso. Eu levo a arma, já que sou o único que agüenta o peso dela. Vocês dois peguem o que puderem pelo caminho.

— E eu? — perguntou Artemis, mesmo sabendo o que viria.

Butler olhou o patrão direto nos olhos.

— Quero que você fique aqui. Esta é uma operação militar. Você só vai conseguir ser morto.

— Mas...

— Meu serviço é protegê-lo, Artemis. E este é possivelmente o local mais seguro do planeta.

Artemis não discutiu. Na verdade esses fatos já haviam lhe ocorrido. Algumas vezes ser um gênio era um incômodo.

— Muito bem, Butler. Eu devo permanecer aqui. A não ser... Os olhos de Butler se estreitaram.

— A não ser o quê?

Artemis deu seu sorriso perigoso.

— A não ser que eu tenha uma idéia.

DELEGACIA CENTRAL PLAZA

Na Central Plaza a situação era desesperadora. O capitão Kelp tinha levado o resto das forças fazendo um círculo por trás das estações de trabalho viradas. Os goblins estavam dando tiros pela porta, e nenhum dos feiticeiros tinha sequer uma gota de magia. A partir de agora, quem fosse ferido ficava ferido.

O conselho estava encolhido atrás de uma parede de soldados. Todos, menos a comandante aviadora Vinyáya, que tinha exigido ficar com um dos lasers NarizMacio recuperados. Ela ainda não havia errado um tiro.

Os técnicos estavam agachados por trás das mesas, tentando cada código de combinação para obter acesso à cabine de

operações. Encrenca não tinha muita esperança nisso. Se Potrus trancava uma porta, ela ficava trancada.

Enquanto isso, dentro da cabine, tudo que o centauro podia fazer era bater os punhos, frustrado. Era um sinal da crueldade de Porrete ter deixado Potrus ver a batalha por trás de suas janelas inexpugnáveis.

Parecia não haver esperança. Ainda que Julius e Holly tivessem recebido seu recado, agora era tarde demais para fazer qualquer coisa. Os lábios e a garganta de Potrus estavam secos. Ele se sentia abandonado por tudo. Seu computador, seu intelecto, seu sarcasmo ferino. Tudo.

ABAIXO DOS LABORATÓRIOS KOBØI

Alguma coisa úmida bateu na cabeça de Butler.

— O que foi isso? — sibilou ele para Holly, que vinha atrás.

— Não pergunte — grasnou a capitã Short. Mesmo através dos filtros do capacete, o cheiro era abominável.

O conteúdo da coluna tivera um século para fermentar, e tinha um cheiro tão tóxico quanto no dia em que havia en-

trado. Provavelmente pior. Pelo menos, pensou o guarda-costas, eu não preciso comer essa coisa.

Raiz estava na ponta, com as luzes do capacete abrindo caminho na escuridão. A coluna ficava num ângulo de quarenta e cinco graus, com fendas regulares destinadas a ancorar os blocos de titânio que deveriam preenché-la.

Palha tinha feito um trabalho excelente em romper o conteúdo do tubo. Mas o material reciclado precisava ir para algum lugar. Para ser justo, Palha havia mastigado cada bocado, para evitar torrões demais.

Os membros do grupo de ataque prosseguiram sérios, tentando não pensar no que estavam fazendo. Quando chegaram perto do anão, ele estava agarrado numa saliência, com o rosto contraído de dor.

— O que é, Palha? — perguntou Raiz, com a preocupação acidentalmente escorregando em seu tom de voz.

— Bara ciba — grunhiu Palha. — Bara ciba agora besbo.

Os olhos de Raiz se arregalaram com algo próximo do pânico.

— Para cima! — sibilou! — Todo mundo para cima. Eles se espremeram no espaço apertado acima do anão. No úl-

timo segundo. Palha relaxou, soltando um jorro de gás que poderia ter inflado uma lona de circo. Ele encaixou o maxilar de novo.

— Está melhor — suspirou. — Tinha muito ar naquele solo. Agora, poderia tirar essa luz da minha cara? Vocês sabem como eu me sinto com relação à luz.

O comandante obedeceu, passando para o infravermelho.

— Certo, agora que estamos aqui, como saímos? Acho que você não trouxe o seu cortador.

O anão riu.

— Sem problema. Um bom ladrão sempre planeja uma visita de volta. Veja aqui. — Palha estava apontando para um trecho do titânio que se parecia exatamente com o resto do tubo. — Eu remendei isto da última vez. É só flexi-bond. Raiz teve de sorrir.

— Você é um bandido inteligente. Como é que nós conseguimos pegá-lo?

— Sorte — respondeu o anão, dando uma cotovelada num trecho do tubo. Um grande círculo saltou para fora, revelando o buraco de cem anos. — Bem-vindos aos Laboratórios Koboi.

Saíram num corredor mal iluminado. Havia carrinhos flutuantes, em pilhas de quatro, junto às paredes. A iluminação do teto era a mínima possível.

— Eu conheço este lugar — disse Raiz. — Estive aqui antes inspecionando, para as armas especiais. Nós estamos a dois corredores da central de computadores. Temos uma chance real de conseguir.

— E quanto aos tais canhões de DNA? — perguntou Buder.

— Complicado — admitiu o comandante. — Se os canhões não reconhecerem você, você está morto. Eles podem ser programados para rejeitar espécies inteiras.

— Complicado — concordou o mordomo.

— Aposto que eles não estão ativos — disse Raiz. — Primeiro, se este lugar está cheio de goblins, eles dificilmente entram pela porta da frente. E segundo, se Potrus está sendo culpado por todo esse levante, a Koboí quererá fingir que não tinha armas, como a LEP.

— Alguma estratégia? — perguntou Butler.

— Não muita — admitiu o comandante. — Assim que virarmos a esquina, estamos diante de câmeras. Então é seguir pelo corredor o mais rápido possível e acertar qualquer coisa

que apareça no caminho. Se a coisa tiver uma arma, é melhor confiscá-la. Palha, fique aqui e alargue o túnel, talvez a gente precise sair depressa. Prontos?

Holly estendeu a mão.

— Cavalheiros, foi um prazer.

O comandante e o mordomo puseram as mãos sobre a dela.

— O prazer foi meu.

Eles seguiram pelo corredor. Duzentos goblins contra três heróis praticamente desarmados. Ia ser difícil.

SALA DE CONTROLE, LABORATÓRIOS KOBŌI

— Intrusos — guinchou Opala deliciada. — Dentro do prédio. Porrete foi até a tela de vigilância.

— Vejo que é Julius. Espantoso. Obviamente sua equipe de ataque exagerou, general Cuspe.

Cuspe lambeu os globos oculares furiosamente. O tenente Nyle iria perder a pele antes da estação da troca. Porrete sussurrou nos ouvidos de Opala:

— Podemos ativar os canhões de DNA? A duende ba-

lançou a cabeça.

— Não imediatamente. Ele foram reprogramados para rejeitar DNA de goblins. Demoraria alguns minutos.

Porrete virou-se para os quatro generais goblins.

— Mandem um esquadrão armado ir por trás e outro pelo flanco. Podemos encurralá-los perto da porta. Não haverá saída.

Porrete olhava fascinado para a tela de plasma.

— Isto é ainda melhor do que eu tinha planejado. Agora, meu velho amigo Julius, é a minha vez de humilhá-lo.

Artemis estava meditando. Esta era uma hora de concentração. Ficou sentado de pernas cruzadas numa pedra, visualizando as várias estratégias de resgate que poderiam ser usadas quando voltassem ao Ártico. Se a Mafiya estabelecesse o ponto de entrega antes que Artemis os alcançasse, haveria apenas um plano que poderia dar certo. Era um plano de alto risco. Artemis procurou mais fundo no cérebro. Devia haver outro modo.

Foi perturbado por um ruído orquestral que emanava da coluna de titânio. Parecia a nota contínua de um fagote. Gás de anão, pensou. A coluna tinha uma acústica razoável.

O que ele precisava era de uma onda cerebral. Um pensamento cristalino que cortasse esse labirinto onde estava en-

curralado, e salvasse o dia.

Depois de oito minutos foi interrompido de novo. Dessa vez não era gás. Um grito de socorro. Palha estava com problemas, e sentindo dor.

Artemis já ia sugerir que Butler cuidasse disso quando percebeu que o guarda-costas não estava ali. Tinha partido na missão para salvar os Elementos de Baixo. Só havia ele.

Enfiou a cabeça dentro da coluna. Estava tudo preto como o interior de uma bota velha, e duas vezes mais fedorento.

Artemis decidiu que um capacete da LEP era sua primeira necessidade. Rapidamente pegou um de reserva no transportador e, depois de experimentar um momento, ativou as luzes e os lacres.

— Palha? Você está aí?

Não houve resposta. Poderia ser uma armadilha? Seria possível que ele, Artemis Fowl, iria cair no truque mais velho que existia? Era totalmente possível, concluiu. Mas apesar disso não podia se dar ao luxo de arriscar a vida daquela criatura peluda. Em algum lugar desde Los Angeles, e contra seu bom senso, ele havia sentido uma ligação com o Sr. Escavator. Artemis estremeceu. Isso vinha acontecendo cada vez mais desde

a volta de sua mãe à sanidade.

Artemis entrou no tubo, começando a jornada até o disco de luz lá em cima. O cheiro era horrendo. Seus sapatos estavam arruinados, e nenhuma lavagem a seco poderia redimir o paletó do uniforme da St Bartlebys. Era melhor que Palha estivesse sentindo muita dor.

Quando chegou à entrada, achou Palha se retorcendo no chão, o rosto contorcido em agonia.

— O que foi? — perguntou, tirando o capacete e se ajoelhando perto do anão.

— Bloqueio nas entranhas — grunhiu o anão, com gotas de suor escorrendo pelos fios da barba. — Alguma coisa dura. Não consegui partir.

— O que eu posso fazer? — perguntou Artemis, apesar de sentir pavor das possíveis respostas.

— Minha bota esquerda. Tire.

— Sua bota? Você disse sua bota?

— É — uivou o anão, com a dor enrijecendo o tronco inteiro. — Tire.

Artemis não pôde conter um suspiro aliviado. Ele estivera temendo coisa muito pior. Apoiou a perna do anão no colo e puxou a bota de escalar.

— Belas botas — comentou.

— Da Rodeo Drive — ofegou Palha. — Agora, se você não se importar...

— Desculpe.

A bota saiu, revelando uma meia não tão elegante, com buracos nos dedos e remendos cerzidos.

— Dedinho — disse Palha, com os olhos fechados de dor.

— Dedinho o quê?

— Aperte a junta. Com força.

Apertar a junta. Devia ser alguma coisa de reflexologia. Cada parte do corpo corresponde a uma área do pé. O pé é o teclado do corpo, por assim dizer. Isso *é* praticado no Oriente há séculos.

— Muito bem. Se você insiste...

Artemis pôs o indicador e o polegar em volta do dedo peludo de Palha. Poderia ser sua imaginação, mas parecia que os pêlos se separaram para facilitar o acesso.

— Aperte — ofegou o anão. — Por que não está apertando?

Artemis não estava apertando porque seus olhos estavam vesgos, olhando o cano da arma laser no meio de sua testa.

O tenente Nyle, que estava segurando a arma, não podia acreditar na própria sorte. Tinha capturado sozinho dois intrusos, além de ter descoberto o buraco por onde haviam entrado. Quem disse que ficar para trás querendo evitar a luta não tinha suas vantagens? Esta seria uma reviravolta excepcional para ele. Chegaria a coronel antes de trocar a terceira pele.

— De pé — ordenou, soltando chamas azuis. Mesmo através do tradutor os sons pareciam reptilianos.

Artemis se levantou devagar, puxando a perna de Palha. A aba do traseiro do anão se abriu.

— O que há de errado com ele? — perguntou Nyle, curvando-se para olhar melhor.

— Foi alguma coisa que ele comeu — disse Artemis, e apertou a junta.

A explosão resultante arrancou o goblin do chão, lançando-o em cambalhotas pelo corredor. Era uma coisa que não se via diariamente.

Palha saltou de pé.

— Obrigado, garoto. Eu pensei que estava acabado. Deve ter sido alguma coisa dura. Talvez granito, ou diamante.

Artemis assentiu. Não estava preparado para palavras.

— Esses goblins são idiotas. Viu a cara dele? Artemis

balançou a cabeça. Ainda não estava preparado.

— Quer ir olhar?

O humor sem tato retirou Artemis do atordoamento.

— Aquele goblin. Duvido de que ele estivesse sozinho.

Palha abotoou a aba do traseiro.

— Não. Um esquadrão inteiro acabou de passar. Esse cara devia estar evitando a ação. Típico de goblin.

Artemis coçou as têmporas. Devia haver alguma coisa que pudesse fazer para ajudar os amigos. Ele possuía o QI mais elevado já testado na Europa, pelo amor de Deus.

— Palha, tenho uma pergunta importante para você.

— Acho que lhe devo uma, por ter salvado meu traseiro. Artemis pousou o braço no ombro do anão.

— Eu sei como você entrou nos Laboratórios Koboi. Mas você não poderia voltar por lá, a explosão de plasma iria pegá-lo. Então, como saiu?

Palha riu.

— Simples. Ativei o alarme e saí com o uniforme da LEP que estava usando.

Artemis fez um muxoxo.

— Não adianta, deve haver outro modo. Tem de haver.

Os canhões de DNA estavam obviamente desligados.

Raiz começava a se sentir otimista quando ouviu o trovão de botas se aproximando.

— *D'Arvit*. Vai haver briga. Vocês dois continuem. Eu vou segurá-los o máximo que puder.

— Não, comandante — disse Butler. — Com todo o respeito, nós só temos uma arma, e eu posso acertar muito mais com ela do que o senhor. Vou pegá-los quando virarem a esquina. Vocês tentem abrir a porta.

Holly abriu a boca para discutir. Mas quem iria discutir com um homem daquele tamanho?

— Certo. Boa sorte. Se você se ferir, fique o mais imóvel possível até eu voltar. Quatro minutos, lembre.

Butler assentiu.

— Eu lembro.

— E, Butler?

— Sim, capitã?

— Aquele pequeno desentendimento do ano passado, quando Artemis e você me seqüestraram...

Butler olhou para o teto. Teria olhado para os próprios sapatos, mas Holly estava no caminho.

— É, aquilo. Eu estive pensando em falar com...

— Só esqueça. Depois disto tudo, estamos quites.

— Holly, mexa-se — ordenou Raiz. — Butler, não deixe que eles cheguem perto demais.

Butler envolveu os dedos no cabo moldado da arma. Parecia um urso armado.

— É melhor que não cheguem. Para o bem deles.

Artemis subiu num carrinho flutuante, batendo num dos tubos que seguiam por toda a extensão do corredor.

— Esse tubo parece seguir por toda a estrutura do teto. O que é, um sistema de ventilação?

Palha fungou.

— Gostaria de que fosse. É o suprimento de plasma para os canhões de DNA.

— Então por que você não veio por aqui?

— Ah, pela pequena questão de que há carga suficiente em uma gota de plasma para fritar um troll.

Artemis encostou a mão no metal.

— E se os canhões não estiverem funcionando?

— Assim que os canhões são desativados, o plasma não passa de gosma radiativa.

— Radiativa?

Palha repuxou a barba, pensativo.

— Na verdade Julius acha que os *canhões/oram* desliga-

dos.

— Há algum modo de ter certeza?

— Nós poderíamos abrir este painel que normalmente não deve ser aberto. — Palha passou a mão pela superfície curva. — Ah, veja aqui. Uma microfechadura. Para consertos nos canhões. Até mesmo o plasma precisa ser recarregado. — Ele apontou para um buraco minúsculo no metal. Parecia uma partícula de poeira. — Agora observe um mestre trabalhando.

O anão pôs um dos pêlos de seu queixo no buraco. Quando a ponta reapareceu, ele o arrancou pela raiz. O pêlo endureceu assim que Palha o arrancou, assumindo uma rigidez cadavérica e mantendo a forma exata do interior da fechadura.

Palha prendeu o fôlego, girando a chave improvisada. A escotilha se abriu para baixo.

— Isso, meu garoto, é talento.

Dentro do tubo uma geléia alaranjada pulsava suavemente. Fagulhas ocasionais se retorciam em suas profundezas. O plasma era denso demais até mesmo para se derramar pela escotilha, e manteve sua forma cilíndrica.

Palha forçou a vista através da geléia pulsante.

— Está mesmo desativado. Se esse negócio estivesse vivo, nossos rostos estariam com um belo bronzeado.

— E aquelas fagulhas?

— Carga residual. Elas podem dar uma pinicada, mas nada sério.

Artemis assentiu.

— Certo — falou, pondo o capacete. Palha ficou pálido.

— Você não está falando sério, filhote da lama? Tem alguma idéia do que acontecerá se esses canhões forem ativados?

— Estou tentando não pensar nisso.

— É bom mesmo. — O anão balançou a cabeça, pasmo. — Certo. Você tem trinta metros para ir, e não mais de dez minutos de ar nesse capacete. Mantenha os filtros fechados, o ar pode ficar meio rançoso depois de um tempo, mas é melhor do que sugar plasma. E aqui, leve isto. — Ele tirou o pêlo enrijecido do buraco da fechadura.

— Para quê?

— Presumo que você vá querer sair de novo do outro lado. Ou não tinha pensado nisso, garoto gênio?

Artemis engoliu em seco. Não tinha. Havia mais coisas nesse negócio de heroísmo do que sair correndo às cegas.

— Só enfie com cuidado. Lembre-se, é pêlo, e não me-

tal.

— Enfiar com cuidado. Entendi.

— E não use nenhuma luz. O halogênio poderia reativar o plasma.

Artemis sentiu a cabeça começando a girar.

— E certifique-se de borrifar espuma assim que puder. As latas de espuma anti-radiativa são azuis. Elas estão em toda parte aqui dentro.

— Latas azuis. Mais alguma coisa, mestre Escavator?

— Bom, há as serpentes do plasma...

Os joelhos de Artemis quase desmoronaram.

— Você não está falando sério.

— Não — admitiu Palha. — Não estou. Bom, o alcance dos seus braços é de mais ou menos meio metro. Então calcule umas sessenta puxadas e depois saia daí.

— Um pouquinho menos de meio metro, eu diria. Talvez sessenta e três puxadas. — Ele pôs o pêlo do anão dentro do bolso do peito.

Palha deu de ombros.

— Tanto faz, garoto. A pele é sua. Agora entre.

O anão cruzou os dedos, e Artemis pisou no estríbo improvisado. Estava pensando em mudar de idéia quando o Sr.

Escavator o empurrou para dentro do tubo. O gel laranja sugou-o, envolvendo seu corpo num segundo.

O plasma o envolveu como uma criatura viva, fazendo estalar as bolhas de ar presas nas roupas. Uma fagulha residual roçou em sua perna, lançando uma dor aguda pelo corpo. Uma pinicada?

Artemis olhou através do gel laranja. Palha estava lá, fazendo sinal de positivo com o polegar. Rindo como um maluco. Artemis decidiu que, se saísse dessa, teria de colocar o anão em sua folha de pagamento.

Começou a se arrastar às cegas. Uma puxada, duas puxadas... Sessenta e três parecia uma enorme distância.

Butler engatilhou a Sig Sauer. Agora o barulho dos passos era de rachar os ouvidos, ressoando nas paredes metálicas. Sombras se estendiam na esquina do corredor, à frente de seus donos. O mordomo apontou.

Uma cabeça apareceu. Parecia um sapo. Lambendo os globos oculares. Butler puxou o gatilho. A bala abriu um buraco do tamanho de um melão na parede acima da cabeça do goblin. A cabeça recuou às pressas. Claro, Butler tinha errado de propósito. Apavorado era sempre melhor do que morto. Mas isso não poderia durar para sempre. Mais doze tiros, para ser exato.

Os goblins ficaram mais corajosos, esticando-se cada vez mais. Por fim Butler entendeu que seria forçado a atirar em um.

O mordomo decidiu que estava na hora de chegar mais perto. Levantou-se dos calcanhares, fazendo um pouco menos de barulho do que uma pantera, e se lançou pelo corredor na direção dos inimigos.

Havia apenas dois homens no planeta que eram mais bem educados nas várias artes marciais do que Butler, e ele era parente de um deles. O outro morava numa ilha no mar do Sul da China e passava os dias meditando e batendo em coqueiros. Você realmente deveria sentir pena daqueles goblins.

Os B'wa Kell tinham dois guardas na porta da sala de controle. Ambos armados até os dentes e ambos mais burros do que um pedaço de pau. Apesar dos alertas repetidos, estavam os dois caindo no sono dentro dos capacetes quando os elfos viraram correndo a esquina do corredor.

— Olhe — murmurou um. — Elfos.

— Hein? — disse o outro, o mais imbecil.

— Não importa — disse o primeiro. — A LEP não tem nenhuma arma.

O número dois deu uma lambida nos globos oculares.

— É, mas eles são irritadiços.

E foi então que a bota de Holly se chocou contra seu peito, lançando-o contra a parede.

— Ei — reclamou o número um, levantando sua arma.
— Isso não foi legal.

Raiz não se incomodou com elegantes chutes giratórios, preferindo se chocar contra o sentincla, jogando-o contra a porta de titânio.

— Pronto — ofegou Holly. — Dois fora de combate. Não foi tão difícil.

Por acaso esta foi uma declaração prematura. Porque foi então que o resto do esquadrão de duzentos B'wa Kell vieram pelo corredor perpendicular.

— Não foi tão difícil — imitou o comandante, fechando os punhos.

A concentração de Artemis estava falhando. Agora parecia haver mais fagulhas, e cada choque atrapalhava seu raciocínio. Ele havia perdido a contagem duas vezes. Agora estava no cinqüenta e quatro. Ou cinqüenta e seis. A diferença era vida ou morte.

Continuou se arrastando, estendendo um braço e depois o outro, nadando como se estivesse num inchado mar de

gel. A visão era praticamente inútil. Tudo era laranja. E a única confirmação que tinha de qualquer progresso acontecia quando seu joelho afundava numa reentrância onde o plasma se desviava para um canhão.

Artemis esticou o braço uma última vez pelo gel, enchendo os pulmões com ar rançoso — sessenta e três. Era isso. Logo os purificadores de ar em seu capacete seriam inúteis e ele estaria respirando dióxido de carbono.

Pôs as pontas dos dedos na curva interna do tubo, procurando um buraco de fechadura. De novo seus olhos não ajudavam. Ele nem podia ativar as luzes do capacete, por medo de acender um rio de plasma.

Nada. Nenhuma reentrância. Iria morrer ali sozinho. Nunca seria grande. Artemis sentiu a respiração falhando, espiralando num túnel preto. Concentre-se, falou a si mesmo. Mantenha o foco. Havia uma fagulha se aproximando. Uma estrela de prata no pôr-do-sol. Ela se retorceu preguiçosa ao longo do tubo, iluminando cada seção pela qual passava.

Ali! Um buraco. O buraco. Revelado por um momento pela fagulha que passava. Artemis enfiou a mão no bolso como um nadador bêbado, tirando o pêlo de anão. Será que funcionaria? Não havia motivo para essa abertura ter um mecanismo de

tranca diferente.

Artemis enfiou o pêlo no buraco. Suavemente. Forçou a vista através do gel. Será que estava entrando? Achou que sim. Talvez com sessenta por cento de certeza. Teria de bastar.

Girou. A tampa se abriu. Ele imaginou o riso de Palha. *Isso, meu garoto, é talento.*

Era bem possível que todos os inimigos que ele possuía no submundo estivessem esperando do lado de fora daquela escotilha, com armas grandes e malignas apontadas para a sua cabeça. Nesse ponto Artemis não se importava. Não podia agüentar mais uma respiração carente de oxigênio e nenhum choque doloroso no corpo.

Assim Artemis Fowl passou o capacete através da superfície do plasma. Abriu o visor, saboreando o que poderia muito bem ser sua última respiração. Para sua sorte, os ocupantes da sala estavam olhando a tela na parede. Vendo seus amigos lutarem pela vida. Seus amigos não estavam com muita sorte.

Eles eram muitos, pensou Butler enquanto contornava a esquina e via quase um exército inteiro dos B'wa Kell pondo pilhas novas em suas armas.

Ao perceber Butler, os goblins começaram a pensar

coisas como, ah, deuses, é um troll vestindo roupas; ou: por que eu não ouvi mamãe e fiquei longe das gangues?

Então Butler estava acima deles e baixando. Pousou como uma tonelada de tijolos, só que com precisão muito mais considerável. Três goblins perderam os sentidos antes de saberem que foram acertados. Um atirou no próprio pé e vários outros se deitaram fingindo estar inconscientes.

Artemis via tudo pela tela de plasma da sala de controle. Junto com todos os outros ocupantes. Aquilo os estava divertindo. TV. Os generais goblins riam e se encolhiam enquanto Butler dizimava seus homens. Nada disso tinha importância. Havia centenas de goblins no prédio e não havia como entrar nessa sala.

Artemis tinha segundos para decidir como agiria. Segundos. E não sabia mexer em nada daquela tecnologia. Examinou as paredes abaixo, procurando algo que pudesse usar. Qualquer coisa.

Ali. Numa pequena tela, longe do console principal, estava Potrus. Preso na cabine de operações. O centauro deveria ter um plano. Ele certamente tivera tempo de pensar em algum. Artemis sabia que, assim que saísse do tubo, iria se transformar num alvo. Eles iriam matá-lo sem hesitar.

Arrastou-se para fora do tubo, caindo no chão com um barulho surdo. As roupas saturadas reduziram sua velocidade até o banco de monitores. Cabeças estavam virando, ele podia vê-las pelo canto do olho. Figuras vinham na sua direção. Ele não sabia quantas.

Havia um microfone abaixo da imagem de Potrus. Artemis apertou o botão.

— Potrus! — ofegou, com bocados de gel caindo sobre o console. — Está me ouvindo?

O centauro reagiu instantaneamente.

— Fowl? O que aconteceu com você?

— Cinco segundos, Potrus. Preciso de um plano ou estamos todos mortos.

Potrus assentiu.

— Tenho um pronto. Ponha-me em todas as telas.

— O quê? Como?

— Aperte o botão de teleconferência. Amarelo. Um círculo com linhas se projetando para fora, como o sol. Está vendo?

Artemis viu. Apertou. Então alguma coisa o apertou. Muito dolorosamente.

O general Escamoto foi o primeiro a ver a criatura sa-

indo do tubo de plasma. O que era? Um duende? Não. Não, por todos os deuses. Era humano.

— Olhe! — grasnou ele. — Um Homem da Lama.

Os outros não ouviram, interessados demais no espetáculo na tela.

Mas não Porrete. Um humano na sala de segurança máxima da Koboï. Como podia ser? Agarrou Escamoto pelos ombros.

— Mate-o!

Agora todos os generais estavam ouvindo. Havia uma matança a ser feita. Sem perigo para eles. Fariam isso ao velho modo: com garras e bolas de fogo.

O humano foi cambaleando até um dos consoles, e eles o rodearam, com as línguas balançando empolgadas. Cuspe girou o humano para que ele encarasse seu destino.

Um a um os generais conjuraram bolas de fogo nos punhos, aproximando-se para a matança. Mas então alguma coisa os fez esquecer por completo o humano machucado. O rosto de Porrete tinha aparecido em todas as telas. E os comandantes dos B'wa Kell não estavam gostando do que ele dizia:

— No momento em que as coisas estiverem mais de-

sesperadas, vou instruir Opala para devolver o controle das armas à LEP. Os B'wa Kell serão deixados inconscientes, e você será culpado por tudo, desde que sobreviva, o que eu duvido...

Cuspe girou contra seu aliado.

— Porrete! O que isso significa?

Os generais avançaram, sibilando e cuspendo.

— Traição, Porrete! Traição! Porrete não se preocupou demais.

— Certo — disse ele. — Traição.

Porrete levou um minuto para deduzir o que tinha acontecido. Era Potrus. Ele devia ter gravado a conversa dos dois de algum modo. Que cansativo! Mesmo assim era preciso admitir a astúcia do centauro. Ele era ardiloso.

Porrete foi rapidamente até o console principal, interrompendo a transmissão. Não seria bom que Opala ouvisse o resto. Particularmente a parte que falava de seu trágico acidente. Ele realmente teria de parar de cantar vantagem. Mesmo assim, não importava. Tudo estava seguindo o roteiro.

— Traição — sibilou Escamoto.

— Certo — admitiu Porrete. — Traição. — E imediatamente depois disso falou: — Computador, ativar os canhões de DNA. Autorização Porrete U. Alfa alfa dois dois.

Em sua cadeira flutuante, Opala girou de pura alegria, batendo palmas deliciada. Urze era tããão feio, mas era tããão mau!

Por todos os Laboratórios Koboï, canhões robôs de DNA espiaram em seus suportes e fizeram rápidos autodiagnósticos. Afora um ligeiro vazamento na sala de controle, tudo estava em ordem. E assim, sem mais delongas, começaram a obedecer aos parâmetros do programa e usar como alvo tudo que tivesse DNA goblin, a uma taxa de dez tiros por segundo.

Foi rápido e, como acontecia com tudo da Koboï, eficiente. Em menos de cinco segundos os canhões se reassentaram em seus suportes. Missão cumprida: duzentos goblins inconscientes em todo o prédio.

— Ufa — disse Holly, passando sobre fileiras de goblins que roncavam. — Essa foi por pouco.

— Nem me diga — concordou Raiz.

Porrete chutou o corpo adormecido de Cuspe.

— Veja bem, você não conseguiu nada, Artemis Fowl — disse ele, sacando sua RedBoy. — Seus amigos estão lá. Você está aqui. E os goblins estão inconscientes, e logo sofrerão uma lavagem cerebral com substâncias químicas particularmente instáveis. Como eu planejei. — Ele sorriu para Opala, que

pairava acima dos dois. — Como *nós* planejamos.

Opala devolveu o sorriso.

Em outra ocasião Artemis teria sido forçado a fazer um comentário sarcástico. Mas por enquanto a possibilidade da morte iminente estava ocupando seus pensamentos.

— Agora eu simplesmente vou reprogramar os canhões para acertar seus amigos, devolver a energia aos canhões da LEP e dominar o mundo. E ninguém pode entrar aqui para me impedir.

Claro, nunca se deve dizer uma coisa assim, especialmente quando você é um supervilão. É o mesmo que procurar encrenca.

Butler seguiu rapidamente pelo corredor, alcançando os outros do lado de fora da sala de controle. Ele podia ver a situação de Artemis através do painel de quartzo da porta. Apesar de todos os seus esforços, o patrão Artemis tinha conseguido se colocar em perigo mortal. Como é que um guarda-costas poderia fazer o serviço quando seu encarregado insistia em pular no poço das serpentes, por assim dizer?

Butler sentiu a testosterona se acumulando no sangue. Uma porta era tudo que o separava de Artemis. Uma porta pequena, projetada para impedir a passagem de criaturas do reino

das fadas com armas de raio. Ele deu vários passos para trás.

Holly podia ver o que ele estava pensando.

— Não se incomode. Esta porta é reforçada.

O mordomo não respondeu. Não podia. O verdadeiro Butler estava submerso embaixo de camadas de adrenalina e força bruta.

Com um rugido, Butler atacou a porta, concentrando toda a sua força considerável na ponta triangular do ombro. Era um golpe que poderia ter derrubado um hipopótamo de tamanho médio. E ainda que essa porta tivesse sido testada para dispersão de plasma e moderada resistência física, certamente não era à prova de Butler. O portal metálico se amassou como papel de alumínio.

O ímpeto de Butler lançou-o até a metade do piso de borracha da sala. Holly e Raiz foram atrás, parando apenas para pegar alguns lasers NarizMacio dos goblins inconscientes.

Porrete se moveu depressa, arrastando Artemis para cima.

— Não se movam, nenhum de vocês. Ou eu mato o Garoto da Lama.

Butler continuou em frente. Seu último pensamento racional tinha sido desarmar Porrete. Agora este era seu único

objetivo na vida. Correu para a frente, com os braços abertos.

Holly mergulhou desesperada, agarrando-se ao cinto de Butler. Ele a arrastou como se fosse um monte de latas amarradas na traseira de um carro num casamento.

— Butler, pare — grunhiu ela. O guarda-costas a ignorou.

Holly se agarrou, forçando os calcanhares no chão.

— *Pare!* — repetiu, desta vez acrescentando o *mesmer* à voz. Butler pareceu acordar. Ele arrancou o homem das cavernas de dentro do próprio corpo.

— Isso mesmo, Homem da Lama — disse Porrete. — Ouça a capitã Short. Sem dúvida a gente pode chegar a algum tipo de acordo.

— Sem acordos, Urze — disse Raiz. — Está tudo acabado, largue o Garoto da Lama.

Porrete engatilhou a RedBoy.

— Eu vou largar mesmo.

Esse era o pior pesadelo de Butler. Seu protegido estava nas mãos de um psicopata que não tinha nada a perder. E não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Um telefone tocou.

— Acho que é o meu — disse Artemis automatica-

mente.

Outro toque. Definitivamente era o seu celular. Espantosamente, o negócio estava funcionando, considerando o que tinha passado. Artemis abriu o estojo.

— Sim?

Era um daqueles momentos congelados. Ninguém sabia o que esperar.

Artemis jogou o aparelho para Opala Koboi.

— É para você.

A duende baixou o braço para pegar o celular minúsculo. O peito de Porrete arfou. Seu corpo sabia o que estava acontecendo, ainda que o cérebro ainda não tivesse deduzido.

Opala colocou o minúsculo aparelho junto da orelha pontuda.

— Puxa, Potrus — disse a voz de Porrete. — Você acha que eu teria todo esse problema e depois iria compartilhar o poder? Ah, não. Assim que esta charada terminar a Srta. Koboi terá um acidente trágico. Talvez vários acidentes trágicos...

Toda a cor desapareceu do rosto de Opala.

— Você! — guinchou ela.

— É um truque — protestou Porrete. — Eles estão tentando nos colocar um contra o outro.

Mas os olhos dele contavam a história verdadeira.

Os duendes são criaturas irritadiças, apesar do tamanho. Eles chegam até um determinado ponto e explodem. Para Opala Koboi estava na hora da explosão. Ela manipulou os controles da Flutuoboy, dando um mergulho íngreme.

Porrete não hesitou. Deu dois tiros na cadeira, mas a grossa almofada protegeu a ocupante.

Opala Koboi voou direito para o seu ex-parceiro. Quando o elfo levantou os braços para se proteger, Artemis escorregou para o chão. Urze Porrete não teve tanta sorte. Ficou emaranhado no corrimão de segurança da Flutuoboy e foi levantado pela duende furiosa. Os dois giraram pela câmara ricocheteando em várias paredes antes de se chocar no painel aberto no tubo do canhão de plasma.

Infelizmente para Porrete, agora o plasma estava ativo. Ele próprio o havia ativado. Mas esta ironia não lhe ocorreu quando foi fritado por um milhão de gavinhas radiativas.

Koboi teve sorte. Foi lançada da poltrona flutuante e ficou gemendo nos ladrilhos de borracha.

Butler estava em movimento antes que Porrete aterrissasse. Girou Artemis procurando ferimentos. Alguns arranhões. Superficiais. Nada que um jorro de fagulhas azuis não curasse.

Holly verificou a situação de Opala Koboï.

— Ela está consciente? — perguntou o comandante.

Os olhos de Koboï se abriram. Holly fechou-os com um soco rápido na testa.

— Não — falou inocentemente. — Está apagada.

Raiz lançou um olhar para Porrete e percebeu que não havia sentido em verificar os impulsos vitais. Talvez ele estivesse melhor assim. A alternativa seria uns dois séculos no Pico do Uivo.

Artemis percebeu movimento junto à porta. Era Palha. Ele estava rindo e acenando. Acenando em despedida, só para o caso de Julius se esquecer da dianteira de dois dias. O anão apontou para uma lata azul presa num suporte da parede, e sumiu.

— Butler — ofegou Artemis, com a última grama de força. — Alguém poderia borrifar espuma em mim? E depois, será que poderíamos, por favor, ir a Murmansk?

Butler ficou pasmo.

— Espuma? Que espuma?

Holly pegou a lata de spray anti-radiativo, abrindo a trava de segurança.

— Deixe comigo — falou, rindo. — O prazer será meu.

Ela dirigiu um jato de espuma fétida contra Artemis. Em segundos ele parecia um boneco de neve semiderretido. Holly gargalhou. Quem disse que não havia diversão no trabalho policial?

CABINE DE OPERAÇÕES, CENTRAL PLAZA

Assim que o canhão de plasma causou um curto-circuito no controle remoto de Porrete, a energia voltou rapidamente para a cabine de operações. Potrus não perdeu tempo para ativar os soníferos subcutâneos implantados sob a pele dos criminosos goblins. Isso colocou metade dos B'wa Kell fora de ação imediatamente. Em seguida reprogramou os canhões de DNA da Central Plaza para tiros não-mortais. Tudo terminou em segundos.

O primeiro pensamento do capitão Kelp foi em seus subordinados.

— Silêncio — gritou, com a voz atravessando o caos.
— Nós perdemos alguém?

Os líderes de esquadrões responderam em seqüência, confirmando que ninguém havia morrido.

— Tivemos sorte — observou um feiticeiro médico. — Não resta uma gota de magia no prédio. Nem mesmo um medipac. O próximo policial a cair ficaria caído.

Encrenca voltou a atenção para a cabine de operações. Não estava achando divertido.

Potrus despolarizou a janela de quartzo e abriu um canal.

— Ei, caras. Eu não estava por trás disso. Era o Porrete. Eu acabei de salvar todo mundo. Mande uma gravação de som para um celular; isso não foi fácil. Vocês deveriam me dar uma medalha.

Encrenca fechou o punho.

— É, Potrus, saia aqui e eu lhe dou sua medalha. Potrus podia não ter muita habilidade social, mas sabia reconhecer ameaças veladas.

— Ah, não. Eu, não. Vou ficar aqui mesmo até o comandante Raiz voltar. Ele pode explicar tudo.

O centauro escureceu as janelas e se ocupou fazendo uma varredura em busca de bugs nos computadores. Iria isolar cada traço de Opala Koboí e retirá-los do sistema. Paranóico, ele? Quem era o paranóico agora, Holly? Quem era o paranóico agora?

CAPÍTULO 14: DIA DOS PAÍS

MURMANSK, CÍRCULO ÁRTICO



A PAISAGEM MARÍTIMA do Ártico entre Murmansk e Severmorsk tinha se tornado um cemitério submarino para o que já fora a poderosa frota soviética. Haveria facilmente uma centena de submarinos nucleares enferrujando nas várias angras e fiordes do litoral, com apenas um ou outro letreiro de perigo ou alguma patrulha para alertar os curiosos. À noite você não precisava olhar muito para ver o brilho, nem precisava prestar atenção para ouvir o zumbido.

Um daqueles submarinos era o *Nikodim*. Uma embarcação de mais de vinte anos, da classe Tufão, com tubos enferrujados e reator vazando. Essa não era uma combinação saudável. E era aqui que o figurão da Mafiya, Britva, tinha instruído seus lacaios para fazer a troca de Artemis Fowl I.

Mikhael Vassikin e Kamar não estavam nem um pouco

felizes com a situação. Já estavam acomodados no alojamento do capitão há dois dias, e convencidos de que suas vidas ficavam mais curtas a cada minuto. Vassikin tossiu.

— Escutou isso? Minhas entranhas não estão bem. É a radiação, estou dizendo.

— Esse negócio todo é ridículo — rosnou Kamar. — O garoto Fowl tem treze anos. Treze! É um neném. Como uma criança vai poder levantar cinco milhões de dólares? É loucura.

Vassikin sentou-se no catre.

— Talvez não. Ouvi histórias sobre esse sujeitinho. Dizem que ele tem poderes.

Kamar fungou.

— Poderes? Mágicos? Ah, vá enfiar a cabeça no reator, sua velha.

— Não, eu tenho um contato na Interpol. Eles têm um dossiê em aberto sobre o garoto. Com treze anos e um dossiê em aberto? Eu tenho trinta e sete, e ainda não tenho dossiê na Interpol. — O russo parecia desapontado.

— Um dossiê em aberto. O que há de mágico nisso?

— Mas meu contato jura que esse garoto Fowl é visto em todo o mundo, no mesmo dia. Na mesma hora.

Kamar não ficou impressionado.

— Seu contato é mais covarde do que você.

— Acredite o que quiser. Mas eu ficarei feliz se sair vivo deste barco desgraçado. De um modo ou de outro.

Kamar puxou um boné de pele sobre as orelhas.

— Certo. Vamos lá. Está na hora.

— Finalmente — suspirou Vassikin.

Os dois pegaram o prisioneiro na cabine ao lado. Não estavam preocupados com uma tentativa de fuga. Não com uma perna faltando e um capuz preso na cabeça. Vassikin jogou Fowl I sobre o ombro e subiu a escada até a torre de comando.

Kamar usou um rádio para se comunicar com o pessoal de apoio. Havia mais de cem criminosos escondidos entre os arbustos petrificados e montes de neve. Pontas de cigarro iluminavam a noite como vaga-lumes.

— Apaguem esses cigarros, idiotas — sussurrou numa frequência aberta. — É quase meia-noite. Fowl pode chegar a qualquer segundo. Lembrem-se, ninguém atira até eu dar a ordem. Depois todo mundo atira.

Quase dava para ouvir o som sibilante quando uma centena de cigarros foi jogada na neve. Cem homens. Era uma operação cara. Mas uma mera gota no oceano comparada com os vinte por cento que Britva tinha prometido a eles.

De onde quer que o garoto Fowl viesse, ele ficaria preso num fogo cruzado mortal. Não havia saída para ele e o pai, enquanto Kamar e Vassikin estivessem seguros atrás da torre de aço do submarino.

Kamar riu. Vejamos quanta magia você tem, *Irlanskii*.

Holly examinou a cena através do filtro noturno de alta resolução de seu capacete, com os olhos de uma experiente oficial do Recon. Butler tinha apenas binóculos comuns e velhos.

— Quantos cigarros você contou?

— Mais de oitenta — respondeu a capitã. — Pode haver uns cem homens. Se você entrar lá, vai estar ferrado.

Raiz assentiu, concordando. Era um pesadelo tático.

Estavam acampados no lado oposto do fiorde, em cima de uma geleira inclinada. O Conselho tinha até aprovado asas, devido aos serviços recentes prestados por Artemis.

Potrus havia baixado os e-mails do computador de Artemis e achou uma mensagem. Cinco milhões de dólares. O Nikodim. Murmansk. Meia-noite do dia 14. Era curta e direta. O que mais haveria a dizer? Eles tinham perdido a oportunidade de pegar Artemis I antes de ele ser levado ao ponto de entrega, e agora a Mafiya estava no controle.

Juntaram-se em volta enquanto Butler rabiscava um di-

agrama na neve com uma ponteira laser.

— Eu imagino que o alvo esteja sendo mantido aqui, na torre de comando. Para chegar lá seria preciso caminhar ao longo de todo o submarino. Eles têm cem homens escondidos ao redor do perímetro. Nós não temos apoio aéreo, nem informações de satélite e só possuímos um mínimo de armas. — Butler suspirou. — Sinto muito, Artemis. Não vejo como.

Holly se ajoelhou examinando o diagrama.

— Uma parada temporal demoraria dois dias para ser montada. Também não podemos usar o escudo por causa da radiação, e não há um modo de chegar suficientemente perto para mesmerizar.

— E quanto às armas da LEP? — perguntou Artemis, mesmo sabendo a resposta.

Raiz mastigou um charuto apagado.

— Nós já discutimos isso, Artemis. Nós temos tanto poder de fogo quanto você quiser, mas se começarmos a atirar, o seu pai será o primeiro alvo. É a regra-padrão nos seqüestros.

Artemis puxou o agasalho de campo da LEP para mais perto do pescoço, olhando o diagrama toco.

— E se nós lhes dermos o dinheiro?

Potrus tinha feito para eles cinco milhões em notas de

valor pequeno em uma de suas impressoras antigas. Até mesmo mandou um esquadrão de duendes amassá-las um pouco.

Butler balançou a cabeça.

— Não é assim que esse pessoal faz negócios. Vivo, o Sr. Fowl é um inimigo em potencial. Ele precisa morrer.

Artemis assentiu devagar. Não havia nenhum outro jeito. Ele teria de implementar o plano que havia bolado na estação de lançamento do Ártico.

— Muito bem, todo mundo — falou. — Eu tenho um plano. Mas vai parecer meio extremo.

O celular de Mikhael Vassikin tocou, despedaçando o silêncio do Ártico. Vassikin quase caiu da escotilha da torre.

— *Da?* O que é? Eu estou ocupado.

— Aqui é o Fowl — disse uma voz em russo impecável, mais fria do que o gelo comprimido do Ártico. — É meia-noite. Eu estou aqui.

Mikhael girou, examinando a paisagem ao redor com seu binóculo.

— Aqui? Onde? Não estou vendo nada.

— Bem perto.

— Como você conseguiu este número?

Um risinho veio pelo fone. O som deixou as entranhas

de Vassikin querendo se esvaír.

— Eu conheço alguém. Ele tem todos os números.
Mikhael respirou fundo, tentando se acalmar.

— Você tem o dinheiro?

— Claro. Você tem a entrega?

— Aqui mesmo.

De novo o risinho frio.

— Eu só estou vendo um imbecil gordo, um rato e alguém com capuz sobre a cabeça. Pode ser qualquer um. Não vou pagar cinco milhões pelo primo Yuri.

Vassikin abaixou-se sob a borda da torre.

— Fowl pode nos ver! — sibilou para Kamar. — Fique abaixado.

Kamar se arrastou até o lado mais distante da torre, abrindo uma linha de comunicação com seus homens.

— Ele está aqui. Fowl está aqui. Examinem a área. Vassikin trouxe o telefone de volta ao ouvido.

— Então venha olhar. Você vai ver logo.

— Eu posso ver muito bem daqui. Só tire o capuz. Mikhael cobriu o fone.

— Ele quer que eu tire o capuz. O que devo fazer?
Kamar suspirou. Agora estava começando a ficar claro quem

era o cérebro desta quadrilha.

— Tire. Que diferença faz? De qualquer modo os dois vão estar mortos em cinco minutos.

— Certo. Fowl. Vou tirar o capuz. O próximo rosto que você vai ver é o do seu pai. — O russo grandalhão empurrou o prisioneiro acima da borda da torre de comando. Em seguida estendeu uma das mãos e tirou o grosseiro capuz de anagem.

Do outro lado da linha ele ouviu uma respiração brusca.

Através dos filtros do capacete da LEP emprestado, Artemis podia ver a torre de comando como se estivesse a um metro de distância. O capuz saiu, e ele não conseguiu reprimir um som ofegante.

Era seu pai. Diferente, sem dúvida. Mas não impossível de ser reconhecido. Artemis Fowl I, sem sombra de dúvida.

— Bom — disse uma voz russa em seu ouvido. — É ele? Artemis lutou para impedir que a voz tremesse.

— É. É ele. Parabéns. Você tem uma mercadoria de certo valor.

Na torre de comando, Vassikin fez o sinal de positivo para seu colega.

— É ele — sibilou. — Nós vamos nadar na grana.

Kamar não compartilhava sua confiança. Não haveria comemorações enquanto o dinheiro não estivesse na sua mão.

Butler firmou o fuzil Tirolongo no suporte. Tinha-o escolhido no arsenal da LEP. Mil e quinhentos metros. Não era um tiro fácil. Mas não havia vento, e Potrus havia lhe dado um telescópio que mirava para ele. O tronco de Artemis Fowl I estava no centro de sua mira. Ele respirou fundo.

— Artemis. Tem certeza? Isso é arriscado.

Artemis não respondeu, verificando pela centésima vez que Holly estava na posição. Claro que não tinha certeza. Um milhão de coisas poderiam dar erradas naquela trama, mas que escolha ele possuía?

Artemis assentiu. Só uma vez.

Butler atirou.

O tiro pegou Artemis I no ombro. Ele girou, caindo sobre o espantado Vassikin.

O russo uivou enojado, empurrando o irlandês ensanguentado pela borda da torre de comando. Artemis I escorregou ao longo da parede externa da torre, despedaçando as placas de gelo quebradiço grudadas no casco do submarino.

— Ele atirou nele — ganiu o russo. — Aquele diabo atirou no próprio pai.

Kamar estava perplexo.

— Idiota! — uivou. — Você acabou de jogar fora o nosso refém! — Ele olhou para as águas negras do ártico. Nada restava do *Irlanskii*, além de marolas.

— Desça e vá pegá-lo, se quiser — disse Vassikin, car-rancudo.

— Ele estava morto?

O parceiro deu de ombros.

— Talvez. Estava sangrando muito. E se a bala não acabou com ele, a água vai acabar. De qualquer modo, não é culpa nossa.

Kamar xingou.

— Não acho que Britva vá concordar com isso.

— Britva — sussurrou Vassikin. A única coisa que o *Menidzher* entendia era dinheiro. — Ah, deuses. Nós estamos mortos.

O celular chacoalhou no convés. O alto-falante estava vibrando. Fowl continuava do outro lado da linha.

Mikhael pegou o telefone como se ele fosse uma grana-da.

— Fowl? Você está aí?

— Estou.

— Seu diabo maluco! O que está fazendo? Seu pai deve estar morto. Eu achei que a gente tinha um trato!

— Ainda temos. Um trato novo. Você ainda pode ganhar algum dinheiro esta noite.

Mikhael parou de entrar em pânico e começou a prestar atenção. Poderia haver uma saída para esse pesadelo?

— Estou ouvindo.

— A última coisa de que eu preciso é que meu pai volte e destrua o que eu construí nos últimos dois anos.

Mikhael assentiu. Isso fazia todo o sentido para ele.

— Por isso ele teve de morrer. Eu mesmo tive de fazer isso, para ter certeza. Mas eu ainda posso deixar uma coisinha para vocês.

Mikhael mal podia respirar.

— Uma coisinha?

— O resgate. Todos os cinco milhões.

— E por que faria isso?

— Vocês levam o dinheiro; eu tenho passagem segura para casa. É justo?

— Para mim parece justo.

— Muito bem. Agora olhe para o outro lado da baía, acima do fiorde.

Mikhael olhou. Havia um sinalizador aceso, bem na borda da geleira.

— Há uma pasta amarrada ao sinalizador. O sinalizador se apaga em dez minutos. Eu chegaria lá antes disso, se fosse você. Caso contrário demoraria anos para achar.

Mikhael não se incomodou em desligar. Simplesmente largou o telefone e correu.

— O dinheiro — gritou para Kamar. — Lá em cima. No sinalizador.

Kamar estava atrás dele num instante, gritando instruções pelo rádio. Alguém tinha de pegar aquele dinheiro. Quem se importava com um *Irlanskii* se afogando quando havia cinco milhões de dólares a serem apanhados?

Raiz apontou para Holly no momento em que Artemis I levou o tiro.

— Vá! — ordenou.

A capitã Short ativou suas asas, saltando da geleira. Claro, o que estavam fazendo ali ia contra todas as regras, mas o Conselho estava dando rédeas soltas a Potrus depois de tê-lo mais ou menos condenado por traição. As únicas condições eram que o centauro estivesse em comunicação constante e que cada membro do grupo tivesse pacotes de incineração por con-

trole remoto, para que eles e toda a tecnologia do povo das fadas pudessem ser destruídos no caso de captura ou baixa.

Holly acompanhava os acontecimentos no submarino através de seu visor. Viu o impacto da carga no ombro de Artemis I, jogando-o contra o russo grandalhão. Sangue surgiu em seu campo de visibilidade. Ainda estava quente o bastante para ser captado pelo sensor de imagem térmica. Holly tinha de admitir que parecia verdadeiro. Talvez o plano de Artemis funcionasse. Talvez os russos fossem enganados. Afinal de contas, geralmente os humanos viam o que queriam ver.

Então as coisas deram terrivelmente erradas.

— Ele está na água! — gritou Holly no microfone do capacete, acelerando ao máximo as asas. — Ele está vivo, mas não vai durar muito se nós não o pegarmos.

Ela voou em silêncio sobre o gelo brilhante, com os braços cruzados no peito para aumentar a velocidade. Estava indo rápido demais para a visão humana perceber. Poderia ser um pássaro ou uma foca rompendo as ondas. O submarino crescia à sua frente.

A bordo do Tufão, os russos estavam evacuando. Descendo a escada da torre, com os pés escorregando na pressa. E em terra a mesma coisa. Homens abandonando a cobertura,

correndo pelo mato congelado. O comandante devia ter visto o sinalizador.

Aqueles Homens da Lama estariam num delírio para achar seu precioso dinheiro, só para vê-lo se dissolver em 72 horas. Isso iria lhes dar tempo de entregá-lo ao chefe. As chances eram de que ele não ficaria feliz com dinheiro que desaparecia.

Holly chegou perto do casco do submarino, segura contra a radiação em seu macacão e no capacete. No último momento virou para cima, abrigada da costa norte pela torre de comando. Apertou o acelerador, pairando acima do buraco no gelo onde o humano caíra. O comandante estava falando em seu ouvido, mas Holly não respondeu. Tinha um serviço a fazer e não tinha tempo para falar.

O povo das fadas odeia o frio. Odeia. Algumas criaturas têm tanta fobia de temperaturas baixas que nem mesmo tomam sorvete. A última coisa que Holly queria fazer agora era colocar ao menos a ponta do dedo do pé naquela água radiativa e com temperatura abaixo de zero. Mas que escolha tinha?

— *D'Arvit*— xingou, e mergulhou na água.

Os microfilamentos de seu macacão diminuía o frio, mas não podiam afastá-lo totalmente. Holly sabia que tinha se-

gundos antes que a queda de temperatura reduzisse suas reações e a colocasse em estado de choque.

Abaixo, o humano inconsciente estava pálido como um fantasma. Holly mexeu nos controles da asa. Um toque um pouquinho exagerado no acelerador poderia mandá-la fundo demais. Um pouquinho de menos e ela não iria alcançá-lo. E nessas temperaturas você só tem uma tentativa.

Apertou o acelerador. O motor zumbiu uma vez, lançando-a a dez braças de profundidade. Perfeito. Agarrou Fowl I pela cintura, prendendo-o rapidamente ao seu CintoLua. Ele ficou pendurado ali, frouxo. Precisava de uma infusão de magia, e quanto antes melhor.

Holly olhou para cima. Parecia que o buraco no gelo já estava se fechando. Haveria mais alguma coisa que poderia dar errado? O comandante estava gritando em seu ouvido, mas ela não prestou atenção, concentrando-se em voltar para a terra seca.

Cristais de gelo se entreteciam pelo buraco como teias de aranha. O oceano parecia decidido a ficar com eles.

Acho que não, pensou Holly, apontando a cabeça para a superfície, e acelerando ao máximo possível. Os dois despedaçaram o gelo, saltaram no ar e pousaram na superfície cinza do

convés de proa do submarino.

O rosto do humano estava da cor da paisagem em volta. Holly se agachou sobre o peito dele como uma criatura predatória, expondo o suposto ferimento ao ar da noite. Havia sangue no convés, mas era sangue de Artemis Júnior: eles haviam aberto uma cápsula de Hidrosion e enchido com sangue tirado do braço de Artemis. Com o impacto, o projétil havia derrubado Artemis I, lançando o líquido vermelho numa espiral pelo ar. Muito convincente. Claro, ser lançado nas águas gélidas não fizera parte do plano.

A cápsula não tinha penetrado na pele, mas o Sr. Fowl ainda não estava em segurança. O filtro de imagem térmica de Holly mostrava que seus batimentos cardíacos estavam perigosamente lentos e fracos. Ela pôs as mãos no peito dele.

— Cure — sussurrou. — Cure. E a magia escorreu por seus dedos.

Artemis não podia ver a tentativa de resgate feita por Holly. Será que tinha feito a coisa certa? E se a cápsula de Hidrosion tivesse penetrado na carne? Como ele iria encarar a mãe de novo?

— Ah, não! — disse Butler.

Artemis estava ao lado dele num instante.

— O que foi?

— Sei pai está na água. Um dos russos o jogou.

O garoto gemeu. A água era tão mortal quanto qualquer bala. Ele tivera medo de que alguma coisa assim acontecesse.

Raiz também estava acompanhando a tentativa de resgate.

— Certo. Ela está sobre a água. Consegue vê-lo, Holly? Sem resposta. Só estática nos fones de ouvido.

— Condições, capitã? Responda. Nada.

— Holly?

Ela não está falando porque é tarde demais, pensou Artemis. Não há nada que ela possa fazer para salvar meu pai, e é tudo culpa minha.

A voz de Raiz atravessou seus pensamentos.

— Os russos estão evacuando — disse ele. — Holly está junto ao submarino agora, sobre o buraco no gelo. Ela vai mergulhar. Holly, o que você está vendo? Ande, Holly. Fale comigo.

Nada. Pelo tempo mais longo.

Então Holly apareceu através do gelo como um golfinho mecânico. Atravessou brevemente a noite do Ártico e pousou no convés do Tufão.

— Ela está com o seu pai — disse o comandante. Artemis pôs o capacete de reserva do Recon, desejando que a voz de Holly soasse pelos alto-falantes. Ampliou a imagem do visor até parecer que ele poderia tocar o pai, e viu Holly se curvar sobre o peito de seu pai, enquanto pulsos de magia desciam pelos dedos.

Depois de vários instantes Holly ergueu a cabeça, direto nos olhos de Artemis, como se soubesse que ele estava olhando.

— Consegui — ofegou ela. — Um Homem da Lama vivo. Ele não está bonito, mas está respirando.

Artemis se deixou cair no chão, com soluços de alívio sacudindo os ombros magros. Chorou durante um minuto inteiro. Depois voltou a se controlar.

— Bom trabalho, capitã. Agora vamos sair daqui antes que Potrus ative um daqueles pacotes de incineração por acidente.

Nas entranhas da terra o centauro se recostou na cadeira diante do console de comunicação.

— Não me tente — riu ele.

UM EPÍLOGO OU DOIS

TARA

ARTEMIS ESTAVA VOLTANDO para St Bartleby's. Era lá que ele deveria estar quando os serviços médicos de Helsinki identificassem seu pai a partir do passaporte adequadamente envelhecido que Potrus tinha feito.

Holly fizera o máximo pelo ferido, curando o machucado no peito e até restaurando a visão ao olho cego. Mas era tarde demais para recolocar a perna, que, de qualquer modo, eles não tinham. Não, Artemis I precisava de prolongados cuidados médicos, e isso precisaria começar em algum local que pudesse ser racionalmente explicado. Assim Holly voou para o sudoeste até Helsinki, deixando o homem inconsciente na porta do Hospital Universitário. Um porteiro viu o paciente alado, mas tivera a lembrança apagada com sucesso.

Quando Artemis I recuperasse a consciência, os últimos dois anos seriam um borrão, e sua última lembrança seria feliz: despedindo-se da família no porto de Dublin. De novo graças a Potrus e sua tecnologia de apagamento mental.

— Por que eu não vou direto morar com vocês? — zombou o centauro quando eles voltaram à Central Plaza. — Aproveito para passar sua roupa, já que estou no serviço mesmo.

Artemis sorriu. Ele vinha fazendo isso um bocado ultimamente. Até a despedida de Holly fora melhor do que ele poderia ter esperado, considerando que ela o vira atirar no próprio pai. Artemis estremeceu. Antecipava muitas horas sem sono por causa daquela estratégia específica.

A capitã os escoltou até Tara, fazendo com que passassem por uma cerca viva holográfica. Havia até mesmo uma vaca holográfica pastando as folhas virtuais para fazer com que os humanos não percebessem nada do povo das fadas.

Artemis estava de volta com seu uniforme da escola, que fora milagrosamente restaurado pela tecnologia do Povo. Ele cheirou a lapela.

— O cheiro do paletó *é* estranho — comentou. — Não é desagradável, mas estranho.

— Está completamente limpo — disse Holly, sorrindo. — Potrus teve de passá-lo três vezes pelo ciclo da máquina para tirar...

— Para tirar o Homem da Lama dele — completou

Artemis.

— Exato.

Havia uma lua cheia no alto, luminosa e pintalgada como uma bola de golfe. Holly podia sentir a magia penetrando no corpo.

— Potrus disse que, devido à ajuda que você nos deu, ele vai retirar a vigilância à mansão Fowl.

— É bom saber disso.

— É a decisão certa? Artemis pensou.

— É. O Povo está seguro com relação a mim.

— Bom. Porque grande parte do Conselho queria que você tivesse a mente apagada. E com um naco de memória tão grande, o seu QI poderia diminuir um bocado.

Butler estendeu a mão.

— Bem, capitã. Acho que não vou vê-la de novo. Holly apertou-a.

— Se vir, será tarde demais. — A capitã Short se virou para a fortaleza das fadas. — É melhor eu ir. Logo vai amanhecer. Não quero ser apanhada sem escudo por um satélite espião. A última coisa de que preciso é minha foto em toda a Internet, principalmente quando acabo de ser readmitida no Recon.

Butler deu uma leve cotovelada no patrão.

— Ah, Holly... Ei... capitã Short. Ei? — Artemis não podia acreditar que ele tinha dito *ei*. Nem era uma palavra.

— Sim, Garoto da L... Sim, Artemis?

Artemis olhou nos olhos de Holly, como Butler tinha instruído. Como este era um negócio civil, ficava mais difícil do que era de pensar. — Eu gostaria de... quero dizer. O que eu quero dizer é...

Outra cotovelada de Butler.

— Obrigado. Eu lhe devo tudo. Por causa de você eu tenho os meus pais. E o modo como você pilotou aquele veículo foi simplesmente espetacular. E no trem... Bom, eu nunca poderia ter feito o que você...

Uma terceira cotovelada. Dessa vez para parar com o blablablá.

— Desculpe. Bom, você captou a idéia.

As feições élficas de Holly tinham uma expressão estranha. Em algum ponto entre o embaraço e, talvez, deleite. Ela se recuperou rapidamente.

— Talvez eu também lhe deva alguma coisa, humano — disse ela, sacando a pistola. Butler quase reagiu, mas decidiu dar a Holly o benefício da dúvida.

A capitã Short pegou uma moeda de ouro no cinto, jo-

gando-a a cinco metros em direção ao céu enlazarado. Com um movimento ágil, levantou a arma e deu um único tiro. A moeda subiu mais cinco metros, depois girou em direção à terra. De algum modo Artemis conseguiu pegá-la no ar. O primeiro momento maneiro de sua vida jovem.

— Belo tiro — falou. O disco anteriormente compacto agora tinha um buraco minúsculo no centro.

Holly estendeu a mão, revelando a cicatriz ainda áspera no dedo.

— Se não fosse por você, eu teria errado totalmente. Nenhum dedo mecânico pode imitar esse tipo de precisão. Então, obrigada também, acho.

Artemis estendeu a moeda.

— Não — disse Holly. — Fique com ela, para se lembrar.

— Para me lembrar? Holly o encarou francamente.

— Para se lembrar de que bem no fundo das camadas de vilania, existe uma brasa de decência. Talvez você possa soprar essa fagulha de vez em quando.

Artemis fechou os dedos em volta da moeda. Ela estava quente em sua palma.

— É, talvez.

Um pequeno avião de dois lugares zumbiu acima. Artemis olhou para o céu, e quando olhou para baixo de novo, Holly tinha sumido. Uma leve névoa de calor pairava acima do capim.

— Adeus, Holly — disse ele em voz baixa.

O Bentley deu a partida na primeira virada da chave. Em menos de uma hora eles chegavam ao portão principal da escola St Bartlebys.

— Não se esqueça de deixar o telefone ligado — disse Butler, segurando a porta. — As autoridades de Helsinki devem estar recebendo logo os resultados do rastreamento feito com a Interpol. O dossiê de seu pai foi reativado nos computadores deles; graças, de novo, a Potrus.

Artemis assentiu, vendo se o telefone estava ligado.

— Tente localizar mamãe e Juliet antes que a notícia chegue. Não quero ter de sair procurando por elas em cada spa no sul da França.

— Sim, Artemis.

— E verifique se minhas contas estão bem escondidas. Não é preciso que papai saiba exatamente o que eu andei fazendo nos últimos dois anos.

Butler sorriu.

— Sim, Artemis.

Artemis deu alguns passos na direção do portão do colégio, depois se virou.

— E, Butler, mais uma coisa. No Ártico...

Artemis não podia perguntar, mas o guarda-costas sabia a resposta mesmo assim.

— Sim, Artemis — falou gentilmente. — Você fez a coisa certa. Era o único modo.

Artemis assentiu, parado junto ao portão até o Bentley desaparecer pela avenida. A partir desse momento sua vida seria diferente. Com os dois pais na mansão, seus esquemas teriam de ser planejados muito mais cuidadosamente. Sim, ele devia ao Povo deixá-los em paz durante um tempo, mas Palha Escavator... era outra coisa. Tantas instalações seguras, tão pouco tempo.

SALA DO SUPERVISOR, ESCOLA ST BARTLEBY'S PARA JOVENS CAVALHEIROS

Não somente o doutor Po ainda trabalhava em St Bartlebys, mas parecia fortalecido pelo afastamento de Artemis.

Seus outros pacientes eram casos relativamente comuns de controle de agressividade, estresse diante das provas e timidez crônica. E esses eram apenas os professores.

Artemis se acomodou no sofá, cuidando para não apertar acidentalmente o botão e desligar o celular.

O doutor Po assentiu para o computador.

— O diretor Guiney me repassou o seu e-mail. Encantador.

— Sinto muito por aquilo — murmurou Artemis, surpreso em descobrir que realmente sentia. Chatear as pessoas geralmente não o chateava. — Eu estava numa fase de negação. Por isso projetei minhas ansiedades no senhor.

Po meio que deu um risinho.

— É, muito bom. Exatamente o que diz o livro.

— Eu sei.

E Artemis sabia. O doutor E Roy Dean Schippe tinha contribuído com um capítulo para aquele livro em particular.

O doutor Po pousou a caneta, coisa que nunca tinha feito antes.

— Sabe, você ainda não resolveu aquela última questão.

— Que questão, doutor?

— A que abordamos em nossa última sessão. Sobre o

respeito.

— Ah, aquela.

Po juntou os dedos das duas mãos.

— Quero que finja que sou tão inteligente quanto você, e me dê uma resposta honesta.

Artemis pensou no pai, que estava na cama de um hospital em Helsinki, na capitã Holly Short arriscando a vida para ajudá-lo e, claro, em Butler, sem o qual ele nunca teria saído dos Laboratórios Kobi. Ergueu os olhos, e pegou o doutor Po sorrindo para ele.

— Bem, meu jovem, encontrou alguém digno do seu respeito?

Artemis sorriu de volta.

— Sim. Acho que sim.